



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
abertura do 1º Congresso Nacional de Arranjos Produtivos locais**

Brasília-DF, 02 de agosto de 2004

Meu caro companheiro Luiz Fernando Furlan, ministro do
Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Meu caro companheiro Guido Mantega, ministro do Planejamento,
Orçamento e Gestão,

Meu caro companheiro Ciro Gomes, ministro da Integração Nacional,

Meu caro companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento,

Meu caro Eunício Oliveira, ministro das Comunicações,

Meu querido Walfrido Mares Guia, ministro do Turismo,

Minha querida companheira Marisa,

Meu amigo deputado Armando Monteiro Neto, presidente da
Confederação Nacional da Indústria,

Meu caro Silvano Gianni, diretor-presidente do Sebrae,

Meu caro Armando Mariante, presidente do Inmetro,

Meu caro Juan Manuel Quirós, presidente da Agência de Promoção e
Exportação do Brasil,

Meus amigos, minhas amigas,

Meus caros amigos representantes de micro e pequenas empresas,

Meus amigos jornalistas. Aliás, por falar em jornalista, é importante dizer
que os jornalistas não reivindicaram, Ricardo Kotscho, mas eu vou fazer uma
reivindicação. É a segunda vez que eu venho aqui, neste auditório, e eu noto o
seguinte: era importante que o microfone ficasse daquele lado para a imprensa
pegar de frente quem está falando e quem está na mesa, senão nos pega de
costas, e só quem que está falando, de frente. Como o sindicato dos jornalistas



não tem nenhuma reivindicação, eu estou fazendo a reivindicação para ver toda a categoria trabalhar, não mais, mas para trabalhar, eu diria, com mais tranqüilidade.

Dizer ao meu amigo Armando Monteiro que, no próximo dia 6 nós vamos, em Belo Horizonte, continuar aquela reunião que fizemos no Palácio do Planalto, onde o governo, com todos os ministros que participaram daquela primeira reunião, vamos dar a resposta para cada item daqueles que a CNI pleiteou e, certamente, uns serão atendidos, outros serão discutidos e outros virão a ser discutidos no futuro. Mas, de qualquer forma, nós vamos estabelecer o relacionamento que, há muitos e muitos anos, era reivindicado pelos empresários e, não sei porque cargas d'água, não era colocado em prática.

Nós partimos do princípio, Armando, de que o que vale para este país é tirarmos proveito do bom momento que o Brasil está vivendo, um momento de respeitabilidade, de credibilidade, e um momento em que as coisas estão andando, eu diria, de vento em popa, ou seja, eu digo sempre que nós precisamos apenas acreditar naquilo que nós temos competência para fazer. O povo sabe fazer, o povo é criativo.

Aquela visita que nós fizemos a algumas representações das APLs demonstram que o povo precisa apenas de oportunidade para fazer as coisas. O papel do governo é o de criar as condições econômicas e políticas para que as coisas aconteçam e rezar para que todo mundo trabalhe o máximo possível, porque o Brasil não pode jogar fora mais uma oportunidade. Não foram poucas as oportunidades que o Brasil perdeu e eu penso que o mundo está, hoje, olhando o Brasil com outros olhos.

O Furlan deveria ter vindo aqui e ter lido a matéria da Newsweek, que iria mostrar um pouco como é que o mundo está vendo o Brasil, porque houve um tempo em que nós éramos vistos como se fôssemos um país do carnaval, do futebol, um país de criança de rua, um país do autoritarismo. Eu acho que



nós tínhamos um pouco de cada coisa, mas a verdade é que nós temos também competência para sermos vistos como um país que tem capacidade de competição nos mais diferentes ramos da atividade econômica. Acho que o Brasil aprendeu a sair para o mundo vendendo aquilo que tem de bom e não ficar esperando que as pessoas venham aqui nos descobrir. Nós já fomos descobertos muito antes, agora, nós precisamos descobrir os mercados que nós desejamos.

Não dá para a gente ficar aqui esperando. Como diria o Roberto “os japoneses há 20 anos ameaçam comprar manga do Brasil e não compram, porque tem sempre um pretexto fitossanitário para não comprar”.

Então, nós temos que ir lá e forçar. Essa manga é melhor do que a manga que eles chupam de qualquer parte do mundo, ou seja, se nós não formos lá, fica muito difícil a gente querer vender. E isso vale para coisas maravilhosas que se produz neste país, desde o artesanato. Um país que tem a quantidade de pedras semipreciosas que tem o Brasil pode produzir coisas fantásticas e vender para o mundo. Qual é a mulher que não gosta de um brinco, de um colar, de algum enfeite? Afinal de contas, nós passamos a vida tentando nos enfeitar. Uns ficam mais bonitos com o enfeite, outros não tem jeito, não tem enfeite, mas de qualquer forma são coisas que todo mundo usa e que, portanto, se nós temos condições de colocar no mundo, nós não temos que ficar esperando.

Eu falei para o Furlan no avião hoje: toda vez que nós viajarmos agora, para qualquer país que nós formos, nós vamos fazer a apresentação de alguns dos produtos que nós temos. Se é joalheria, vamos vender a nossa joalheria, vamos apresentar, vamos mostrar para o mundo que nós estamos melhor do que qualquer um deles. Até porque muito do que eles produzem é com a nossa matéria-prima, então, porque não colocar valor agregado e ganhar o dinheiro para gerarmos a riqueza que nós precisamos?

Eu acho que este momento está sendo vivido com muita grandeza pelo



povo brasileiro. Acho que o povo brasileiro descobriu que ele pode ser melhor, ele pode fazer mais e pode ser muito mais respeitado. E respeito, vocês sabem, não é uma coisa que vem de graça. Respeito a gente conquista com procedimentos, com condutas, com políticas.

Eu me lembro que quando nós começamos o governo e eu indiquei o Furlan e o Roberto Rodrigues, sobretudo, e o Celso Amorim, eu dizia para os três: olha, temos que ter uma política de massacre neste país. Não dá para a gente ficar aqui achando que nós sabemos fazer. Temos que vender o que nós sabemos fazer. Eu acho que o resultado disso tem sido auspicioso para todos. Acho que não temos porque não fazer mais, sermos mais competentes.

O Furlan me dizia agora há pouco: “as exportações de julho deste ano, comparadas a julho do ano passado, cresceram 50%”, ou seja, nós estamos batendo recordes atrás de recordes nas nossas exportações. E vocês podem ter certeza, por menores que vocês sejam, mas se nós contribuirmos para que os produtos que vocês produzem sejam competitivos e se nós garantirmos a possibilidade de divulgar as nossas coisas lá fora, certamente, vocês poderão amanhã, se tornar grandes, até porque vocês não nasceram para ser pequenos a vida inteira, vocês nasceram com o objetivo de crescer. Isso tem sido o motivo de muito orgulho para nós que viajamos por esse mundo, vendendo as coisas boas do Brasil.

É bem possível que alguém, um dia, tenha viajado para vender o Brasil. Nós queremos vender as coisas que o Brasil produz, vender os produtos brasileiros e eu acho que nós temos condições excepcionais para crescermos muito mais do que estamos crescendo.

Por isso, eu quero dar os parabéns a vocês que estão neste seminário. Com esta já é a 10ª conferência de que eu participo em menos de 18 meses, em conferências sobre vários assuntos, numa demonstração de que o governo tem consciência de que não sabe tudo. O governo tem consciência de que ele vai acertar muito mais, quando ele tiver competência para ouvir aquilo que seja



síntese do debate e do conhecimento da sociedade brasileira e com isso, certamente, todos nós teremos a ganhar.

Nós, na medida em que tenhamos consciência que um presidente da República, um ministro, um chefe de gabinete do ministro, tem um tempo determinado para estar aqui, mas que o Brasil continua e as instituições continuam e nós não devemos nos apegar ao poder pelo poder, certamente, a chance de nós termos sucesso será infinitamente maior do que a que nós já tivemos até agora.

É por isso que um encontro como este me satisfaz, me dá prazer, me dá orgulho, porque nós estamos nos redescobrimos enquanto gente, enquanto nação, enquanto capacidade tecnológica, enquanto criatividade. Recentemente, em um debate em Genebra, para 264 empresários de 21 nações, ouvi o depoimento do presidente da Mercedes Bens que me marcou profundamente. Eu nunca tinha visto um brasileiro ter tanto orgulho do trabalhador brasileiro como tinha aquele presidente de uma multinacional alemã. O que ele disse da criatividade do povo brasileiro foi algo que me deixou extremamente emocionado. Depois eu vi, pela segunda vez, também de uma empresa multinacional, da vice-presidente mundial da Ford, o que ela falou da capacidade de aprendizado do nosso jovem, da experiência que eles estão tendo em Camaçari, na Bahia. É motivo para deixar qualquer governante feliz, alegre, porque o seu povo, tranqüilamente, pode competir em toda e qualquer área.

Por isso, uma ocasião como esta, é fundamental para o nosso país. Eu penso que todos vocês sairão daqui mais otimistas, mais convencidos de que nós poderemos fazer muito mais.

Numa reunião como esta, numa ocasião como esta, empreendedores e representantes de associações e sindicatos de empresas, dos mais variados portes, estão juntos com o governo na busca de soluções criativas e viáveis para o desenvolvimento econômico e social do nosso país.



Nós, do governo, não estamos aqui apenas para falar, nem somente para ouvir. Estamos aqui para trocar experiências e avançar juntos, por meio do diálogo democrático e franco na construção de um país mais forte e socialmente justo. Muitos de vocês representam micros, pequenas e médias empresas. São empreendedores em várias regiões, que confiam no nosso país. Mas trazem, em comum, desilusões e dificuldades não superadas, de um longo período em que parecia que só os grandes teriam vez e voz no Brasil.

Nós sabemos a importância das grandes empresas, dos grandes investidores e o poder que detém hoje, no mundo, mas sabemos também que no nosso projeto de nação, os pequenos e médios empreendedores têm lugar e espaço suficiente para crescer e prosperar.

Para garantir isso é preciso ter objetivos claros e políticas públicas bem definidas. Erraram os que defenderam a última década, e alguns ainda o fazem, que a omissão do Estado era necessária para que alcançássemos progresso e justiça social. A verdade, comprovada por todos nós, especialmente pelas senhoras e pelos senhores, é que os resultados da globalização têm demonstrado justamente o contrário: a necessidade de instrumentos eficazes e coordenação democrática do desenvolvimento, para que os seus resultados beneficiem a todos.

Minhas amigas e meus amigos,

Já são mais de 460 os arranjos produtivos locais onde o governo federal está atuando. E esse número deverá crescer ainda muito mais, quem sabe, com o incentivo desta Conferência.

Muitos desses arranjos se dedicam, por exemplo, à indústria de confecção, movimentando diversos pequenos empreendimentos e seus fornecedores de tecidos, máquinas e insumos. Outros estão organizados em torno de pólos moveleiros, integrados ao fornecimento de madeira e acessórios. Diversos casos vão da fruticultura à fabricação de auto-peças.

O governo tem participado desses arranjos, oferecendo-lhes,



principalmente, linhas de crédito e capacitação empresarial e tecnológica. Aqui uma coisa importante, toda vez que nós falamos de linha de crédito, é importante a gente fazer com que, na prática, a nossa teoria aconteça, porque muitas vezes se anuncia e muitas vezes as pessoas vão ao banco procurar e as coisas não foram arranjadas ainda. E essas coisas, não adianta deixar passar um mês, quinze ou vinte dias, para reclamar não, é preciso reclamar imediatamente para que possa haver uma intervenção do ministro responsável para que a coisa aconteça, senão você pode ter o seu projeto truncado por um gerente ou por um funcionário de uma agência bancária, o que não interessa nem ao banco, e nem interessa ao governo o que o setor pensa. Mas se nós não soubermos, também fica difícil.

Às vezes nós encontramos pessoas que falam: “é, mas o governo anunciou, faz 5 meses e não saiu”. Ora, se você não avisar, eu fico pensando que as coisas estão acontecendo de forma maravilhosa. Eu me lembro de algo que eu vou dizer, porque normalmente a gente só fala bem da gente, mas é importante falar coisas que os outros podem até criticar. O Ciro Gomes, o Palocci, me procuraram há um tempo atrás e me falaram que o Nordeste brasileiro não tinha conseguido gastar todo o dinheiro do Fundo Constitucional e que o Centro-Oeste já tinha gasto tudo o que tinha e precisava de mais dinheiro. Na hora, nós decidimos que iríamos dar R\$ 1 bilhão a mais para o Centro-Oeste, aí eu saí pelo Brasil falando que daríamos R\$ 1 bilhão para o Centro-Oeste.

Qual não foi a minha surpresa quando um dia desses, conversando com algumas pessoas, entre as quais o Ciro, eu fiquei sabendo que o dinheiro não tinha saído ainda. O que houve? Houve um problema burocrático. O que aconteceu? Na última quinta-feira, nós decidimos resolver o problema burocrático e na própria sexta-feira eu assinei a Medida Provisória garantindo R\$ 1 bilhão para o Centro-Oeste, porque não é possível que isso aconteça com uma região que esteja crescendo como a região do Centro-Oeste. Nos termos



o dinheiro para dar, e o dinheiro não chegar lá. Eu espero que a gente, agora, tire o tempo perdido e possa recuperar a capacidade produtiva da região, que tem crescido de forma excepcional nos últimos anos.

O nosso governo tem participado desses arranjos oferecendo, principalmente, linhas de crédito e capacitação empresarial e tecnológica. E isso não tem ocorrido por acaso. Os arranjos produtivos locais são parte fundamental do nosso Plano Plurianual 2004/2007, no que se refere ao desenvolvimento regional e são contempladas nas nossas políticas industrial, tecnológica e de comércio exterior, coordenadas pelo nosso companheiro Furlan.

O trabalho direto com esses centros de produção também está sendo feito pelo Ministério da Integração Nacional, implementando programas mesorregionais no semi-árido e nas regiões de fronteira.

Desde 2003 estão sendo investidos 60 milhões de reais nesses programas, possibilitando a organização do arranjo de gemas e jóias no Vale do Jequitinhonha e o de pesca na região do Alto Solimões, entre outras iniciativas.

Quando a gente cresce muito nessa questão da pesca, sobretudo, da aquicultura, – veja que já começaram a brigar conosco pela questão dos camarões, porque o nosso está maior, de boa qualidade, mais barato. Então, aqueles que defendem o livre comércio, de vez em quando, sabem, que não são tão livres assim. Mas como nós acabamos de ganhar a briga do algodão, acabamos com a felicidade do Roberto Rodrigues e do Furlan, tivemos uma grande vitória em Paris onde, me parece, demos o passo mais extraordinário para que a gente possa acabar com o subsídio agrícola da União Européia e dos Estados Unidos, eu acho que nós vamos ganhar a do camarão também, porque na hora em que o povo começar a experimentar aquele camarão produzido no Nordeste, até por um preço mais barato, certamente, vai prevalecer a nossa competência de criar camarões. Eu acho que nós



descobrimos aí um filé, filé de camarão, obviamente, para a gente poder ajudar, sobretudo, os pequenos produtores do Nordeste e das regiões mais pobres do país.

Os outros ministérios, entre eles o do Planejamento, da Educação, da Ciência e Tecnologia e do Desenvolvimento Agrário, e diversas instituições como o Sebrae, a Finep, o Inmetro, também vêm atuando com muito destaque nesse mesmo sentido.

Meus companheiros, companheiras, empreendedores,

O grupo de trabalho permanente que está sendo criado, aqui, hoje, tornará as ações que já estão em andamento ainda mais coordenadas e eficazes. As diferentes áreas do governo passarão a trabalhar com maior complementaridade trocando mais informações e estabelecendo políticas cada vez mais integradas.

O grupo também acompanhará uma série de arranjos produtivos locais, que já são atendidos pelo governo. Com isso vão analisar o efeito das políticas públicas em cada localidade e também ouvir as sugestões dos empreendedores e trabalhadores para aperfeiçoar as atividades. Outra iniciativa que quero destacar é a dos selos de qualidade, que o Instituto Nacional de Metrologia, o Inmetro, e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, Sebrae, lançaram aqui hoje. Se não lançaram, vão lançar na hora em que eu sair. São programas novos que vão ajudar as empresas a qualificarem melhor os seus produtos junto ao consumidor.

Além disso, o bônus de certificação e o bônus de metrologia permitirão às empresas que participam de arranjos produtivos locais utilizarem a infraestrutura dos laboratórios credenciados pelo Inmetro, com redução de custos de 50 a 70%. Já a certificação em consórcios permitirá às empresas se associarem para, juntas, passarem seus produtos pelos processos de certificação, o que gerará uma grande economia de escala. Os recursos para isso, que são de pequena monta, já estão garantidos na política industrial



tecnológica e de comércio exterior, com a alocação de 14 milhões e 900 mil reais, dos quais 2 milhões e 600 mil já estão sendo liberados imediatamente. O Furlan falou que liberaram. Então, prestem atenção, são 14 milhões e 900 mil reais, dos quais 2 milhões e 600 mil estão sendo liberados imediatamente. Toda vez que anunciaremos um número desses devemos dar o número do telefone para reclamação. Esse pessoal do Ministério da Indústria e Comércio só faltou ter colocado aqui: 14 milhões e 999,9. Podiam ter chegado aos 15 milhões. O Guido contingenciou 100?

O Ministério do Desenvolvimento e o Sebrae também vão trabalhar de forma cooperada no apoio à inserção comercial dos produtos das micro, pequenas e médias empresas, organizadas nesses arranjos. As ações incluirão projetos de centrais, bolsas de negócios, feiras logísticas e desenvolvimento de marcas coletivas.

Meus amigos e minhas amigas,

O caminho da união é o que dá força e viabilidade aos nossos propósitos. Isso vale para os trabalhadores, para os empresários e para os países. É assim que podemos potencializar nossas qualidades, nossa voz e nossa ação.

Eu quero dizer para vocês que prossigam nessas empreitadas e contem com nosso apoio. O governo certamente vai fazer sua parte e vai permanecer aberto aos debates e às novas propostas, que certamente sairão desta conferência. Eu queria que vocês trabalhassem com a certeza de que o papel do governo no desenvolvimento dos arranjos produtivos locais é o de ajudar. Na hora em que vocês perceberem que o governo está atrapalhando, alguém tem que dizer. Porque quando você vira governo, tem tanta gente que gosta, que mesmo nos erros continua concordando com o governo. Nós não queremos, porque o que vocês conseguirem produzir de propostas políticas, não servirá possivelmente para mim, ou para o Furlan, ou para o Armando, mas, quem sabe, servirá para os nossos filhos, os nossos netos, se a gente



conseguir este intento.

Muitas vezes ministros ou pessoas ligadas às ONGs, ou pequenos empresários, viajam à região da Emilia Romana, na Itália, e voltam boquiabertos com o sucesso dos arranjos produtivos locais, com o sucesso das cooperativas. Agora, aquilo não aconteceu da noite para o dia. Aquilo aconteceu em muitos anos, com muito trabalho, com muitos erros e com muitos acertos. E nós já temos um pouco de erros e temos um pouco de acertos. Nós temos apenas que acreditar que o que nós fizemos daqui para a frente vai depender de nós.

Eu acho que nós temos condições de ter um mercado interno muito mais forte para ajudar o crescimento das micro e pequenas empresas brasileiras. Esta semana, possivelmente, a gente vai apresentar algumas novidades para a micro, pequena e média empresa. A gente nunca pode avisar porque a imprensa passa a trabalhar como se fosse verdade e aí aparece um monte de informação que muitas vezes não é o que a gente quer apresentar.

Mas, de qualquer forma, nós acreditamos que o Brasil precisa fazer, nesse momento, tudo que puder para que a gente possa dar à micro e pequena empresa, a possibilidade de sobreviver sem susto, com políticas de financiamento mais justas, com políticas tributárias mais justas e com um mercado em potencial mais justo e, quem sabe, facilitado por nós.

O que nós podemos fazer, eu diria que é isso. Eu digo sempre o seguinte: se eu puder, ao viajar o mundo, servir de *outdoor* dos seus produtos, me usem. Se não puder, não me deixem viajar.

Obrigado e boa sorte.

/rss/cms/



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
apresentação de modelo da plataforma para exportação de serviços de
tecnologia da informação da Hewlett-Packard**

Barueri-SP, 02 de agosto de 2004

Senhor John Danilovich, embaixador dos Estados Unidos no Brasil,
Meu caro Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio
Exterior,

Meu caro Eunício Oliveira, ministro das Comunicações,
Meu caro Cláudio Lembo, vice-governador do estado de São Paulo,
Senhora Carly Fiorina,
Aloízio Mercadante,
Meu caro Carlos Ribeiro, presidente da HP no Brasil,

Na verdade eu não estava pensando em fazer um discurso, porque eu acho que a apresentação feita aqui, pela própria HP, demonstra as razões pelas quais eu estou aqui, dois ministros meus estão aqui, mais o nosso líder no governo e outros companheiros do governo, dando importância a este ato de hoje.

E porque nós estamos aqui? Primeiro porque o Brasil, durante os últimos 50 anos, teve extraordinárias oportunidades. Todo mundo que está nesta sala sabe que o Brasil de 1950, 1980, foi um dos países que mais cresceu em todo o mundo. Entretanto, esse crescimento não significou uma repartição da riqueza de forma mais justa para garantir que mais gente da sociedade tivesse acesso aos bens culturais e materiais.

Todo mundo sabe que o Brasil, durante muito tempo, foi considerado um país emergente, um país em vias de desenvolvimento. Eu, quando comecei a minha vida política no sindicato, na década de 70, já ouvia dizer que o país era



um país em vias de desenvolvimento. Já faz mais de 30 anos e o Brasil continua sendo um país em desenvolvimento.

O Brasil já foi a 8ª economia mundial e regrediu nesses últimos 20 anos. A nossa população cresceu de 1970 a 2004, ou seja, em 34 anos nós dobramos a nossa população. E foi exatamente nesse período que a economia passou praticamente 20 anos estagnada, o que nós, aqui, chamávamos de “década perdida”.

Quando nós tomamos posse, havia quase um compromisso ético e moral de tentar recuperar o tempo perdido. A política é feita de uma relação de confiança. Podem ficar certos de que política não é apenas o interesse imediato, política tem uma relação de confiança. Quando dois seres políticos estabelecem negócios, relações diplomáticas, se existe confiança entre quem está na mesa de negociação, as coisas podem fluir com muito mais facilidade, eu diria, com muito mais produtividade para as duas partes. Foi por isso que nós tomamos a decisão de recuperar um pouco a nossa correlação de força política, primeiro na América do Sul, porque muita gente olha a América do Sul com um certo desprezo, mas é importante lembrar que nós somos um mercado de 350 milhões de habitantes, com um PIB de aproximadamente 1 trilhão de dólares, o que não é pouca coisa se levarmos em conta os negócios.

Da mesma forma que o Brasil trabalha com muito interesse junto a países como a África do Sul, a Índia, no sentido de dar o mínimo de oportunidade a alguns países africanos, porque a boa lógica indica que você precisa garantir que os países tenham ascensão até para poder consumir aquilo que você pensa em vender, pensa em produzir.

E nós achamos que era preciso estabelecer essa política porque a nossa política com os Estados Unidos e com a União Européia já é uma política muito sólida, já são relações históricas muito sólidas e quanto mais você tem relações com blocos fortes como Estados Unidos e União Européia, vai havendo menos espaço para você crescer porque eles já são os maiores



parceiros nossos em quase todas as áreas.

Então, abrir novos mercados, novos espaços, novas amizades, novos relacionamentos foi uma tarefa, eu diria, muito grande que nós conseguimos coroar com certo êxito na última sexta-feira, quando em Genebra conseguimos, por fim, sensibilizar corações e mentes americanos, corações e mentes europeus e o subsídio já não é mais um entrave tão grande para que nós possamos exportar determinados produtos onde temos vantagens comparativas.

Essa conversa de hoje, aqui, é porque o Brasil também não quer ser apenas um exportador de matéria-prima, de produtos *in natura*, isso é muito importante. O Brasil precisa se dar uma chance e entrar na era da exportação de conhecimento e tecnologia. E nós temos material humano para isso, nós temos base universitária para isso, nós temos potencial econômico para isso. O que precisamos é tomar a decisão, enquanto nação, de querermos fazer ou não a nossa participação nesse mercado excepcional. Aí, tem uma parte que é a parte da relação humana.

O Brasil precisa procurar bons parceiros, internos e externos, mas tem uma parte que é necessária, que é a parte que o governo tem que fazer, obrigatoriamente nós temos que fazer: se nós vamos continuar a permitir que o acesso à informática seja apenas um privilégio de setores da sociedade brasileira, ou se nós vamos querer que o acesso à informática seja uma coisa de interesse de toda a nação brasileira.

Qual é o papel que o governo joga no processo de inclusão digital? Uma coisa é continuar do jeito que está, apenas pequenos setores da sociedade podem comprar tudo que precisam para ter todas as informações do mundo, e outros setores continuarão analfabetos no que diz respeito ao conhecimento de uma sociedade digitalizada.

Nós resolvemos dar o passo seguinte, envolvendo o Ministério da Indústria, Comércio e Desenvolvimento, o Ministério das Comunicações, o



Ministério da Ciência e Tecnologia, o Ministério da Educação, o Ministério da Integração Nacional e o Ministério do Planejamento para que, juntos, possamos ter uma única política de inclusão digital e não várias políticas, uma de cada ministro, porque isso é o que não deu certo no Brasil durante muito tempo. Ter uma política única de inclusão digital para que o Brasil se torne competitivo também, nesse mundo cada vez mais ágil, cada vez mais exigente e cada vez mais competente.

O Brasil precisa ter uma política especial para que a gente possa produzir mais, eu diria, mais e melhor, computadores que possam ser vendidos a preços mais baixos, para que as pessoas pobres tenham acesso à compra. Nós não podemos cometer o erro que historicamente se cometeu no Brasil, que quando se fala em fazer uma política dessa natureza, o governo distribui 100 mil computadores para 100 mil escolas e fala: “está feita a inclusão”, o que não é verdade, isso é política social. Política de inclusão digital é aquela em que o governo cria as condições para produzir internamente ou para importar máquinas das mais modernas possíveis, a preços compatíveis com a possibilidade de pagamento médio da sociedade brasileira. E é aí que entra o papel do governo de discutir que política tributária vai ter para o setor porque, muitas vezes, pensando apenas em receita nós falamos: nós vamos perder. A gente não vai perder o que a gente não tem, a gente apenas não vai receber durante um determinado tempo uma coisa que nós não recebíamos, ou seja, vai continuar na mesma.

Entretanto, nós vamos crescer de que forma? Na medida em que tiver mais gente tendo acesso a um bom processo de informação, na medida em que nós tivermos mais gente tendo acesso à informática, mais gente podendo comprar computador, aí, sim, o governo vai ganhar, o país vai ganhar e todos aqueles que querem uma sociedade mais informatizada, sobretudo a partir da máquina do governo.

Nós estamos sentindo hoje, no governo, o que é a experiência de fazer



compra via Internet, e o que era fazer compra como antigamente. A diminuição de custos, a lisura do processo. E isso nós precisamos fazer chegar a todo o governo, o que não é uma tarefa fácil porque tem hábitos que não são tão simples de mudar.

De qualquer forma eu quero dizer, presidente da HP, esteja certo que no Brasil nós temos interesse em deixar de ser um país em vias de desenvolvimento. Este país tem criatividade, como disse o Furlan, este país tem o melhor carnaval do mundo, tem o melhor futebol do mundo, caminha para ter o melhor vôlei do mundo (masculino e feminino), caminha para ter muitas coisas, mas pode ficar certo que nós temos criatividade como poucos povos do mundo têm, nós temos competência como poucos povos do mundo têm. Eu acho que o nosso querido povo precisa de uma oportunidade. E nesse mundo digitalizado, nesse comércio em que predomina o conhecimento da informática, estejam certos que essa parceria é um bom, eu diria, um ótimo começo.

Podem ter certeza, meus companheiros, que o governo vai fazer sua parte, porque eu acho que se o governo fizer sua parte, tudo fica mais fácil e tudo pode ser melhor para o nosso país.

Meus parabéns, sobretudo, ao Furlan, que há dois meses briga para colocar na minha agenda essa vinda minha aqui.

Eu estou feliz, Furlan, porque é mais um passo na nossa política de desenvolvimento do país, é mais uma oportunidade que nós estamos nos dando. Não estamos dando a ninguém, mas a nós mesmos. E o Brasil precisa recuperar o tempo perdido.

Boa sorte.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
audiência com representantes do Clube Náutico Capibaribe**

Brasília-DF, 03 de agosto de 2004

No Brasil, os políticos negam, sistematicamente, o time pelo qual torcem, ou seja, dificilmente você vê um político reconhecer que torce para um time de futebol, porque ele acha que, fazendo assim, pode ganhar o voto dos torcedores de todos os times.

Eu nunca neguei os times para os quais torço. Eu me lembro que, durante a campanha, me diziam: “olha, você fala muito do Corinthians e não é bom falar do Corinthians, porque tem o São Paulo, o Santos...”. Eu não podia, porque era candidato a presidente, negar que eu era corinthiano. Eu não posso negar isso, como eu não posso negar que sou vascaíno no Rio de Janeiro. Como eu não posso negar que, em Pernambuco, eu sou torcedor do Náutico.

Eu me lembro de um comício ao qual nós fomos, num ginásio lá – acho que era até um ginásio de esportes, eu brinquei com o Náutico e o pessoal dizia: “não, você não pode falar que é torcedor do Náutico.” Mas porque eu não posso falar? Eu sou torcedor do Náutico. Eu vou negar para agradar a quem? Será que alguém vai votar em mim porque vou dizer que não tenho time? Então, eu faço questão de assumir, em cada lugar onde eu vou. Os meus amigos do PT de Minas querem que eu seja atleticano e eu não sou, sou cruzeirense. Os meus companheiros do PT do Rio querem que eu seja flamenguista e eu não sou, sou vascaíno. Os companheiros que gostam de carnaval querem que eu seja Mangueira e eu sou Beija-flor. E faço questão de assumir publicamente, porque eu acho que se você não puder ser verdadeiro nas suas escolhas esportivas, você não pode fazer mais nada na vida.

E é engraçado, porque eu vim de Pernambuco muito pequeno, eu nem sabia que existia Náutico em Pernambuco, até que, em 1961, o meu irmão



mais velho – a gente morava num bairro em São Paulo, ali perto do Museu do Ipiranga, um pouco para lá, que era na Vila Carioca, quase divisa com São Caetano, e nós resolvemos montar um time de futebol. E um belo dia meu irmão falou: “o time vai se chamar Náutico”. Por que Náutico? Porque é um time lá de Pernambuco. Eu não conhecia nada, eu tinha vindo com 7 anos. E nós montamos o Náutico e fizemos um bom time de futebol. Jogamos, acho que uns 12 anos, até eu mudar para outro bairro e aí o time acabou, porque nós éramos os fundadores. Portanto, o time estava de pé enquanto a gente estava jogando.

Então, eu tenho um carinho especial. Tenho muitos amigos que torcem para outros times lá.

Eu quero desejar sorte a vocês. Hoje, o jogo, para vocês, é muito importante. Eu acho que, mais do que ninguém, vocês batalharam o ano inteiro para chegar a esse momento e quanto mais vai chegando o momento de decisão mais vai aumentando a responsabilidade de cada um de vocês. Vocês sabem que em cada jogo que vocês jogam, estão jogando uma parcela do sonho que carregam desde que resolveram optar por ser jogador de futebol.

Então, eu quero desejar a vocês toda sorte e muita tranquilidade. Não podem nunca perder a cabeça. E que vocês consigam realizar o sonho de levar para Pernambuco o título que tanto se prepararam para ganhar.

Nós, agora, vamos dar um exemplo importante ao mundo, porque vocês sabem que o Brasil enviou as tropas de paz ao Haiti. E nós acertamos, num gesto muito importante da CBF, que vamos levar a Seleção Brasileira completa para jogar no Haiti, como um gesto do povo brasileiro para o povo do Haiti, já que eles gostam do futebol brasileiro, já que eles decretaram até feriado nesse dia! E eu estou ouvindo a confirmação do Parreira e do Zagalo de que a Seleção vai completa.

Tentaram dizer para o Ronaldinho que era perigoso ele jogar lá, porque o campo era de terra, e o Ronaldinho falou: “mas eu comecei a minha vida



jogando num campo de terra porque eu não vou jogar agora?

A nossa Seleção Brasileira vai completa e eu acho que vai ser um fato inusitado na história do esporte, que uma seleção vá sem cobrar absolutamente nada de ninguém, apenas para fazer um gesto, e eu penso que isso vai ser um divisor de águas, uma coisa que o esporte pode fazer muito.

Eu sempre achei que o esporte poderia ser uma arma excepcional para que a gente comece a falar de coisas importantes, falar de paz, falar de auto-estima. Muitas vezes vocês entram em campo e têm a oportunidade de, na frente de 30, 40 mil pessoas, fazer um gesto, dizer uma frase, mostrar uma faixa que possa dizer uma palavra boa para milhares de jovens que estão na frente da televisão assistindo um jogo, milhares de pessoas que estão no estádio. E muitas vezes isso não acontece. Não acontece porque nós não nos preparamos para isso. Acho que os dirigentes dos times têm responsabilidade, não é fazer campanha eleitoral em época de eleição daquele candidato no estádio, mas sim pegar temas que interessam à sociedade brasileira como combate às drogas, o dia do analfabetismo, o fim da delinqüência juvenil.

Porque todos vocês sabem que hoje o nosso grande problema, um dos grandes problemas, é exatamente a falta de perspectiva para milhões de jovens que terminam o colegial e depois não conseguem pagar uma faculdade, por não ter emprego. Depois, tem uma série de coisas. Enquanto as coisas certas estão difíceis para eles, a maldade se apresenta com muita facilidade. Eu acho que um time de futebol, ao entrar em campo, se os jogadores tivessem uma frase, alguma coisa que pudesse fazer o cara voltar para casa pensando naquela frase, a televisão seria obrigada a mostrar, os jornais seriam obrigados a divulgar e eu acho que todos nós estaríamos dando uma contribuição extraordinária para a gente recuperar a auto-estima desse povo, porque nenhum de vocês, jogadores de bola, ganharão um título se vocês não estiverem com a auto-estima lá em cima. Se vocês estiverem com a auto-



estima lá embaixo, vocês não conseguirão muita coisa na vida.

Eu acho que o esporte pode ser melhor utilizado, o esporte pode ser um instrumento excepcional, aliás, eu acho que tem três coisas que podem mudar este país rapidamente: a educação, a cultura e o esporte. E nós temos que saber como utilizar essas coisas que o brasileiro sabe fazer como ninguém, para que a gente possa tirar benefício, não apenas para aqueles que pagam ingresso para ir ao campo, mas para todos. Você veja, crianças vão ao campo, lá em São Paulo – pelo menos o Batata sabe que às vezes a molecada do São Paulo, do Corinthians, do Palmeiras, do Santos vai ao estádio, e na saída do estádio tem uma briga, morre um, morrem dois. Possivelmente um gesto, uma palavra, uma frase, uma faixa, alguma coisa que a gente pudesse falar na hora em que começasse o jogo – até o locutor poderia ajudar. Isso, quem sabe, poderia trazer a possibilidade de levar mais gente aos estádios.

Porque, vamos ser francos, hoje para alguém ir ao estádio sabendo que vai ser vítima de uma briga, prefere não ir. Nesse jogo do Haiti, nós tínhamos pensado inicialmente em dar o ingresso para quem devolvesse uma arma, mas aí o pessoal achou que era muito perigoso. Então nós resolvemos que o convite vai ser dado para uma criança levar o seu pai, então eu acho que vai ser mais difícil o pai, levando o filho, inventar uma briga lá na hora.

Qual é a briga que a gente pode ter lá? É que o país tem milhões de habitantes e no estádio só cabem 15 mil pessoas, então, nós vamos ver se arrumamos uns telões para que a gente possa transmitir. Vamos ter que arrumar camisetas, bolas, para que a gente faça distribuição ou sorteio e faça um negócio bonito, com o apoio da Fifa, eu acho que com o apoio da ONU. Acho que vai ser um gesto extraordinário que nós vamos dar.

Vocês podem contribuir. Muito mais do que jogar, muito mais do que ganhar, eu acho que é importante saber o seguinte: quando vocês deixarem o estádio, marcarem o gol que tiverem que marcar; o goleiro pegar os pênaltis



que tiver que pegar, deixarão uma mensagem para alguém. Eu acho que deveríamos pensar nisso. Vocês deveriam ter na cabeça que podem fazer muito mais pelo país do que fazem com a prática do esporte. Acho que é preciso ter a compreensão da diretoria, da comissão técnica, da torcida, porque o Brasil está precisando ficar com a auto-estima no bico da chuteira para que a gente possa fazer as coisas que têm que ser feitas.

Muito obrigado e boa sorte.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na inauguração do Centro de Produção de Antígenos Bacterianos “Charles Mérieux”

Rio de Janeiro-RJ, 05 de agosto de 2004

Meu querido companheiro Humberto Costa, ministro da Saúde,
Meu querido companheiro Tarso Genro, ministro da Educação,
Meu querido companheiro Eduardo Campos, ministro da Ciência e Tecnologia,
Minha querida companheira Marisa,
Meu querido companheiro Paulo Buss, presidente da Fundação Oswaldo Cruz,
Meus queridos companheiros e companheiras parlamentares,
Meu caro companheiro Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, presidente da Firjan,
Meus queridos amigos e amigas pesquisadores da Fiocruz,
Funcionários e funcionárias da Fiocruz,
Alunos e alunas da Escola Politécnica Joaquim Venâncio,
Meus companheiros e companheiras da imprensa,
Meus queridos amigos,

Na verdade, eu não precisaria nem fazer um discurso aqui, porque tudo o que está no meu discurso já foi dito. Este é o problema de fazer discurso por escrito e ter quatro ou cinco companheiros falando antes da gente.

Mas, de qualquer forma, eu não vou perder a oportunidade de falar algumas palavras para vocês, dizendo aos amigos da Fiocruz que irei, de forma muito honrada, pendurar na sala da minha casa, não no Palácio do Planalto, numa moldura bem bonita, esse diploma. E prometo a vocês que



esse título Doutor Honoris Causa não será utilizado para coisas não sérias. Podem ficar certos que eu não vou clinicar com esse diploma, porque se fosse Doutor Honoris Causa em ciências políticas, eu até poderia fazer um pouco de política. Mas, em se tratando de saúde, eu vou respeitar os profissionais do nosso país.

Desde pequeno, ou melhor, eu não sou tão grande, mas desde muito criança, eu, e possivelmente todos vocês, um dia ouvimos dos pais a seguinte frase: “se tiver saúde, o resto a gente faz”. Isso acontece, sobretudo, no meio da população mais pobre do país, ou seja, na situação mais difícil em que esteja um chefe de família, uma mãe ou um pai, normalmente eles dizem: “o importante é ter saúde, com saúde a gente enfrenta qualquer adversidade.” Essa é uma máxima que marca a minha visão de governo sobre a questão da saúde.

Foi por isso que um dia, conversando com o ministro Humberto Costa, eu dizia: não é possível, Ministro, que a gente ligue a televisão e ouça alguém dizendo, ou veja as imagens daquelas pessoas no Hospital Souza Aguiar, no Hospital Geral de Bonsucesso, no Hospital Miguel Couto, sempre aquelas filas de gente, as pessoas sendo maltratadas, sempre mais gente do que o hospital tem possibilidade de atender, com pessoas tomando injeções em corredores. E eu falei para o companheiro Humberto Costa: Humberto, nós temos que fazer alguma coisa. Nós não podemos ficar imaginando se o hospital é municipal, se é estadual, se é federal, se é internacional. Nós temos que fazer alguma coisa. Esse povo quando chega num hospital, que é um lugar onde a gente chega mais alquebrado, onde a gente chega mais diminuído, a gente tem que ser tratado com respeito, com carinho, e o carinho vale mais do que uma injeção, às vezes, vale mais do que um antibiótico.

Pedi para o companheiro Humberto Costa que faça um levantamento no Rio de Janeiro e vamos tratar do governo federal bancar, criar alguns centros de excelência aqui, no Rio de Janeiro, para que a televisão comece a mostrar



não apenas coisas ruins, mas comece a mostrar que tem coisas excepcionais no Rio de Janeiro também.

E para nossa felicidade, o governo federal está assumindo a responsabilidade de fazer a reforma no hospital Souza Aguiar, no Hospital-Geral de Bonsucesso, no hospital Miguel Couto, no hospital do Andaraí e no hospital Rocha Faria, só aqui no Rio de Janeiro, mais alguns no Rio Grande do Sul, mais alguns em Pernambuco, mais alguns em Minas Gerais, porque o hospital, quando um paciente chega, dependendo da primeira imagem que ele tiver... é como quando nasce um filho, ou seja, dependendo da primeira cara que o filho olhar, isso vai lhe marcar. Eu nunca deixei a molecada ver a minha para não se assustar, então, eu virava logo para a Marisa.

Mas quando a pessoa chega num hospital, dependendo do ambiente, já fica pelo menos 20% melhor, dependendo do sorriso da atendente, mais 10% melhor; dependendo do tratamento do médico, com carinho, mais 10% melhor. Depois vai ficar tudo mais fácil porque vai precisar de apenas 50% de medicamentos. Então, eu acho que essa é uma coisa à qual o Ministério da Saúde está se dedicando.

Uma outra coisa que é importante dizer, aqui, porque estou na frente de cientistas importantes, pessoas que produzem soluções para os problemas da saúde no Brasil, outra coisa com que eu nunca me conformei é que a saúde bucal nunca foi tratada como uma questão de saúde pública. Desde os tempos em que eu era dirigente sindical, quando a Volkswagen, a Ford e a Mercedes Benz estabeleciam convênios com empresas prestadoras de assistência médica. Lá, cuidavam até da unha do dedão do pé, mas não cuidavam da boca.

Eu ficava indignado porque é exatamente pela boca onde entram 99% de todas as doenças que a gente tem e ela não era tratada. Então, o companheiro Humberto Costa, ficou sensibilizado com o meu apelo e nós estamos construindo no Brasil, se Deus quiser, até dezembro de 2006, 400



centros de saúde bucal espalhados por todo o território nacional para tratamentos delicados como canal, porque eu não sei se vocês sabem, mas muita gente do povo, mais humilde, não tem dinheiro para fazer uma obturação, então, a coisa mais comum é chegar no dentista, dizer que está doendo, e ele mandar arrancar o dente. Eu sou de um tempo em que o trabalhador ia no sindicato pedir para arrancarem um dente para ele ganhar o dia.

Então, nós, com esses 400 centros, vamos fazer tratamento de canal, vamos fazer a correção que, hoje, só gente de classe média pode fazer. E vamos fazer prótese para que a gente garanta o direito de sorrir a milhões de pessoas pobres neste país, que aos 17, 18 anos já perderam metade dos dentes da boca. Essa eu acho que vai ser uma marca, meu caro Humberto, que você certamente passará para a história, como o Ministro da Saúde que definitivamente se preocupou com a saúde bucal do nosso país.

Além disso, eu penso que nós, quando fazemos investimentos numa instituição como esta, nós apenas estamos respeitando o povo brasileiro e fazendo com que o povo tenha direito àquilo que está na Declaração Universal dos Direitos Humanos, aquilo que está na Bíblia, aquilo que está na nossa Constituição e aquilo que está na maioria dos estatutos que regulam entidades, que é o direito ao respeito, à dignidade. A Fiocruz significa muito, mas muito para o nosso país e eu penso que qualquer investimento que façamos aqui é pouco diante do que a Fiocruz já fez por este país.

A Fiocruz nos orgulha, a todos nós brasileiros. Sua importância é marcada não só pelos grandes nomes que aqui já trabalharam, como Oswaldo Cruz ou Carlos Chagas, mas também pelas inúmeras vidas que foram salvas pelas vacinas e medicamentos pesquisados ou produzidos nos últimos 100 anos.

Como qualquer instituição pública, a Fundação Instituto Oswaldo Cruz venceu muitos desafios em sua história, ora por falta de atenção do governo



federal, ora por não contar com as verbas que seriam necessárias para que seu trabalho fosse desenvolvido ou simplesmente mantido de forma adequada.

Apesar dessas dificuldades, a Fiocruz se manteve firme no papel de ser um dos principais centros de desenvolvimento e produção de vacinas e medicamentos do Brasil.

E atingiu esse patamar competindo com laboratórios de porte mundial. E, nos últimos anos, resistiu a um falso consenso que queria o Estado mínimo e fraco.

A excelência da Fiocruz mostrou como o investimento do Estado na produção de medicamentos e vacinas pode ser uma alternativa eficiente para as políticas de saúde. Mostrou que podemos desenvolver tecnologias e produzir medicamentos de interesse da população, gastando menos.

Mostrou também que alocar recursos para a saúde significa investir em uma sociedade sadia, com nossas crianças crescendo livres de muitas doenças evitáveis.

Eu costumo repetir que alocar recursos para a saúde em áreas como saneamento básico ou vacinas não é gasto mas, sim, investimento.

É o caso, por exemplo, das vacinas para meningite que serão produzidas, aqui, em Manguinhos. Além do seu valor ético e social, vacinar as pessoas é também uma medida que evita gastos muito maiores no futuro.

Uma vacina contra meningite custa 23 reais. Tratar uma pessoa com essa doença resulta numa despesa média de 650 reais. Por si só, fica muito mais barato prevenir do que remediar.

Meus amigos, minhas amigas,

A importância que este governo dá à Fiocruz e aos trabalhos aqui conduzidos não se limita a palavras de reconhecimento. Significa a garantia de investimentos no desenvolvimento e na produção.

É o caso do novo Centro de Produção de Vacinas Bacterianas, que inauguramos aqui hoje. Além de produzir as vacinas contra vários tipos de



meningite, ele vai permitir a economia anual de 10 milhões de reais com a compra de vacinas importadas para o bacilo que causa influenza. Eu espero, meu querido Humberto, que os 10 milhões que a gente vai economizar, que a gente reinvesta para poder economizar outros 10 milhões depois.

Toda a nossa demanda interna será suprida com essa produção, que poderá até ser exportada para o Mercosul. Ao mesmo tempo, garantimos recursos do Ministério da Saúde de cerca de 42 milhões de reais para completar, até 2005, o Centro de Produção de Antígenos Virais que já está sendo construído.

Esse centro irá produzir, a cada ano, 60 milhões de doses de vacinas para sarampo, caxumba e rubéola, e outros 20 milhões de doses de outras vacinas.

Além de produzir os antígenos que já estão sendo usados, o centro poderá, no futuro, fabricar vacinas que ainda estão sendo desenvolvidas e testadas, como é o caso da vacina contra a dengue.

O dia de hoje marca também um fato inédito na história da nossa saúde. Pela primeira vez, o Estado brasileiro, através da Fiocruz, está comprando uma fábrica de medicamentos que até então pertencia à iniciativa privada. Essa fábrica, que utiliza tecnologia de ponta e que entrou em funcionamento há apenas quatro anos, seria desativada pelos seus antigos proprietários.

Nós negociamos e encontramos uma fórmula para resolver o problema e adquirimos por 18 milhões de reais, recuperando um patrimônio muito superior que estará a serviço da saúde pública.

A planta recém-comprada permitirá à Fiocruz não só aumentar em mais de cinco vezes sua produção de medicamentos, chegando a mais de 10 bilhões de unidades em 2007, como também produzirá em escala nacional os antibióticos mais usados no Brasil.

Se somarmos todos os laboratórios públicos, veremos que os investimentos do governo federal cresceram cinco vezes nos primeiros 18



meses do nosso mandato, chegando a 36 milhões de reais. Este ano, o investimento será muito maior, da ordem de 80 milhões de reais.

Meus amigos, minhas amigas da Fiocruz,

Hoje, também tive a oportunidade de inaugurar a nova sede da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. É uma nova edificação, muito mais adequada ao grande número de estudantes, técnicos e professores que a freqüentam diariamente.

O ensino profissionalizante é um tema muito importante para mim, que tive nele a oportunidade de melhorar de vida. Afinal, como os companheiros e as companheiras sabem, foi através do Senai que pude me tornar um torneiro mecânico, antes de virar Doutor Honoris Causa, e ingressar no mercado formal de trabalho.

Essa escola, que está ganhando uma nova sede hoje é, para muitos jovens, tão importante quanto o Senai foi para mim. Sua excelência em formar técnicos de nível médio é reconhecida no Brasil e no exterior. Em nosso país, ela é a cabeça da rede do ensino técnico em saúde.

As atividades da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio foram consideradas exemplares pela Organização Mundial da Saúde, que deverá utilizá-las em outros países.

Eu queria terminar dizendo a todos vocês que está de parabéns a Fiocruz, está de parabéns a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. O que vocês fazem pelo nosso povo engrandece a todos nós.

Queria dizer aos sindicalistas que carinhosamente me entregaram um documento que, como sindicalista que fui, eu conheço, muitas vezes, a angústia de vocês, representando os interesses dos trabalhadores. Um grande problema que nós enfrentamos no Brasil é que quase tudo ligado ao funcionalismo público está atrasado 10, 12, 15, 20, 17, 18, 19 anos, ou seja, não se consegue recuperar as coisas que atrasaram tanto tempo de uma hora para a outra. As pessoas não podem esquecer que nós temos apenas 18



meses de governo, não temos 18 anos e nem podemos ter, porque o mandato é só de quatro anos. Mas o que as pessoas têm que acreditar é que, quando terminar o nosso mandato, nós vamos continuar trabalhando para que este país possa mudar.

Então, cada um de nós lá, os ministros, vamos fazer o máximo que pudermos fazer para que a gente possa recuperar o tempo perdido, para que a gente possa tentar recuperar o descaso que houve no desmonte da máquina pública deste país, porque durante muito tempo, a pretexto de terceirizar serviços importantes, e a pretexto de privatizar muitos setores, se inventou que o funcionalismo público brasileiro não era competente e não tinha competência.

Aqui, na Fiocruz, a gente tem a fotografia, o retrato, o mapa e a amostragem da decência que é o servidor público, quando ele é tratado com respeito e com dignidade pelo governo de uma cidade, de um estado ou de um país.

Eu quero, portanto, dizer que vocês, para mim, significam muito, como uma propaganda que está passando na televisão agora, em que aparecem várias pessoas, mas aqui o mais famoso é o Ronaldinho, que aparece mostrando a garra do brasileiro.

Eu acho que todo dia, de manhã, nós precisamos nos levantar e pensar o seguinte: não há país nenhum do mundo que consiga dar passos importantes, em nenhuma área, se as pessoas não estiverem com a auto-estima muito elevada, se as pessoas não estiverem acreditando naquilo que estão fazendo, se as pessoas se acharem subalternas, se não tiverem garra para lutar.

Eu já fiquei desempregado muito tempo. Já fiquei um ano e dois meses desempregado na minha vida, e eu sei que é duro ficar desempregado. Mas a gente não pode permitir que nenhuma desgraça na vida humana possa abater a nossa moral, possa abater a nossa auto-estima, porque se um chefe de família fica abatido, ele passa esse abatimento para os filhos, ele passa para a



mulher, ele passa para os vizinhos.

Então, mesmo nos momentos mais difíceis, nós precisamos começar a utilizar aquela frase, daquela propaganda; nós temos que olhar sempre para a frente, olhar para a cara dos nossos filhos, olhar para a cara da nossa mulher, olhar para a cara dos nossos companheiros e dizer: “Eu sou brasileiro e brasileira, não desisto nunca e eu tenho certeza que vou conquistar as coisas em que eu acredito.” Da mesma forma que eu tenho certeza que este país nunca mais voltará a ser um país conformado com a pobreza e com a miséria, como foi até agora. Nós vamos poder provar, nestes quatro anos de mandato, que o Brasil bem governado pode ser exemplo para competir com qualquer país do mundo.

E a Fiocruz, quem sabe, pudesse servir de cartão postal para a gente mostrar, em se tratando de pesquisa, que a gente não deve nada a nenhum país, em se tratando de produzir remédios, de produzir vacinas. O Brasil compete com qualquer país do mundo e a Fiocruz é um cartão postal. Podem ficar certos, meu caro Buss, que eu, em qualquer lugar do mundo, terei muito orgulho em dizer que no Brasil tem uma instituição da qualidade da Fiocruz. E isso só vai engrandecer o nosso país.

Meus parabéns a todos vocês. Que Deus os abençoe e que a Fiocruz continue produzindo o que ela sabe produzir, que é a saúde do nosso povo.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da Olimpíada do Conhecimento e do Seminário
Internacional de Educação e Tecnologia**

Belo Horizonte-MG, 06 de agosto de 2004

Meu querido companheiro vice-presidente da República, José Alencar,
Meu caro Armando Monteiro Neto, presidente da CNI,
Meu caro Aécio Neves, governador do estado de Minas Gerais,
Meu caro companheiro João Paulo Cunha, presidente da Câmara dos
Deputados,

Meus companheiros ministros aqui presentes,
Meus companheiros empresários,
Estudantes do Senai,
Meu querido Robson,
Meus amigos e minhas amigas,

Eu estou fazendo uma economia na nominata, porque o número de personalidades, aqui, é muito grande. E há uma razão de ser que os convidados, aqui, precisam saber. Depois deste ato, eu e o meu Ministério vamos nos reunir com a CNI e os 27 presidentes das federações das indústrias dos estados brasileiros, para que a gente, numa demonstração de inovação de procedimento, adquira, como hábito, se reunir, sempre que possível, e precisamos criar as condições de fazer isso possível, para discutir as coisas que precisamos discutir para o nosso querido país.

Afinal de contas, discutir com os empresários, discutir com os trabalhadores, é uma obrigação de alguém que tem consciência que não pode governar para si ou para os seus, de que é necessário governar para o país como um todo, e nós queremos ouvir as sugestões que as pessoas



acumularam ao longo de anos e anos, e às vezes não tem um único canal onde possam fazer fluir o acúmulo de conhecimento que vocês tiveram.

Quero, com muita alegria, parabenizar os avaliadores: o Evandro de Oliveira e a Débora Araújo. Quero dar os parabéns aos diretores do Sistema S, que estão aqui presentes, ao nosso querido companheiro Meneguelli, aos deputados e senadores, e dizer para vocês que eu estou na minha casa. Não vou fazer um discurso político, não vou falar de nada que não seja a razão que me trouxe aqui, como ex-aluno do Senai, para participar desse glorioso momento de fortalecimento do ensino profissional no nosso país.

Por isso, sinto-me como se estivesse na minha própria casa, aqui entre tantos e tantos homens e mulheres, estudantes e empresários que, como eu, visitam esta Olimpíada do Conhecimento do Senai.

Relembro a minha própria trajetória de ex-aluno do Senai do Ipiranga, em São Paulo, onde fiz o curso de torneiro mecânico, na década de 60. Por isso sinto-me um de vocês.

O sonho de qualquer homem público, sobretudo num país como o nosso, marcado historicamente por imensas desigualdades econômicas e sociais, é criar mecanismos que possam garantir oportunidades iguais para todos.

Conheço de perto o quanto o Senai vem ajudando a desenvolver os talentos de milhares e milhares de jovens, homens e mulheres no nosso país. E um de seus principais eventos é exatamente a Olimpíada do Conhecimento, agora em sua terceira versão.

Ao congregarem centenas de alunos, técnicos e docentes de todo o país, ela envolve este ano quase 500 alunos de todos os Estados, competindo em 34 ocupações industriais. Os melhores representarão o nosso país no Torneio Internacional de Formação Profissional, a se realizar em Helsinque, na Finlândia, em 2005.

O Brasil é o único representante latino-americano neste torneio onde



deverão competir mais de 40 países industrializados.

As conseqüências que certamente decorrem da participação de vocês nesse tipo de atividade são impressionantes.

Um exemplo concreto que podemos lembrar é o vestibular do Instituto Tecnológico da Aeronáutica, o ITA, que é considerado um dos mais difíceis do Brasil.

Acreditem: um único colégio da cidade de Fortaleza, que há mais de 20 anos participa de uma olimpíada de conhecimento específica – a Olimpíada Brasileira de Matemática – tem conseguido aprovar mais alunos do que tradicionais centros de ensino do país. Cerca de 20% dos alunos do ITA já são cearenses.

E não é só Fortaleza. Também Belém, Recife, Rio Grande do Norte e Sergipe têm aprovado um número significativo de alunos. São jovens do Norte e do Nordeste, das regiões mais pobres do país, conquistando vagas que antes eram preenchidas quase que exclusivamente por candidatos do Sul e do Sudeste. Isso significa um grande avanço para o Brasil.

Em olimpíadas como esta, o conhecimento e a informação representam as melhores medalhas a serem conquistadas. E as centenas de jovens que participam desse processo são estimulados a desenvolver tanto as suas habilidades técnicas, como a criatividade e a capacidade de liderança, além das habilidades de comunicação e raciocínio crítico.

Meus amigos e minhas amigas,

Vocês, a juventude brasileira, são a esperança renovada de um presente e um futuro melhores para o nosso país. Há poucas semanas tive a oportunidade de encontrar alguns jovens que são verdadeiros gênios.

Tive a oportunidade de conversar com um menino sergipano, Ítalo Raony, que vai se tornar mestre em matemática mesmo sem ter terminado o ensino médio. Tive a oportunidade também de conhecer um menino cearense de 14 anos, da 8ª. série, Tiago Oliveira de Souza, que ganhou a Medalha de



Ouro nas Olimpíadas Brasileiras de Matemática. Tive ainda a oportunidade de conhecer Larissa Cavalcanti, uma jovem de 18 anos, também cearense, que ganhou a Medalha de Prata nas Olimpíadas Internacionais, que já cursa o mestrado e foi aceita para o doutorado, com bolsa de estudos integral, em três universidades dos Estados Unidos.

Com a colaboração dos empresários e com eventos como a Olimpíada do Conhecimento do Senai, queremos preparar o Brasil para que ele tenha milhões de crianças participando de olimpíadas do conhecimento como esta, nos próximos anos.

Nós, hoje, temos 150 mil jovens participando das Olimpíadas da Matemática e pretendemos chegar a 300 mil. E para os próximos 3 anos queremos chegar a 5 milhões de adolescentes e de crianças participando, num convênio entre o Ministério de Ciência e Tecnologia e o Ministério da Educação, para que a gente possa fazer com que mais jovens no Brasil adquiram o prazer de disputar conhecimento e conquistar oportunidades que, possivelmente, seus pais não tiveram.

Assim, certamente, vamos ocupar o espaço que deveríamos ter ocupado há muito tempo.

Como nos ensinava o mestre Paulo Freire, não existe ser humano que não seja inteligente. Não existe ser humano incompetente. Os seres humanos, todos, podem crescer, criar e inovar. Basta que para isso tenham as devidas oportunidades.

E vocês podem estar certos de que é exatamente isso o que estamos fazendo: governo, empresários e muitos outros setores da nossa sociedade, garantindo à nossa juventude as oportunidades que muitos não tiveram no passado.

Eu quero terminar dizendo a vocês que trago na alma o significado que o Senai tem para milhões de brasileiros.

Quando eu fui eleito deputado constituinte, vários deputados discutiam,



sempre que possível, o fim do Sistema S no Brasil. Os argumentos eram os mais diversos possíveis. Não havia falta de argumento para acabar com o Sistema S. Dentro da bancada do meu partido, eu fazia questão de dizer que, possivelmente, quisessem acabar com o Sistema S. Nós poderíamos democratizá-lo mais, nós poderíamos ampliá-lo mais, poderíamos fazer ajustes. Agora, só pensava em acabar quem não conhecia por dentro os benefícios, sobretudo, para as populações mais pobres, que fazem um curso profissional no Senai. Só poderia tentar acabar com uma escola dessas, quem não conhecia, quem não soubesse o que significava isso.

Quem sabe um dia tenhamos condições de fazermos alguma coisa melhor. E queira Deus que a nossa inteligência permita que um dia tenhamos centros de formação melhores, mais eficazes e mais capazes que o Senai. Mas hoje não temos. Não temos nem de perto. Portanto, se nós não temos o que colocar no lugar, não vamos mexer no que está funcionando, e funcionando bem.

Eu dizia sempre que um dos melhores momentos da minha vida foi o meu período no Senai. Hoje eu vou dizer que, depois da Marisa, o que aconteceu de melhor na minha vida foram os 15 meses que eu passei fazendo o curso de torneiro mecânico no Senai. Depois do Senai eu senti a diferença do que é um trabalhador com profissão procurar emprego, e um trabalhador sem profissão. A diferença, na porta da empresa, é quando o chefe de recursos humanos pega a carteira de um ou de outro.

Quando eu fiquei desempregado e apresentava a minha carteira de torneiro mecânico, diplomado pelo Senai, eu era tratado com respeito. Quando chegava uma outra pessoa cuja profissão era ajudante, às vezes as pessoas não davam a mínima importância para aquele que não tinha uma profissão.

Por conta do curso que eu fiz no Senai, eu fui o primeiro de uma mãe de 8 filhos, que teve uma geladeira, que teve um carro, que teve uma casa. Eu fui o primeiro a ter coisas que meus irmãos, por não terem profissões, não



conseguiram ter. Mais ainda, por conta do Senai, eu fui trabalhar na Villares; da Villares, fui para o sindicato; do sindicato, fundei um partido; do partido, virei Presidente da República.

Então, eu digo sempre o seguinte: quando fui para o Senai, Armando, eu não sabia o que eu queria. Na verdade, eu queria ser mecânico, mas não sabia o que era ser mecânico. Eu só via meu irmão mais velho sujo, porque ele consertava caminhão velho, então, ele estava sempre cheio de graxa e com o bolso cheio de estopa. E eu tinha vontade de ser aquilo. Então, uma vez, uma fábrica de parafusos, a Marte – o Piva deve conhecer, lá na Vila Carioca – uma pessoa passou na minha casa e avisou para minha mãe: “olha, tem uma fábrica ali que está precisando de um menino para mandar para o Senai.” Eu trabalhava no Armazém Geral Colúmbia. Imediatamente fui conversar com o Sr. Miguel, ainda hoje vivo, mais meu amigo agora do que antes, quando eu trabalhava na fábrica dele. Mas o Sr. Miguel foi uma pessoa que me marcou muito, porque eu fui lá e ele me mandou para o Senai. Eu fiz um teste e fui ser torneiro mecânico.

Aquilo, para mim, naquele momento, era como uma mãe, hoje, que concebe o filho se formar em Medicina, em Direito ou em outra coisa, ou seja, o máximo que um filho da D. Lindu tinha conseguido na vida era ser torneiro mecânico. Para muitos que conseguem outras coisas, não representa muito, mas na minha família, aquele diploma valeu e valeu muito.

Hoje, eu, Presidente da República, estou muito mais convencido de que este país será muito mais competitivo e terá muito mais inserção, neste mundo globalizado e cada vez mais exigente, na medida em que a gente acreditar mais na formação profissional da nossa juventude, na formação profissional das nossas meninas e dos nossos meninos.

Ontem, eu fui ao laboratório Fiocruz, Instituto Fiocruz no Rio de Janeiro, inaugurar uma escola técnica para mil alunos, e vi a cara de felicidade daquelas crianças. Eu tenho dito sempre que o Brasil precisa ter uma



preocupação enorme porque o que a gente não fizer agora para a juventude, nós vamos nos arrepender daqui a 10 ou 15 anos, tendo que construir prédios da Febem, tendo que construir albergues para jovens que cometem pequenos delitos ou, quem sabe, grandes delitos.

Eu penso que o Senai deve servir de exemplo, acho que o mundo e, sobretudo, a América do Sul, que é uma parte do Continente Latino Americano, que fazemos parte do terceiro mundo, que somos ainda um país em desenvolvimento, precisamos acreditar que a formação profissional é o canal que nós precisamos dragar, companheiro Furlan, para que a gente possa fluir com mais competência as exportações do conhecimento que este país tem acumulado.

Eu quero dizer para vocês que estou orgulhoso de saber que as crianças brasileiras estão disputando olimpíadas do conhecimento, via Senai. Jovens, meninas e meninos, que vão para fora representar orgulhosamente, o Brasil.

Eu quero dizer para vocês, vocês dois aí que são os dois jovens que vieram fazer o juramento, aqui na frente, dizer que vocês devem, nos momentos mais difíceis da vida de vocês, sempre lembrar dessa publicidade que tem na televisão, com o Ronaldinho, com outros atletas brasileiros. E toda vez que a dificuldade estiver batendo à porta, levantem a cabeça e digam: “eu sou brasileiro e não desisto nunca”. Porque, no Brasil, nós precisamos parar de ficar reclamando do que não aconteceu, nós precisamos fazer acontecer amanhã aquilo que não foi possível fazermos ontem.

Portanto, o Brasil está vivendo o seu momento de maior otimismo, o seu momento de crescimento econômico mais sólido, e não é um crescimento econômico para 3 meses não, nós queremos um crescimento econômico para 3 décadas. E eu disse, ontem, e vou repetir aqui que não será uma eleição municipal, não serão as diferenças menores, não serão picuinhas que vão evitar que este país continue crescendo de forma sustentável, porque



só o crescimento será capaz de trazer melhoria de vida para toda a sociedade brasileira.

Muito obrigado.

/rss/cms/



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião com os presidentes das Federações das Indústrias

Belo Horizonte-MG, 06 de agosto de 2004

É uma alegria muito grande, em pouco tempo nós estarmos fazendo a segunda reunião entre a CNI e as 27 Federações da Indústria do Brasil, para que possamos entrar numa discussão positiva para o nosso país.

Na última reunião, vocês entregaram não uma pauta de reivindicação, mas um documento que mostrava algumas das coisas que eram importantes que sofressem modificações, para que pudéssemos melhorar não só a nossa capacidade de produção, mas melhorar a economia brasileira.

Nós, hoje, estamos aqui, numa reunião em que o ministro Furlan e o ministro Palocci irão falar, dentre aquelas coisas que foram apresentadas, o que a gente conseguiu avançar. E vamos assinar hoje, aqui, enquanto Medida Provisória ou enquanto Decreto, e o que que a gente ainda tem que avançar mais para que possamos, então, fazer as mudanças que precisam ser feitas.

Eu quero dizer, Armando, que a gente não deveria ver essa reunião como mais uma reunião, nós deveríamos ver esta reunião como a consagração de um novo padrão de relacionamento entre o Estado brasileiro e os empresários brasileiros, entre o governo brasileiro e os empresários brasileiros, partindo do princípio que um governante não governa para si, ele governa para a nação; que os empresários têm muito a informar e muito a orientar o próprio governo, para que ele erre o menos possível e acerte o máximo possível. Nós temos muito mais a ganhar trabalhando juntos do que separados.

Então, eu espero que, a partir dessa reunião, nós consigamos tornar um hábito as reuniões mais organizadas, sistematizadas, para que a gente vá aperfeiçoando não apenas o relacionamento, mas também as decisões que o governo tem que tomar, as medidas que nós temos que mandar para o



Congresso Nacional e, quem sabe, num curto espaço de tempo, a gente recupere o tempo perdido onde, muitas vezes, conseguir uma audiência com um autoridade levava meses infindáveis e, depois, quando se entregava as reivindicações, levava-se outros meses para obter uma resposta. E, na maioria das vezes, as respostas eram sempre negativas.

Nós queremos estabelecer essa relação mais amiga, mais companheira, mais parceira, sabendo que nós temos pouco tempo pela frente e o Brasil tem urgência de crescer. E eu acho que essa reunião pode contribuir muito.

Antes de assinar, eu penso que é importante explicar algumas coisas. Primeiro, dizer aos empresários que estão aqui, que vocês podem contribuir muito com a aprovação do PPP, se vocês se dirigirem até o Senado e conversarem com os senadores, virem quais são os obstáculos que eles entendem que têm a proposta que o governo mandou para o Senado para que façamos o que tem que ser feito. O que não pode é que, por alguma divergência, você deixe de votar, hoje, um grande instrumento para alavancar o desenvolvimento deste país, sobretudo, no que diz respeito a uma necessidade primordial, que é a questão da infra-estrutura. A disposição do governo é total e absoluta. Agora, o governo não tem como obrigar o Senado a votar com a rapidez que nós gostaríamos.

E a segunda coisa é dizer para vocês que, no mês passado e neste mês, nós tivemos duas gratas surpresas. Primeiro, a vitória do Brasil contra os Estados Unidos na questão do algodão e, agora, a vitória do Brasil contra a União Européia na OMC, para a questão do açúcar. E mais importante ainda foi a reunião de Paris, onde os Estados Unidos, o Brasil, a União Européia, a Índia e a Austrália, numa reunião memorável que é, certamente, o indício de que a OMC vai mexer nos subsídios agrícolas, tanto nos Estados Unidos quanto na União Européia. Só para vocês terem uma dimensão, isso vai dar um movimento para os países em desenvolvimento, de quase 200 bilhões de dólares nos próximos anos, na hora em que tomar a decisão definitiva.



Isso demonstra que fazer aquilo que alguns queriam que nós fizéssemos, que não brigássemos, que aceitássemos tudo aquilo que alguns dizem que o império gosta, o império não gosta, o império concorda, o império não concorda. Nós resolvemos dizer que somos maiores de idade e queremos manter a melhor política com todos os países do mundo; não queremos brigar com ninguém, mas nós temos direitos, temos desejos e por eles nós brigaremos até as últimas conseqüências, e eu acho que vai ser muito importante.

Eu acho que, sobretudo, a classe empresarial brasileira vai viver momentos melhores daqui para frente, porque até o final do ano nós estaremos firmando um acordo com toda a América do Sul, no Mercosul. Eu acho que se abrem coisas importantes para nós e acho que se um país como o México está interessadíssimo em entrar no Mercosul é porque percebe que a sua relação, da forma que foi feita com o Nafta, não está dando os lucros que eles queriam que dessem, sobretudo, na questão da agricultura, e nós estamos muito otimistas também com o acordo Mercosul/União Européia. Portanto, eu acho que até o final do ano nós vamos ter boas notícias com relação a ampliação das possibilidades do Brasil.

Uma outra coisa que nós estamos levando muito em conta é a questão do financiamento do Brasil, através do BNDES, de algumas obras de infraestrutura para interligação da América do Sul. Todos vocês sabem que tem países que se o Brasil não colocar o dedinho dele ali, não conseguem dar um salto de qualidade para fazer uma rodovia, para fazer uma hidrelétrica e nós temos que ter em conta que esses países são potenciais consumidores das indústrias brasileiras, portanto, nós temos que dar condições para os nossos produtos poderem transitar livremente nesses países. Eu acho que há uma disposição de todos os presidentes e acho que nós vamos avançar muito nisso.

Nós vamos inaugurar, agora uma coisa muito pequena, mas é o primeiro símbolo. Nós vamos, no dia 11, inaugurar a primeira ponte entre Cobijas e



Brasília, no Acre. É a primeira ponte ligando os dois países, e vamos lançar a pedra fundamental e já começar a trabalhar no dia seguinte, de uma ponte, Assis Brasil, uma cidade peruana, ou seja, vai ser a primeira ligação física direta para que a gente possa transitar por cima do rio Acre.

A questão das concessões, Mascarenhas, nós, no ano passado, tivemos um problema com sete concessões que estavam quase prontas para serem encaminhadas. O que aconteceu na verdade? Nós tínhamos uma decisão do Tribunal de Contas de 4 a 4. Houve um desempate por conta do Presidente do Tribunal de Contas e o presidente Fernando Henrique Cardoso, sabendo que era delicado tomar uma decisão em favor de uma votação que deu empate, não tomou a decisão, ficou dois anos sem tomar a decisão.

Nós resolvemos, no mês em que nos reunimos com o Ministro dos Transportes, que a gente, ao invés de fazer as sete concessões, fizéssemos três como experiência, porque havia a denúncia de super valorização dos preços, no dia que nós nos reunimos. No dia seguinte, o Tribunal de Contas desempatou, tomou uma decisão por unanimidade e proibiu as concessões. Nós tivemos que refazer tudo. Agora, eu estava conversando com o José Dirceu que coordena a câmara que cuida disso, e até dezembro nós vamos fazer a licitação para essas sete concessões, e para março do ano que vem vamos fazer outras.

Quero lembrar a vocês uma coisa delicada e chamar a atenção. Bom, aqui não tem mais deputados, todos são ministros, mas quero dizer para vocês o seguinte: a gente fica olhando nos jornais e vê o seguinte: porque o Ibama proíbe licenciamento prévio? Vamos “devagar com o andor, porque o santo é de barro”. Vejam, o Ibama cumpre leis e as leis são feitas pelo Congresso Nacional.

Ao aprovar toda a legislação que regula o funcionamento do Ibama e do Ministério do Meio Ambiente, criou-se uma lei, um artigo que, na verdade, responsabiliza criminalmente o fiscal que dá o licenciamento prévio. Se ele der



um licenciamento ilegal e o Ministério Público for para cima dele, ele vai ser processado. O que acontece? Ora, eu sou fiscal, está sob a minha responsabilidade dar licença para uma hidrelétrica entre Chapecó e não sei o que lá... eu vou dar, mas tem um probleminha. Aí o Ministério Público vem para cima de mim, vai me acionar criminalmente e aí o Estado não vai me proteger e eu terei que contratar advogado particular, gastar dinheiro. O que o fiscal faz? Ele não dá o licenciamento.

Então, a nossa idéia é tentar esse perfeccionismo. Acho que vocês conhecem bem, no Congresso Nacional, muitas vezes, o Poder Executivo é obrigado a vetar muitas coisas, porque as pessoas fazem acordo: “vamos votar tal coisa. O Presidente vai vetar, mas tudo bem, eu voto assim porque eu justifico para a minha base tal medida.” Então, nós vamos ter que mandar um projeto de lei para mudar esse artigo que pune criminalmente os fiscais, senão não tem licenciamento. E não adianta xingar a Marina. O fiscal não vai fazer. E não vai fazer de inteligente que é, de esperto, porque ele fica órfão de pai e mãe nessa coisa.

Além do que, você tem um Ibama nacional, Ibama estadual, Ministério Público Federal, ou seja, é uma salada onde, às vezes, o Ibama nacional concorda, às vezes, o Ibama estadual concorda, às vezes, o Ministério Público Federal concorda. Aí um cidadão qualquer, de uma cidade qualquer, entra com uma ação, o Ministério Público municipal vai lá e embarga a obra. Quem é de São Paulo sabe. Aquela, perto da Uniban, lá na Ford, aquela passarela que enche d'água. Desde o governo Quéricia que aquilo está para ser construído e o Ministério Público embargou porque ia levar muita água para São Caetano. Então, meu caro, no Brasil, ou nós fazemos uma confluência dessas leis para que uma não atrapalhe a outra, ou nós ficamos vivendo a situação. O mesmo estado que concede a obra, é o mesmo estado que proíbe que a obra aconteça, por conta da legislação que nós vamos ter que mudar.

E aí nós queremos também pedir a ajuda de vocês para ver esses



gargalos e ajudar a gente a fazer as mudanças que precisam ser feitas.

Nós estamos trabalhando, o José Dirceu tem a responsabilidade, junto com os outros ministros da área de infra-estrutura. Já pedi ao Furlan, semana passada, que me entregasse todos os gargalos que nós estamos vivendo, no Brasil, hoje, ou seja, onde é que a coisa está pegando, porque é exatamente esses gargalos que nós vamos ter que atacar. A produção brasileira precisa começar a crescer para a gente perceber, governador Aécio, que no Brasil, hoje, está faltando 3 mil containeres. Mas descobrimos agora porque a economia cresceu. Antes não sabíamos. E nós temos só uma fábrica que produz, ou seja, não é fácil produzir, porque precisa ter uma empresa que alugue esses containeres, ou seja, tem muita coisa para começar.

Vocês sabem da minha decisão histórica, de não ficar remoendo o passado. Essa semana eu fiz uma reunião, o José Dirceu participou comigo, com as Forças Armadas, que está em estado pré-falimentar. Quem conhece um pouco sabe do que eu estou falando, ou seja, simplesmente, durante 15 anos, não se fez absolutamente nada para manter as coisas que a gente tinha funcionando.

Então, hoje nós temos 70% dos aviões da Força Aérea paralisados. E de vez em quando, o Ministro pega um vôo, e com cinco minutos que levanta tem que voltar, porque está fumaçando dentro do avião. Esses dias, sobrevoando os Andes, o ministro Celso Amorim teve o fundo da sua mala queimada, de tão quente que ficou dentro do avião.

Agora, tudo isso é desleixo, porque você não vai fazendo a manutenção das coisas que construiu. Peguem as estradas brasileiras. Se você tem um buraquinho pequeno e não tapa, ali, na hora, deixa ele crescer, vai ficar muito mais caro.

Então, houve uma responsabilidade imensa que nós temos que recuperar. E essas coisas não se recuperam do dia para a noite. É por isso que, para nós, é importante a aprovação do PPP, porque o PPP, nós vamos



trazer para a infra-estrutura, um manancial de recursos que está nas mãos da iniciativa privada e que pode disponibilizar desses recursos, fazer os investimentos necessários, na medida em que haja garantia dessa parceria.

Eu acho que essa reunião de hoje, é uma reunião, Armando, que marca um novo tempo nas nossas relações. Vocês nunca vão ouvir do Presidente da República, dos ministros, a pergunta: “para que time vocês torcem, a que religião vocês pertencem, a que partido vocês são filiados, em que candidato vocês votam?” Ou seja, essa pergunta está proibida de ser feita. O que nós queremos é o seguinte: este país vive um momento auspicioso e a gente não pode permitir que coisas menores atrapalhem a conquista que nós tivemos, que não é uma conquista do governo, é uma conquista da sociedade brasileira, que acreditou, que sofreu nos momentos que precisava sofrer. Vocês sabem que muita gente “comeu o pão que o diabo amassou.” Agora que as coisas começaram a andar, nós não podemos permitir que nada menor atrapalhe.

E aí eu queria dizer ao meu companheiro Eduardo Eugênio, eu acho que o denunciamento não ajuda ninguém neste país. Eu acho que é importante que todos saibamos o que cada um pode fazer, porque o que nós estamos assistindo no Brasil há alguns anos, é pessoas serem condenadas e massacradas por manchetes de jornais. Passam-se 50 anos e não se prova um único erro daquela pessoa. Somente quem não tem filhos, somente quem não tem amigos é que não sabe o que significa uma denúncia vazia, porque na verdade elas são vazias.

O papel correto seria investigar, apurar, e quando tiver a denúncia concreta, a apuração concreta, mandar prender o cidadão. Agora, do jeito que é feito no Brasil, eu acho que não contribui com o crescimento da economia, não contribui com a auto-estima que está tomando conta deste país, e acho que cada um de nós pode fazer alguma coisa para começar a minimizar isso.

Eu digo sempre o seguinte: não tem nenhum problema que alguém fale mal do presidente, o presidente é um homem público, todo mundo pode falar



mal dele, aliás, presidente é como pote de água benta, todo mundo acha que pode falar mal dele, mas não tem problema. Agora, podem nominar as pessoas, mas é preciso que dêem uma credibilidade a este país, que muitas vezes foi vendido em verso e prosa lá fora, como se fosse um país só de miséria. Nós nos encarregamos de vender o país como um país só de miséria. Este país está provando, a cada dia, que nós não temos medo de competir em nenhuma área com nenhum outro país.

Não temos nenhuma preocupação. Em qualquer área empresarial nós temos condições de competir. Agora, competir significa que nós temos que ser ousados. Uma vez eu parabenizei o Piva porque ele foi ao Japão com uma delegação de empresários e isso, cada um de vocês pode fazer, pode montar uma delegação de empresários nos seus estados e viajar pelo mundo e vender, porque vender significa isso. Vocês, mais do que eu, sabem perfeitamente bem que vender significa isso, significa cada um de vocês ser um mascote, ser um representante da categoria que representam e sair para vender. Se ficar aqui esperando que venha um chinês, um finlandês, um norueguês comprar, tem lugar mais perto. Nós temos que aproveitar este momento histórico em que o Brasil está virando uma espécie de moda internacional. Nós precisamos aproveitar este momento.

Portanto, eu quero pedir a vocês empresários que se mobilizem, que peguem delegações de empresários do estado de vocês, que visitem estados americanos, que visitem outros países para vender os produtos, porque é assim que vocês vão fazer crescer a economia do estado de vocês e do Brasil.

E a última coisa, que eu venho reivindicando, que vocês, ao voltarem para os seus estados poderiam falar com os governadores de vocês. Eu digo sempre o seguinte: o Brasil só teve um estado que soube fazer propaganda dele mesmo, que foi a Bahia. O povo baiano, nesses últimos 20 anos, recuperou a auto-estima porque ao invés de ficarem chorando os preconceitos que tinham contra a Bahia, a gente ligava a televisão e tinha uma propaganda



da Bahia, em cadeia nacional. Era o axé baiano, era o carnaval baiano, era o pelourinho baiano, era a praia baiana, era a comida baiana, era o acarajé. Até agora, só a Bahia fez isso. Eu fico imaginando o potencial de turismo que nós temos neste país, se cada estado do Nordeste fizesse propaganda do seu estado nacionalmente, porque a televisão mostra o crime, os jornais estampam em manchete, mas as coisas boas ninguém mostra. Então, é preciso que os governadores resolvam recuperar sua auto-estima fazendo propaganda do seu estado, nacionalmente.

Minas gerais por exemplo, do ponto de vista histórico e turístico, talvez seja o estado que tenha mais coisas a oferecer para este país. Agora, é preciso que o Brasil saiba, que a gente precisa desenvolver o turismo aqui dentro, que gera muito emprego, que gera renda, de forma extraordinária. Então, eu gostaria que quando vocês voltassem, pegassem os governadores de vocês nos estados, gastassem um pouquinho de dinheiro, fizessem parceria com as empresas de turismo, e fizessem propaganda.

O que a Paraíba tem de bom? O que o Ceará tem de bom? Vejam, o Ceará só tem mostrado a miséria do Ceará. Esses dias eu recebi os meninos das Olimpíadas da Matemática, o maior estado da olimpíada é o Ceará, e tem gênio. Um moleque de 13 anos fazendo mestrado, um moleque de 17 anos fazendo doutorado, uma menina de 16 anos ganhando medalha, numa demonstração de que se nós acreditarmos em nós, meu caro, sai da frente, porque este Brasil vai deixar de ser um país emergente para ser um país definitivamente desenvolvido, competitivo e, quem sabe, fazer logo, logo, parte do grupo dos 8, porque estamos cansados de andar para trás.

Por isso eu vou assinar as coisas que eu tenho que assinar aqui, depois eu tenho uma reunião com o governador Aécio, mas quero dizer para vocês: não existe tema proibido para se discutir neste governo. Vocês só não podem impedir um mandato meu e do José Alencar porque nós fomos eleitos, mas não existe tema proibido. Eu acho que a gente vai resolvendo as coisas na



medida em que vai tendo conhecimento, na medida em que vocês vão colocando no papel, na medida em que a gente vai conversando coisas que pareciam impossíveis e que vão se transformando em coisas possíveis.

Por isso eu quero agradecer a idéia, primeiro do Robson, em me convidar para vir às Olimpíadas do Conhecimento; segundo, a oportunidade de rever, de forma emocionada, pessoas que me fizeram tão bem na vida, que foram o meu professor do Senai e o meu torno, aquele torninho ali, possivelmente, tenha sido o meu principal cabo eleitoral para ser presidente da República e está conservado e bonito como nunca. E terceiro, a essa reunião aqui. Quando o Robson e o Armando me procuraram eu falei: vamos aproveitar e vamos fazer a reunião lá em Minas Gerais, aí o Aécio já deixa de reivindicar muito do Palocci, nós damos um agrado a ele e fazemos a reunião.

Eu acho que este é um dia histórico. Eu acho que Minas Gerais sedia grande parte do PIB brasileiro hoje, aqui, reunido. Acho que essa reunião mostra que a gente poderia, quem sabe, fazer outras, Armando, em outros estados, quem sabe para prestigiar outros estados e as pessoas perceberem que o Brasil está, definitivamente, de bem com a vida.

Muito obrigado, gente.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita à
Cidade Olímpica**

Belo Horizonte-MG, 06 de agosto de 2004

Eu já fiz todo tipo de discurso na minha vida, para todo tipo de público. Mas, hoje, eu confesso a vocês que é um dia diferente na minha vida. Eu, quando entrei aqui, a minha cabeça voltou 44 anos atrás, na minha história, quando muito menino ainda, tive a oportunidade que vocês estão tendo de ter acesso a um curso profissional.

Eu disse sempre que o Senai foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, porque depois do Senai eu pude ter acesso a uma profissão que me garantiu ter oportunidade de melhor emprego, ou melhores empregos, que me fizeram ganhar um pouco mais e de fazer com que eu pudesse ter mais estabilidade onde trabalhava.

Quando eu entro aqui, e encontro o torno em que eu estudei, no Senai do Ipiranga, em São Paulo; quando eu chego aqui e encontro o Nivaldo, que é um companheiro que estudou comigo no Senai; e quando eu chego aqui e encontro o meu querido professor Bibiano, uma pessoa que teve muito a ver com a minha vida, na adolescência; é motivo de muita e emoção, é motivo de muito orgulho.

Vocês vão ver o torno em que eu trabalhei, ali. É muito diferente da maioria dos tornos que existem hoje. Mas não pensem que vocês vão levar vantagem sobre a minha geração, porque hoje vocês podem ser torneiros, podem ser operadores, mas, naquele tempo, nós éramos artistas, porque fazer uma circunferência no torno era fazer com o manejo da mão. Não tinha nada que ajudasse a gente, a não ser a nossa qualidade profissional, ou seja, a gente não tinha máquina automática para nada, era na mão. Fazer uma rosca quadrada de duas entradas, era na mão.



Então, a gente, que tinha um prazer muito grande, porque às vezes a gente não era um simples torneiro, a gente era um artista que conseguia transformar um pedaço de ferro em arte.

Mas eu estou aqui, neste momento em que vocês estão se preparando para a Olimpíada do Conhecimento, e eu quero agradecer ao companheiro Armando Monteiro, presidente da CNI, quero agradecer ao Robson, que foi a pessoa que foi a Brasília dizer: “Presidente, o senhor tem que ir na Olimpíada do Conhecimento, promovida pelo Senai.” E eu estou, aqui, hoje, para dizer a você, Armando, para dizer a você, Robson, para dizer a você, meu querido Aécio Neves, meu amigo governador de Minas Gerais; meu caro Pimentel, prefeito de Belo Horizonte; meus caros companheiros deputados e ministros; para dizer a vocês o seguinte: possivelmente, na idade em que vocês estão, a gente ainda não esteja maduro para dar valor às coisas que a gente tem nas mãos. Eu queria pedir a vocês: não joguem fora esta oportunidade. Possivelmente, para vocês, ainda não tenha muito significado mas, certamente, a mãe de cada um de vocês, o pai de cada um de vocês, ao saberem que vocês conseguiram se transformar em alunos do Senai, estão depositando no curso de vocês, a certeza de que a partir da formação profissional, a vida da família vai mudar para melhor, vocês vão ter mais possibilidades de empregos e vão ter mais possibilidades de um salário melhor.

Por isso, eu quero que Deus abençoe a todos vocês, quero que vocês tenham sorte nessa Olimpíada do Conhecimento e que mais jovens brasileiros e brasileiras tenham a oportunidade que vocês estão tendo, de aprender uma profissão.

Que Deus abençoe vocês.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da Semana Nacional pela Cidadania e
Solidariedade**

São Paulo-SP, 09 de agosto de 2004

Meu caro Cláudio Lembo, governador em exercício do estado de São Paulo,

Minha querida companheira Marta Suplicy, prefeita da cidade de São Paulo,

Meu querido companheiro Ricardo Berzoini, ministro do Trabalho e Emprego,

Meu querido companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu caro companheiro Jaques Wagner, secretário especial para o Desenvolvimento Econômico e Social,

Minha querida companheira Nilcéa Freire, secretária especial de Políticas para as Mulheres,

Meus caros amigos senadores Eduardo Suplicy e Romeu Tuma,

Meu caro deputado Luiz Eduardo Greenhalgh,

Meu caro Carlos Lopes, presidente do Programa das Nações Unidas pelo Desenvolvimento – PNUD,

Meu caro André Spitz, presidente do Comitê de Entidades no Combate à Fome e pela Vida,

Minha querida Viviane Senna, presidente do Instituto Ayrton Senna,

Minha querida Milu Vilella, presidente do “Faça Parte”, Instituto Brasil Voluntário,

Meu querido companheiro Oded Grajew, diretor-presidente do Instituto Ethos,



Meu caro Israel Tevah, presidente da Indústria Tevah e, possivelmente, o grande inspirador por estarmos, aqui, hoje, reunidos com o gesto que ele repete há sete anos. Só para vocês saberem: o Tevah tem uma fábrica de confecções em Porto Alegre e este ano comemora-se 7 anos que, todo sábado, um sábado por ano, os funcionários vão trabalhar de graça, produzem sem cobrar nada. Ele dá a matéria-prima, as máquinas, e ainda almoçam, coletivamente, para produzir roupa para uma instituição da cidade de Porto Alegre ou do estado, escolhida pelos funcionários. Obviamente, eu não vou pedir nunca para o Bradesco dar um dia dos depósitos realizados. Não vou pedir nada nesse nível, nem que a telefônica dê um dia de ligações gratuitas para todo mundo. Mas de qualquer forma é um exemplo extraordinário, esse que tem lá.

Meus queridos companheiros e companheiras,

Meus companheiros do Conselho,

Abílio Diniz, a quem eu queria, de público, reconhecer o gesto dele. Eu já reconheci, pessoalmente. Vocês sabem que nós reduzimos o PIB e Cofins para o feijão, para o arroz e para a farinha de mandioca. E para a nossa grata surpresa, há uma adesão da cadeia de supermercados no Brasil. Mas o que me deixou entusiasmado, Abílio, foi você assumir, publicamente, em matérias pagas, de causar inveja a qualquer candidato a um cargo público no Brasil, exigindo dos seus fornecedores que a redução de preços chegue a quem deve chegar, que é o consumidor. Eu acho que esse é um gesto importante, que demonstra seriedade e eu espero que seja seguido por outros empresários.

Eu quero cumprimentar a todos os companheiros e companheiras do Conselho e dizer para vocês que, possivelmente, a gente não tenha muita noção do que este movimento iniciado, hoje, pode criar daqui para a frente no Brasil.

Muitas vezes nós participamos de uma coisa e só vamos ter dimensão do que aquilo pode produzir, com o passar dos anos.



Eu queria que vocês vissem uma coisa que o nosso amigo Tevah está publicando em todos os jornais de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Tem aqui: “Faça a vida de alguém mais feliz, porque você existe. Semana Nacional pela Cidadania e Solidariedade, de 9 a 15 de agosto de 2004.” Uma idéia inspirada no exemplo do que, felizmente, está contagiando o Brasil, que aí já é a Tevah. Aqui, é interessante, porque isso pode, quem sabe, iluminar alguns de nós brasileiros.

Então, aproveite esta semana para visitar um velhinho no asilo, para brincar com uma criança no orfanato, para visitar um doente em um hospital, para reencontrar um amigo, para doar um agasalho, para oferecer um prato de comida a quem precisa, para ajudar a pintar uma creche, para produzir em sua indústria durante um dia, apenas para as entidades assistenciais.

Eu acho que esta propaganda aqui é um estímulo para que muita gente saiba o que fazer na Semana da Solidariedade. Porque este é um problema, as pessoas terem noção do que podem fazer e cada um pode fazer alguma coisa, mesmo que seja pequena.

Eu me lembro que quando o Hélio Bicudo era o representante do Brasil na Comissão dos Direitos Humanos da OEA, eu vim de uma visita à cidade de Quixeramobim e, por coincidência, é a cidade do nosso companheiro Genoíno, no Ceará, e eu voltei dizendo para o Hélio: é preciso incluir nos debates dos direitos humanos a questão da fome, porque nós, aqui no Brasil, fomos habituados a discutir a questão dos direitos humanos apenas na falta de liberdade democrática. É preciso colocar a questão da fome.

O cidadão que está preso, e que ainda recebe um advogado, termina tendo mais liberdade do que o cara que está dentro da sua casa e não tem o que comer. Não consegue sequer sair porque não tem energia para isso. Eu penso que o tempo se encarregou de fazer com que nós chegássemos hoje vendo as Nações Unidas assumirem essa questão de colocar a fome na ordem do dia. Eu penso que nesse aspecto o Brasil joga um papel muito importante.



Eu trouxe um discurso, viu Oded, muito longo que eu não sabia muito bem o que ia ser exigido de mim, aqui, como cidadão brasileiro, não como presidente da República, mas eu terminei quase que fazendo uma prestação de contas que eu não vou fazer, eu vou deixar aí com você. Quem sabe um dia você utilize isso aqui, porque eu acho que não é esse o objetivo, pelo menos neste encontro, que estamos criando a Semana, mas eu penso que deve ser objetivo para o próximo ano.

Eu acho que o governo tem que prestar contas sim, do que está fazendo para cumprir as Metas do Milênio. Cada ministro terá que, na Semana da Solidariedade, não ter medo nem vergonha de saber que ele tem que ir a algum lugar prestar contas do que ele fez naquele ano para cumprir as Metas do Milênio. Se a gente levar isso mais a ferro e fogo, Oded, essa é uma sugestão que eu queria dar. Você está lembrado, Oded, que um dia você me disse que... eu vou contar isso porque ontem eu vi um filme do Bush, e tem uma frase que me lembrou você. O Oded um dia me disse o seguinte: “olha Lula, naquele tempo ele me chamava só de Lula. Olha Lula, nós precisamos perguntar para os prefeitos e para os governadores, quando eles falarem que a escola deles é boa, que a saúde é boa, se os filhos deles estudam naquela escola.” Está lembrado? Pois bem. Ontem no filme, o jornalista vai para a porta da Câmara dos Deputados perguntar para os deputados se eles mandariam seus filhos para o Iraque. E aí, é engraçado, porque os deputados deram o pinote, ninguém quer mandar seus filhos para o Iraque.

Ora, brincadeiras à parte, esta Semana da Solidariedade, poderia instituir uma espécie de Oscar dos pobres, aqui, na América Latina, para políticas públicas bem sucedidas. Parece brincadeira, mas é verdade. Quando você chegar numa cidade, que você tiver um filho em idade escolar, no ensino fundamental e você perguntar como é o ensino fundamental na sua cidade e a pessoa falar: “aqui é fantástico, é o maior do mundo.” Aí, você pergunta: mas, seu filho está na escola? Certamente, não estará. Então, ela só passa a ser



boa quando o responsável por ela tiver confiança de colocar os seus filhos naquela escola, senão ela é boa para os outros, mas não é boa para ele.

No Brasil, nós temos exatamente o contrário. Estão nas universidades públicas, sejam elas federais ou estaduais, os filhos daqueles que poderiam estar pagando uma escola privada. E, por conseguinte, os filhos dos pobres, que estudam no ensino fundamental da escola pública, são os que dificilmente terão acesso à universidade pública, e vão ter que pagar. É uma contradição enorme entre o que existe no ensino fundamental e o que existe nas universidades brasileiras consideradas boas.

Mas isso tem uma razão de ser, e é importante que a gente institua alguma coisa para poder verificar. Eu tive o prazer, daquelas alegrias que você tem de vez em quando, de receber no meu gabinete, os meninos das Olimpíadas da Matemática e fiquei surpreso com um menino cearense, de 13 anos, que entrou agora no 2º grau, e que vai fazer mestrado em matemática. Conheci um menino de 17 anos, do Ceará, não de Quixadá, mas do Ceará, que com 17 anos já fez mestrado e vai fazer doutorado em matemática. Conheci uma menina de 16 anos que já ganhou cinco medalhas em olimpíadas internacionais e mais importante é que o ITA, que é possivelmente o vestibular mais difícil do Brasil, por conta dessas Olimpíadas da Matemática, o estado do Ceará colocou mais gente este ano na escola de engenharia do que o estado de São Paulo, ou seja, me parece que 30% dos alunos são do Nordeste, sobretudo do Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe e Piauí. Estados muito pobres, mas onde as crianças, por estarem participando das Olimpíadas, conseguiram passar neste vestibular, numa demonstração que consagra a frase do Paulo Freire: “Não existe ninguém que não saiba das coisas; não existe ninguém que não aprenda.” Ou seja, o que precisa saber é se as pessoas estão recebendo as informações adequadamente.

E para minha surpresa, Oded, a professora que coordena essa Olimpíada da Matemática e outros professores que foram me visitar, me



disseram que o problema está intimamente ligado ao educador. Se o educador não tiver interesse, essa criança vai ser uma daquelas, Viviane, que você conheceu em Recife, que passa na escola 4 ou 5 anos sem aprender nada, porque é preciso que o educador assuma a responsabilidade de que alguém que está na sua sala de aula vai ser mais inteligente, vai aprender mais, vai poder ultrapassar os limites das fronteiras econômicas que subordina uma parte da sociedade brasileira.

Então, eu penso que se a gente instituísse uma espécie de Oscar, onde todos os prefeitos do Brasil soubessem que numa semana de agosto, de 09 a 15, vai ter, e durante o ano inteiro, pessoas da sociedade, organismos da sociedade, da ONU, do Unicef, das universidades brasileiras, das ONGs brasileiras, investigando o que está sendo feito naquela cidade, para cada uma das Metas do Milênio, e que ele pode ganhar ou perder, dependendo do trabalho dele. Ganhar em prestígio e perder em prestígio, obviamente. Quem sabe isso pudesse dar um dinamismo extraordinário, não apenas para a prefeitura.

Por exemplo, a Marta vai ter, dias 7, 8 e 9 de outubro, um encontro das prefeituras das capitais do mundo inteiro, aqui, em São Paulo. É colocar, Marta, nessa reunião, para que os prefeitos assumam a responsabilidade de começar a trabalhar agora, não pensando no cabo eleitoral que lhe pede uma obra aqui e outra ali, mas pensando nos compromissos das Metas do Milênio assumidos pelo mundo inteiro. Possivelmente o resultado disso fosse excepcional. Os prefeitos teriam algo mais do que a próxima eleição para motivá-los. Eles ficariam sabendo que a sociedade brasileira, através de instituições criadas pela própria sociedade civil, estaria medindo, estaria aferindo o que se fez em cada cidade. E, quem sabe, pudéssemos criar conselhos em cada cidade, independente da sociedade civil, que fosse mandando para o conselho estadual ou para o conselho federal, as coisas que estão acontecendo. Tem muita coisa que pode ser feita.



E eu acho que, muitas vezes, não é nem maldade, muitas vezes, eu acho, é falta de incentivo. Eu digo sempre que as pessoas não conseguem trabalhar se não tiverem a auto-estima muito elevada. Eu acho que todo mundo aqui já acordou um dia com a auto-estima lá embaixo, depois levantou. Tem dia em que a gente levanta achando que nada vai dar certo no mundo, que tudo está contra a gente. Tem dia que a gente levanta achando que está todo mundo do lado da gente, ou seja, quando a gente adquire a maturidade e a auto-estima, a gente não fica nessa oscilação do tudo ou nada, fica numa média ponderada que nos permite ter a criatividade que vocês tiveram, de propor a criação dessa Semana da Solidariedade.

Eu acho que o prêmio não deveria ser apenas para prefeito, mas para personalidades, ou seja, para uma instituição, uma empresa, um sindicato, por exemplo. Hoje eu sei que o sindicato (...) junto com o PNUD, para fazer um grande debate sobre o ABC do futuro. É uma iniciativa importante. Mas o que uma entidade sindical, o que uma ONG, o que uma pessoa da sociedade pode fazer? O gesto de assumir a responsabilidade de cuidar de uma criança pobre, adotar essa criança, ser uma espécie de pai adotivo, indo visitar essa criança de quando em quando, garantindo que essa criança tenha o material escolar, sei lá, eu também não sei tudo o que é possível fazer, porque as pessoas vão fazendo as coisas e a gente vai percebendo que a capacidade de criação do ser humano é muito grande.

O dado concreto é que nós temos uma meta a cumprir, temos um compromisso a cumprir, temos coisas para fazer e temos que fazer. Se a gente estabelecer uma programação no tempo, por exemplo, eu assumi o compromisso de que ao terminar o meu mandato, a gente vai garantir que 11 milhões de pessoas que estavam previstas no estudo do IBGE, tenham a renda mínima, e vão ter. Estou convencido, vamos chegar a 6 milhões e meio agora, vamos chegar a 8 milhões e 700 mil famílias em dezembro do ano que vem, e vamos chegar a 11 milhões em dezembro de 2006, ou seja, atingiremos a meta



de garantir que cada pessoa tenha um mínimo necessário para comprar o mínimo para comer.

Obviamente que, combinando com o crescimento econômico, a gente pode, até quem sabe não ter as 11 milhões, quem sabe poderemos até aumentar um pouco o de quem já tem alguma coisa. Quando se aprovou o Estatuto do Idoso, muita gente achou que aquilo custa dinheiro, mas são 2 milhões e 300 mil brasileiros e brasileiras que estão recebendo o benefício de um salário mínimo, o que não é pouca coisa num país em vias de desenvolvimento como o Brasil.

Nós, Oded, quando discutimos a educação fundamental, muitas vezes deixamos de levar em conta que essas crianças que estão no ensino fundamental precisam ser motivadas para ir para a escola. Se você não melhorar, não apenas a qualidade do ensino, porque eu acho que nós precisamos fazer um grande processo de reciclagem no Brasil, mas se você não motivar essa criança a ter na escola algo que lhe dê vontade de levantar às sete horas da manhã e ir para a escola, como uma coisa prazerosa, gostosa e não um sofrimento onde a criança nunca quer ir, e inventa até dor de cabeça para não ir. Se você não mudar isso, não transformar a escola ...

Eu sou obrigado a falar do CEU, que eu tive a oportunidade de conhecer e acho que quem não conhece deveria conhecer. Obviamente, fazer com que todo o povo brasileiro tenha isso, vai levar um tempo e custa muito dinheiro. Mas a verdade é que nós precisamos melhorar a qualidade das coisas que nós oferecemos para as pessoas, senão, nós permitimos que seja projetada na consciência de cada brasileiro, a idéia de cidadão de segunda classe, de que a gente tem que ter tudo inferior. Não, nós poderemos ter tudo, já foi assim no Brasil.

A escola pública do ensino fundamental no Brasil já foi de grande qualidade, aliás, se pegarmos todos os grandes intelectuais brasileiros acima de 70 anos, todos eles fizeram escola pública. Então, isso pode ser



recuperado, e a construção do CEU é um exemplo disso, como pode ser a construção de outras coisas que possam ser exemplos no Brasil. Mas o dado concreto é que nós temos que começar a colocar um pouco de qualidade no que nós oferecemos.

Eu vou contar um pequeno caso, Oded, que está dentro das Metas do Milênio. A questão da saúde, no Brasil, é importante lembrar, e está aqui o meu querido presidente do Albert Einstein, ou seja, a saúde bucal não é levada em conta pelos convênios feitos com empresas prestadoras de assistência médica. Lá no convênio está escrito que você cuida da unha do dedão, que você cuida de “bicho de pé”, que você cuida de qualquer coisa. Agora, saúde bucal não tem, ou seja, o local por onde entra a doença, não é tratado como uma questão de saúde pública.

O que nós estamos fazendo? Nós estamos, meu caro, fazendo 400 centros de tratamento de saúde bucal, onde o pobre pode fazer um tratamento de canal; pode fazer uma correção nos seus dentes, e onde o pobre vai poder sorrir outra vez, porque vai poder fazer uma prótese de qualidade e não aquela distribuída gratuitamente em época de eleição, em algumas regiões do país.

Essas coisas vêm dar uma outra dimensão à qualidade daquilo que a gente deseja para a parte mais pobre da população brasileira. E eu acho que a ONU pode fazer muito.

Eu vou contar uma história para vocês: nós estamos indo ao Haiti no próximo domingo. Todo mundo sabe que o Brasil é um país que coordena a força de paz no Haiti, ou seja, o Haiti não estava em guerra, o Haiti tem o problema da democracia, por conta de problemas sociais muito sério. E caiu o presidente Aristides, como já tinha caído outros, e lá, meu caro, vão cair todos os presidentes, porque enquanto não se resolver o problema social, não é possível falar em paz num país onde não tem justiça social nenhuma; um país que foi dominado durante anos e onde os colonizadores vão embora, deixam para trás a miséria e não se sentem na responsabilidade de resolver o



problema.

Então, nós vamos levar a Seleção Brasileira lá, porque eles adoram o futebol brasileiro e é um gesto que a gente quer fazer para o mundo, de que nem tudo precisa de canhão, nem tudo precisa de metralhadora, nem tudo precisa de armas de destruição em massa. Às vezes, um gesto de carinho vale muito mais do que determinadas guerras que nós temos assistido, lido e acompanhado pela imprensa mundial.

Nós vamos fazer isso, porque achamos que a partir disso, a ONU pode ter muito mais força para evitar que aconteça o que já aconteceu em outros momentos da história das decisões das Nações Unidas.

E, por último, eu queria terminar dizendo que a questão do cumprimento das Metas do Milênio é uma questão de decisão política mesmo. O problema não é só falta de recursos que, num país pobre, é sempre difícil.

Mas, por exemplo, eu fui agora a São Tomé e Príncipe. São Tomé e Príncipe é uma ilha que tem 150 mil habitantes. Temos a primazia de que eles falam português, temos a primazia de que agora está se descobrindo muito petróleo em toda aquela zona. Nós temos a Petrobrás. Significa que a gente pode ajudar muito mais. Mas é um país que tem 100% de malária. E a malária está ligada à questão da limpeza, da higiene, ou seja, se você não fizer saneamento básico naquele país – que tem um potencial turístico excepcional – ele nunca irá se desenvolver.

A pergunta que eu faço é a seguinte: o que custaria para os países ricos assumirem a responsabilidade de reconstruir o Haiti, um país de oito milhões de habitantes? O que pesaria para os chamados G-8, G-20, ou G-30? Vamos escolher o G que a gente quiser para não ficar jogando apenas a responsabilidade em cima dos mais ricos. Mas o que custaria, e aí eu vou propor à ONU, meu companheiro do PNUD, que se não tem, manda uma equipe da mais alta competência técnica para fazer uma avaliação profunda das necessidades mínimas do Haiti, do ponto de vista de crescimento



econômico, para que a gente comece a viajar o mundo e conversar com os países, e pedir para eles: “Você quer ajudar? Você não precisa dar dinheiro, você pode ir lá e investir em tal coisa.” Porque uma empresa esportiva não pode fazer um pouco do tênis lá, no Haiti? Por que uma fábrica multinacional não pode empregar 200 pessoas no Haiti?

Eu acho que, na verdade, está precisando é a gente planejar melhor essas coisas e cobrar com mais veemência, para que as coisas comecem a acontecer.

Eu digo sempre o seguinte: esses fundos que a gente quer criar, o Brasil não precisa participar deles, que é para poder a gente falar um pouco de cabeça erguida, que desses fundos, o Brasil não precisa participar. O Brasil tem que ser contribuinte e não recebedor, usuário desse dinheiro. Por quê? Porque o Brasil produz agricultura suficiente para o nosso povo, o Brasil tem uma renda per capita que pode ser mais justamente distribuída para as pessoas.

Então, eu acho que nós precisamos ter esse fundo para ajudar exatamente a parte mais pobre do mundo. Se não tiver, eu fico imaginando o seguinte: nós estamos, agora, com o Sudão em guerra, uma guerra civil, com um milhão e meio de refugiados. Mas a Inglaterra esteve lá por quase 300 anos, ou seja, o que ficou lá, para aquele povo? Ninguém assume nada, ninguém discute: “Qual é a minha parte nisso?” Ou é a parte dos miseráveis, mesmo, que têm que assumir?

Esses são debates muito delicados, não são fáceis de ser feitos, mas acho que nós temos que fazer. Temos que fazer porque se não fizermos, passa o mandato da gente e a gente fica se perguntando: Bom, por que eu passei o mandato lá? Ah, eu fiz uma estrada, eu fiz uma ponte. Isso, qualquer um faz. Eu quero saber qual é a ponte que a gente vai fazer entre um cidadão brasileiro que pode e um cidadão brasileiro que não pode; um cidadão brasileiro que sabe e um cidadão brasileiro que não sabe.



O que sobra de tudo isso é a relação que a gente for capaz de criar, entre o Estado e a sociedade, entre o governo e a sociedade. É isso que no fundo, no fundo, fica para a história de um país. E eu acho que com gente como vocês nós podemos fazer muito.

Eu acho que, olhando para a cara, viu, Maurício, eu fico imaginando que se a gente assumir... não é isentar o Estado da sua responsabilidade, pelo contrário, o Estado existe para cumprir com as suas obrigações. Mas é cada um de nós, além de cobrar do Estado o que ele fez, nas suas mais diferentes áreas de decisão, também o que nós, enquanto seres humanos, fazemos a cada dia.

Eu mudei o comportamento no sindicato, Abílio – eu vou te contar essa, porque é importante saber – porque uma vez eu fiz um curso no sindicato e o cara fez uma pergunta: “Bom, eu quero que você responda se nessa semana você cumpriu o teu papel de dirigente sindical.”

Então, o que que eu achava que era o papel do dirigente sindical? O que muitos ainda acham, hoje. O que era? Era entregar um panfleto, convidando os trabalhadores para uma assembléia, os trabalhadores não vinham e, depois, a gente dizia: “Bom, os trabalhadores não querem saber ou confiam demais na Diretoria”.

Então, o que nós fizemos? Nós tomamos uma decisão, a partir dessa pergunta nós tomamos uma decisão de que a gente poderia fazer muito mais e de que o papel do dirigente não era apenas esse, ele tinha um milhão de coisas que ele poderia fazer.

Então é isso, sabe, Oded, uma pergunta simples: será que todo dia, na hora em que colocamos a cabeça no travesseiro, nós dormimos com a consciência tranqüila de que: “Bom, hoje eu fiz uma ação que vai ajudar uma pessoa neste país. Hoje eu fiz uma ação que vai ajudar uma criança”.

Porque no Brasil, Oded, tem um defeito crônico que é, muitas vezes – e outro dia a Nilcéa me cobrava que eu tenho culpa nisso – a gente jogar toda a



responsabilidade no Estado, até por coisas que são nossas, ou seja, quem tem que educar meu filho sou eu, eu é que tenho que me responsabilizar pela formação da moral dos meus filhos. Mas, no Brasil, até isso a gente joga para cima do Estado.

E a Nilcéa dizia: “Você não reclama não, porque você tem muito a ver com isso. Porque durante muitos anos da sua vida você passou a dizer “Não, o Estado tem que fazer isso, o Estado tem que fazer aquilo”, de repente...” Ou seja, como é que nós vamos resolver o problema da degradação da estrutura da família brasileira? Como é que nós vamos resolver o problema de milhões de adolescentes que não têm perspectiva por fora da família? Não há Estado que consiga resolver esse problema se a família não tiver a certeza de que ela é o primeiro elo da formação da estrutura da sociedade. Como é que você vai recuperar um garoto na Febem ou num desses centros de recuperação, por fora da família, se o problema que levou ele lá é exatamente a desagregação da família? Como é que nós vamos resolver isso? Passa a ser uma coisa insolúvel.

Eu me lembro quando o governador Mário Covas era vivo, ele disse que gastava, na época, 1 mil e 800 reais por mês para cuidar de uma criança na Febem. Pode-se gastar 10 mil reais por mês, o problema não é do montante que se gasta lá dentro, ele não vai se recuperar, porque o problema dele ficou atrás, que é a própria desestruturação da família. Quem sabe ficasse muito mais barato com 1 mil e 800 reais que você cuida de uma criança na Febem, você pudesse cuidar de seis, dando uma renda mínima para a família, com o compromisso de a família melhor se responsabilizar pelo filho.

Eu penso que nós, quando instituímos uma Semana da Solidariedade, temos que colocar, sobretudo, a nossa mente fértil para pensar o que a gente pode fazer. E não tenho medo. Eu quero dizer para vocês, aqui, em alto e bom som: não tenham medo de cobrar do governo. O prefeito, o governador e o presidente da República, o presidente da Câmara, os senadores da República,



nós temos que ser cobrados, porque nós fomos eleitos assumindo compromissos e, portanto, nós temos que ser cobrados, não tem por que a gente achar ruim ser cobrados. Eu, aliás, brinco muito com isso, porque toda vez que eu vou para um lugar e vejo uma manifestação eu fico pensando quantas eu já fiz a respeito. Então, eu não tenho o direito, Marinho, de ficar nervoso. Eu tenho o direito de relaxar e falar: bom, eu preciso permanecer “Lula paz e amor” para as coisas darem certo no Brasil.

Eu acho que o que vocês estão fazendo aqui, hoje, é um gesto extraordinário, Oded. Eu penso que a instituição de uma Semana de Solidariedade, onde a gente vai extrair o potencial de cada homem, de cada mulher, de cada poder público neste país, de cada instituição para que ela possa fazer um pouco mais com a planilha na mão, acompanhando, eu não tenho dúvida nenhuma, meu caro, que você vai chegar no final do meu mandato e vai no PNUD dizer: “olha, encontrei um país que cumpriu as Metas do Milênio, porque a sociedade brasileira ajudou a construir.”

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de inauguração da ampliação da Fábrica de Materiais Esportivos do Programa Pintando a Liberdade

Feira de Santana-BA, 09 de agosto de 2004

Eu penso que não tem discurso que possa pagar algumas coisas que falam profundamente com o coração da gente. Por isso, eu quero dizer ao governador Paulo Souto que, mais uma vez, estou agradecido pelo carinho com que sou tratado pelo governo da Bahia e pelo povo da Bahia.

Quero, mais uma vez, dizer ao companheiro Agnelo, nosso ministro do Esporte, que este programa Segundo Tempo é um Programa que tende a ser uma marca profundamente conhecida e respeitada no mundo inteiro.

Quero dizer ao meu companheiro Ricardo Berzoini, ministro do Trabalho e Emprego, que aqui a gente tem um pouco a lição de como muitas vezes é possível criar empregos de forma mais barata, na medida em que a gente consegue envolver a sociedade.

Quero dizer ao meu companheiro Patrus Ananias que foi muito importante você vir aqui, para perceber a interação do programa Fome Zero com o programa Segundo Tempo.

Quero dizer ao meu companheiro Valdir Pires, ao meu companheiro Jaques Wagner, da importância de que esse exemplo seja difundido para outras partes do país.

Mas, sobretudo, quero dizer ao nosso querido Antônio Lopes, presidente da Fundação de Apoio ao Menor de Feira de Santana, e à nossa querida Lourdes Trindade, mais uma vez: eu não vim aqui por outra razão a não ser para ver com os meus olhos o crescimento dos serviços que vocês estão prestando à comunidade pobre dessa região e, sobretudo, às crianças mais pobres de Feira de Santana.



Eu tive a oportunidade de vir aqui. E, hoje, o que me deixa animado é que nós saímos de uma produção envolvendo bola, rede, camisa e chapéu, de 11 mil unidades por mês para 33 mil unidades por mês. Que nós saímos de 350 empregos para mil empregos. Este é um dado excepcional, porque estamos apenas no começo e, certamente, em vários outros estados do Brasil nós teremos o programa Segundo Tempo gerando prazer, alegria, educação e, sobretudo, divertimento para essas crianças; gerando emprego para os seus pais, a um custo muito menor do que qualquer outra coisa que se faça no Brasil.

Mas, mais do que isso, eu queria dizer a vocês que, pela segunda vez, eu saio daqui com a alma, a consciência e o meu coração límpidos. Porque eu digo sempre que Deus foi muito generoso comigo. Deus me fez sair de Caetés, de uma família muito pobre e chegar à Presidência da República. Então, eu agradeço a Deus todo santo dia. Mas, muitas vezes, nós reclamamos mais do que devíamos de nós mesmos e reclamamos dos outros.

Eu queria que todos nós, que viemos aqui, das crianças a todos vocês que estão aqui, autoridades, quando aquele grupo portador de deficiência física veio fazer uma demonstração de capoeira e a gente viu pessoas praticamente impossibilitadas de mexer com o corpo, fazendo um esforço incomensurável para fazer pequenos gestos e, mais do que isso, para mostrar que ele é capoeirista, que saíamos daqui com uma lição: que ele, naquela situação, tem prazer pela vida, não há porque nós ficamos chorando aquilo que não conquistamos, ainda, e não agradecer a Deus por aquilo que nós já temos, aquilo que nós conquistamos.

Por isso, meu caro Agnelo, eu saio daqui, outra vez, com a consciência tranqüila de que, em menos de um ano, eu vim duas vezes aqui, e pode ficar certo, povo de Feira de Santana e Governador, que se o Segundo Tempo continuar crescendo, se a nossa querida maestrina continuar ensinando a molecada a cantar tão bem e se essa molecada continuar sendo o orgulho do



que é possível uma criança aprender; se o nosso companheiro Antônio Lopes continuar com esse entusiasmo, e se os companheiros Patrus e Agnelo continuarem pondo um dinheirinho, podem ficar certos que eu voltarei outra vez a Feira de Santana para ver o crescimento do programa Segundo Tempo.

Muito obrigado minha querida dona Trindade, que Deus te abençoe. Meu caro Antônio, que Deus te abençoe e, sobretudo, essas crianças maravilhosas. E se Deus quiser vocês serão o exemplo para outros milhões de jovens por este país que ainda não tiveram a oportunidade que vocês tiveram.

Até breve e um abraço.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de recepção aos recrutas na Incorporação Especial do ano de 2004 – Programa Soldado Cidadão

Brasília-DF, 10 de agosto de 2004

Embaixador José Viegas, ministro da Defesa,
Senhor Ricardo Berzoini, ministro do Trabalho,
Senhor Tarso Genro, ministro da Educação,
Senhor Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

General Jorge Armando Félix, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional,

Senhor Jaques Wagner, secretário especial do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social,

Senhor Luiz Gushiken, ministro-chefe da Secretaria de Comunicação de Governo e Gestão Estratégica da Presidência da República,

Senhor Aldo Rebelo, ministro-chefe da Secretaria de Coordenação Política e Assuntos Institucionais,

Minha querida companheira Marisa,

Senhor ministro Edson Vidigal, presidente do Superior Tribunal de Justiça,

Almirante-de-Esquadra Roberto Guimarães Carvalho, comandante da Marinha,

General de Exército Francisco Roberto de Albuquerque, comandante do Exército,

Tenente Brigadeiro do Ar Luiz Carlos da Silva Bueno, comandante da Aeronáutica,

Senhores oficiais,



Praças,

Caros recrutas que estão iniciando um novo modo de vida neste momento,

Com grande alegria estou hoje, aqui, com os senhores, para partilhar uma ótima notícia: desde a semana passada o Brasil conta com um contingente de 100 mil jovens servindo como recrutas em nossas Forças Armadas. Essa é uma vitória da qual nos orgulhamos.

Desde o início do governo, afirmei o compromisso de reverter a diminuição do número de jovens chamados para o serviço militar. Houve anos em que não apenas tivemos menos recrutas, como tivemos de mandar para casa mais cedo os que já estavam engajados. Quem não se lembra do desapontamento, da decepção cívica estampada nos rostos, nos olhares de tantas famílias? Eu digo a vocês que esses tempos não voltarão. Nos últimos dois anos, dobramos o número de recrutas. E pela primeira vez, em quinze anos, atingimos 100 mil selecionados.

Cem mil jovens, de 100 mil famílias brasileiras, que trazem para as nossas Forças Armadas o seu amor ao país, a sua energia para trabalhar em torno de ideais comuns, o seu empenho em defender um Brasil de que se orgulham.

Nossas Forças Armadas recebem esses jovens com o dever de quem tem em suas mãos a responsabilidade de aprimorar talentos e vocações, de educar, de treinar, não só para a defesa do Brasil, mas também para a vida e para a cidadania.

O mandato constitucional, a tarefa fundamental das Forças Armadas brasileiras é garantir a integridade territorial e preservar nossa soberania. E desde a semana passada 100 mil jovens brasileiros estão engajados nesse trabalho coletivo.

A essa missão fundamental somam-se outras no campo de atuação dos



nossos militares. A sua presença pode e deve também colaborar, cada vez mais, para resolver demandas sociais, apoiar a defesa civil, dar suporte ao desenvolvimento estratégico do país e à integração nacional.

Em todas essas áreas, podemos contar com o vigor das nossas Forças Armadas, acrescido agora do entusiasmo de mais 100 mil jovens brasileiros.

Quero ressaltar, aqui, algo que tem sido uma preocupação permanente para mim: os problemas que enfrenta a nossa juventude em um país que estava submetido à estagnação econômica e desaprendera a confiar em si mesmo.

Conheço bem as dificuldades do desemprego e da pobreza. Conheço a angústia de pais e mães que olham para os seus filhos e não sabem se eles terão onde trabalhar, se terão oportunidade de conquistar uma vida melhor, um futuro mais feliz. É por isso que insisto tanto na importância de superarmos as dores da desagregação familiar, da necessidade de fazermos da educação de qualidade para todos, um dos caminhos firmes para uma sociedade mais desenvolvida e justa.

Esses são os problemas centrais que estamos enfrentando e começando a vencer. Felizmente, o Brasil já entrou numa rota de crescimento, gerando empregos e aumentando a renda dos trabalhadores.

Para avançarmos ainda mais, será necessário, entre outras medidas, dar cada vez melhor formação aos nossos jovens. Nossas Forças Armadas também estão participando desse esforço.

Fico feliz de poder destacar, aqui, que além de ampliar para 100 mil o número de recrutas, nós estamos iniciando um novo Programa, Soldado Cidadão, que já beneficiará diretamente 30 mil desses recrutas.

Nos quartéis e instalações militares estaremos oferecendo, além da preparação específica do serviço militar, formação profissional que vai capacitá-los para obter melhores empregos e melhor colocação no mercado de trabalho.



Por meio de parcerias com as organizações do “Sistema S” e similares, vamos oferecer cursos nas áreas de informática, construção civil, alimentação, saúde, eletricidade e vários outros.

Com isso, ao servir à sua Pátria, o jovem brasileiro estará aprendendo o sentido do trabalho pela comunidade, estará desenvolvendo noções de civismo e amadurecendo seu sentido de conduta social para a vida em uma sociedade democrática.

Esses jovens do Programa também receberão uma certificação de qualificação, para que, ao deixar as Forças Armadas, possam encontrar um bom emprego, sustentar sua família e transmitir a seus filhos os valores da cidadania, da nacionalidade e do patriotismo.

Tenho certeza de que o programa Soldado Cidadão terá grande êxito. Estamos contribuindo com a participação das nossas Forças Armadas, para formar uma juventude que saberá evitar os riscos da marginalidade e conquistar a sua plena cidadania.

Uma juventude que olhará para o futuro consciente de que seu esforço lhe permitirá desfrutar de uma vida digna, num país que caminha para ser cada vez mais forte e desenvolvido econômica e socialmente.

Meu caro General Albuquerque, meu caro Almirante Guimarães, meu caro Brigadeiro Bueno, oficiais e recrutas. Permitam-me dizer alguma coisa que não estava no meu *script*, mas é uma coisa que eu sinto necessidade de dizer.

Houve um tempo em que as mães ou os pais, normalmente, faziam um trabalho enorme para que os seus filhos não servissem às Forças Armadas. Havia um tempo em que se trabalhava, se tentava arrumar um padrinho para evitar que o filho não servisse, porque durante um determinado tempo, imaginava-se que servir às Forças Armadas Brasileiras era sofrimento, era fazer com que o jovem passasse um ano amargando sofrimentos, treinamentos, muitas vezes criando-se fantasia com o trabalho militar.

Eu fui um jovem frustrado porque não consegui servir ao Exército.



Quando me apresentei no Quartel do Parque D.Pedro, lá em São Paulo, não sei se porque eu era muito pequeno ou porque tinha soldados demais, eu fiquei sem servir por conta do excesso de contingente.

Eu achava que a fisionomia da minha mãe mostrava um orgulho profundo pela possibilidade do seu filho caçula servir às Forças Armadas. Quando eu assumi a Presidência, no primeiro encontro que tive com o general Albuquerque, eu disse para ele que era inexplicável que as nossas Forças Armadas não pudessem ter um contingente maior de jovens, sobretudo, de jovens de famílias mais pobres, mais carentes, para que a gente pudesse contribuir não apenas na formação profissional desses jovens, mas pudesse dar a eles a noção de cidadania, de hierarquia, de respeito à pátria, para aprenderem a definir corretamente o que é bom, o que é certo e o que é errado.

Foi com muita alegria que nós conseguimos, este ano, dar um salto que não foi dado nos últimos 15 anos. Por problemas outros, as nossas Forças Armadas tinham os seus recrutas cada vez mais diminutos e a gente, cada vez mais, com jovens na periferia, sem perspectiva do que fazer da vida.

Eu posso dizer a vocês, porque tenho cinco filhos, um deles com 19 anos, portanto, na idade da maioria de vocês. E quando vocês saírem daqui, certamente serão outros homens, certamente estarão mais maduros, certamente estarão mais preparados para enfrentar a vida aí fora, que, como vocês sabem, não é fácil.

Eu tenho certeza que, ao invés do castigo, ao invés do sofrimento que há 30 anos se apregoava para os jovens que fossem servir às Forças Armadas, vocês vão perceber que estão tendo uma família mais ampla, que farão novos companheiros, aprenderão novas coisas, assumirão novos compromissos. E eu não tenho dúvida de que vocês sairão daqui mais brasileiros do que vocês entraram.

Eu quero que vocês saibam que o meu governo está comprometido com



a formação da nossa juventude. Está aqui o ministro Tarso Genro, ele sabe da preocupação que nós estamos, agora, com o ensino médio brasileiro. O que não adianta é vocês terminarem o segundo grau sem, concomitantemente, aprender uma profissão para que possam ajudar no orçamento da família, para que possam aprimorar a capacidade produtiva do país, a qualidade produtiva do nosso país. Eu sei que é isso que vocês sonham e sei que é isso que nós temos que fazer.

Por isso, eu quero, meu caro general Albuquerque, dizer aos oficiais aqui presentes que vocês terão mais trabalho este ano, porque terão mais recrutas, mas será um trabalho, eu diria, que virá enaltecer ainda mais a atividade de vocês. Eu só quero pedir uma coisa: exijam desses jovens tudo que vocês tiverem que exigir. Não deixem de exigir absolutamente nada do que eles têm a cumprir. Mas trate-os como se fossem os nossos filhos, porque, na verdade, deles é que vai depender o tipo de Brasil que a gente vai construir daqui a 10, 15, 20 ou 30 anos. Vocês, portanto, têm muita responsabilidade pela qualidade que esses jovens deixarão às Forças Armadas brasileira.

Eu peço a Deus que cuide de vocês como se estivesse cuidando do meu filho. Eu não sei se vocês estão percebendo que este ato não é muito corriqueiro, este é um ato ligado ao Primeiro Emprego, este é um ato ligado à primeira oportunidade; este é um ato que visa fazer com que vocês possam contribuir para que outros jovens que não tiveram a oportunidade de ser recrutados possam, na rua onde vocês moram, na vila onde vocês moram, aprender um pouco com vocês, para que a gente tenha uma juventude mais sadia, uma juventude mais comprometida com o destino do nosso país.

Muito obrigado e boa sorte a todos. Que Deus os abençoe nessa nova empreitada da vida de vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de assinatura de atos: Programa Luz para Todos, Recuperação
da BR-429 e convênios com MDA**

Nova União-RO, 11 de agosto de 2004

Meus companheiros,
Minhas companheiras,
Trabalhadores e trabalhadoras do nosso querido Brasil,
Meu caro governador Ivo Cassol,
Meu caro ministro da Previdência Social, Amir Lando,
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra de Minas e Energia,
Meu companheiro Miguel Rosseto, ministro do Desenvolvimento Agrário,
Minha companheira senadora Fátima Cleide,
Senador Valdir Raupp,
Deputada Marinha Raupp,
Deputado Miguel de Souza,
Deputado Agnaldo Muniz,
Deputado Nilton Capixaba,
Deputado Eduardo Valverde,
Deputado Anselmo,
Deputado Confúncio Moura,
Deputado Hamilton Casara,
Senhor Cleiton Campanhola, presidente da Embrapa, grande parceiro
dos assentamentos deste país e aqui, de Rondônia,
Meu querido companheiro Rolf, presidente do Inbra,
Minha senhora Carmelina Rigo, prefeita de Nova União,



Primeiro, quero dizer a vocês da alegria, do carinho de poder estar num assentamento, visitando algumas famílias e podendo ter contato com meus companheiros de luta nesses últimos 20 anos do nosso país.

Em segundo lugar, dizer para vocês que vocês ouviram, aqui, a ministra Dilma, e ouviram o ministro Miguel Rosseto, que não só falaram, mas assinaram o contrato de uma coisa que nós queremos tornar realidade neste país. Somente quem não tem luz elétrica em casa, quem vive à base da luz de um candeeiro, é que tem noção da importância do Programa Luz para Todos que nós queremos fazer acontecer até fazer chegar a luz elétrica à casa de cada um dos 180 milhões de brasileiros, que é um bem que pode contribuir de forma decisiva para o desenvolvimento da agricultura e, sobretudo, da agricultura familiar.

Mas não é apenas isso. Nós estamos convencidos, Dilma; Miguel Rosseto; o ministro Humberto Costa, da Saúde; a ministra Matilde, da Igualdade Racial. Nós estamos convencidos de que é possível, a partir de agora, desencadear um movimento no Brasil, onde a gente possa ter uma espécie de “pacote da cidadania” para as terras indígenas brasileiras, para os quilombos do Brasil e para os assentamentos deste país. Um pacote de cidadania que leve, entre outras coisas, luz para todos, de verdade; que leve assistência técnica para todos, que leve educação, que leve saúde e, no nosso caso, até dentista nós vamos fazer chegar nas regiões mais pobres do nosso país, para que jovens de 16 ou 18 anos não tenham vergonha de rir, neste país.

Vocês sabem que o que nós estamos fazendo já dá alguns sinais. Todos nós sabemos o que é um assentamento bom. Um assentamento bom, começa pela terra de qualidade; se não for de qualidade, tem que ter o manejo, para que ela possa se transformar numa terra de qualidade.

A segunda coisa é que nós sabemos que precisa ter assistência técnica. E a Embrapa deu uma demonstração, aqui com vocês, de como é possível



essa assistência técnica. A experiência da pupunha, a experiência da cana, que eu esqueci o nome, “mulata pelada”, que é uma cana produzida aqui, desenvolvida pela Embrapa, que não é igual àquela que produz álcool, lá em São Paulo ou no Nordeste. É uma cana que dá uma garapa de belíssima qualidade, porque eu acabei de tomar um copo na casa de um companheiro. E eu acho que, se ela dá uma garapa boa, certamente dará uma cachaça boa também, para que a gente possa enfrentar o frio. E, certamente, a rapadura dessa cana “mulata pelada”, que vocês inventaram aqui na região, será ainda de melhor qualidade.

Mas nós sabemos também que além da terra, da assistência técnica, nós precisamos de infra-estrutura. É preciso que as estradas estejam em boas condições, de preferência asfaltadas, para que os produtores possam escoar a produção que eles conseguem produzir durante o ano inteiro.

Mas ainda, nós sabemos que eles precisam de outra coisa, e este ano nós damos o exemplo. Já tínhamos dado o exemplo, no ano passado, na região do Semi-Árido brasileiro. Aqui nós compramos, através da Conab, praticamente 11 mil toneladas de feijão. Nós oferecemos a 60 reais a saca. Vocês sabem que se não fosse a Conab oferecer 60 reais, o mercado estaria oferecendo para vocês 25 ou 30 reais, metade do preço que vocês venderam. Por conta do preço da Conab, até o mercado, aqui na região, já está oferecendo 48 reais. Só para vocês terem idéia do que é a gente garantir o preço, no ano passado, na região mais pobre deste país, que é o Semi-Árido nordestino, nós oferecemos um preço ao pequeno produtor, e o mercado, com medo que o governo comprasse toda a produção, aumentou o preço e o governo não precisou comprar porque pagou o preço justo ao pequeno produtor. É isso que a Conab tem que fazer. E vocês sabem que a Conab estava abandonada. Muitos trabalhadores foram mandados embora. E nós, agora, vamos ter que readmitir um bocado deles para que a Conab possa cumprir o papel para o qual ela foi criada no nosso país.



Da mesma forma que estamos comprando leite, em várias regiões do país, para garantir ao cidadão que tem meia dúzia de cabras que ele possa vender o leite a um preço justo, para garantir ao cidadão que tem 10 ou 12 vaquinhas, que ele possa vender a um preço justo. E graças ao FAT nós já compramos, até agora, um milhão e 200 mil litros de leite, e a gente está garantindo, em algumas regiões do país, sobretudo nas regiões mais pobres, que o pequeno produtor consiga sobreviver com dignidade e decência.

Mas ainda, aqui, quem ainda não foi no Banco pegar dinheiro, comece a se preparar, porque antigamente anunciava-se um plano de dinheiro para o Pronaf e o trabalhador, o representante da agricultura familiar ia no Banco do Brasil e não conseguia pegar o empréstimo. No nosso primeiro ano, nós emprestamos 83% a mais de dinheiro do que no melhor ano do governo passado. Este ano, nós colocamos sete bilhões de reais à disposição da agricultura familiar.

E quero dizer para vocês, na frente dessas crianças e na frente dos seus pais, que nós colocamos sete bilhões, mas se aparecer gente para pegar oito bilhões, terá oito bilhões para emprestar à agricultura familiar. Mas a coisa mais importante que nós fizemos, dentro do Pronaf, foi criar o crédito para a mulher. Se o marido tiver 30 hectares de terra e ele quiser plantar alguma coisa em 20 hectares, ele faz o seu projeto, vai no Banco do Brasil e faz um empréstimo para a sua plantação. Se a mulher, sem precisar depender de nenhum favor dele, quiser plantar os outros 10 hectares com outra coisa, ela faz um outro projeto, vai no Banco do Brasil e pega um empréstimo.

E mais ainda, se essa família, além do marido e da mulher, tiver um filho de 18 anos ou mais, que trabalhe com eles e queira fazer um outro projeto, ele também pode fazer um outro projeto e pegar o dinheiro, independentemente do dinheiro que o pai pegou, independentemente do dinheiro que a mãe pegou. Ele pode fazer a sua própria lavoura e desenvolver a sua própria produção.

Mais importante ainda, meus companheiros e companheiras, é que



vocês sabem que entre chegar nesta terra, aqui, e começar a produzir, levou um tempo. Entre chegar aqui e ter assistência técnica, levou um tempo. Muitos pensaram em desistir, mas não desistiram. E sabem por que nós não desistimos nunca? Porque somos brasileiros e não desistimos nunca, lutamos até as últimas conseqüências para que a gente possa adquirir as condições de cuidar bem da nossa família, de cuidar bem dos nossos filhos e fazer esse país se desenvolver.

Antes de eu chegar aqui, companheiros e companheiras, eu quero até pedir desculpas porque cheguei atrasado, mas é porque eu estava numa outra missão nobre: nós fomos a Brasiléia, no estado do Acre, divisa com a Bolívia. Em 500 anos de História do Brasil, nós fomos inaugurar a primeira ponte entre o Brasil e a Bolívia, entre Brasiléia e Cobija. Saímos de Brasiléia e fomos lá, na divisa Brasil e Peru, inaugurar – não inaugurar a ponte – inaugurar o começo da obra da primeira ponte entre o Brasil e Peru, em 500 anos de história dos nossos dois países. E por que estamos fazendo isso? Porque nós acreditamos na integração da América do Sul. Durante séculos, durante décadas, as autoridades brasileiras ficaram com os olhos voltados para a Europa e para os Estados Unidos e ficaram de costas para a América Latina. Deus já tinha demonstrado para nós ser importante a gente olhar para a América do Sul, porque se ele, na sua sabedoria, fez o Brasil e a América do Sul como um único continente, foi para que a gente tivesse juízo e cumprisse com a outra parte, que a gente fizesse a ponte, as estradas, as ferrovias e as hidrovias para que haja uma integração prática e não uma integração teórica, apenas em discursos em época de campanha eleitoral.

É por isso que nós recuperamos o Mercosul. É por isso que nós queremos juntar toda a América do Sul e a América Latina. Porque eu aprendi, na porta de fábrica: um trabalhador sozinho, é que nem um graveto, é fácil de quebrar; mas um monte de trabalhadores juntos vira um feixe de varas, é difícil quebrar. Um país sozinho, para brigar na Organização Mundial do Comércio,



por exemplo, não tem nenhuma chance. Mas, quando a gente se junta e cria o G-20, como nós criamos em Cancún, a gente vai para a Organização Mundial do Comércio, e acabamos de ganhar uma briga com os Estados Unidos contra o subsídio do algodão dos americanos, para que eles possam comprar algodão de países africanos e de países da América do Sul.

E, na semana passada, uma outra extraordinária vitória do Brasil: nós conseguimos acabar ou pelo menos começar a acabar com o subsídio do açúcar europeu, para que eles possam comprar o açúcar produzido pelo Brasil e por outros países africanos e da América do Sul.

Então, nós estamos juntando todos esses países, para que a gente possa ter mais força e para que a gente possa estabelecer uma ordem econômica mundial justa e solidária.

E eu quero terminar dizendo para vocês, companheiros, vocês podem ter certeza, eu tenho pedido ao Miguel Rosseto: eu quero visitar um acampamento bem-sucedido, mas quero visitar, também, um assentamento que não deu certo. Porque tem muita gente que já está na terra há cinco, há seis, há até 10 anos e ainda não deu certo. E não deu certo, não porque os trabalhadores não sabem trabalhar, mas porque nós precisamos ajudar esses trabalhadores a terem assistência técnica, a terem financiamento, para que possam produzir.

E eu quero, daqui para a frente, visitar muitos acampamentos bons e muitos assentamentos ruins, para que a gente possa ir ajudando, levando saúde, levando educação, levando assistência técnica, vendo porque a pessoa não tem crédito no Banco do Brasil, porque não consegue dinheiro, para que a gente vá arrumando a casa e para que a gente possa fazer jus àquilo em que tanto nós acreditamos: que a reforma agrária não é denominação de guerra, a reforma agrária é apenas a gente levantar a voz e dizer: nós queremos paz; paz significa justiça social, e justiça social significa a reforma agrária e significa outros benefícios para a classe trabalhadora deste nosso país.



Portanto, meus companheiros, eu quero dizer para vocês que saio daqui feliz. Feliz por ter encontrado companheiros de 20 anos; feliz por ter encontrado companheiros de 15 anos; feliz por ter encontrado crianças. Vocês vejam uma coisa, o que significa a reforma agrária: a gente vai em um comício em São Paulo, vai em um comício no Rio de Janeiro, a gente não vê mais crianças, porque as mães não têm coragem de levar, por causa da violência. A gente vem aqui, quando o assentamento está funcionando bem, e a gente encontra as crianças sentadas, limpinhas, sorrindo, sem que a mãe tenha nenhuma preocupação.

Ontem – eu não sei se vocês acompanharam – eu fiquei emocionado porque nós conseguimos colocar 30 mil jovens da periferia deste país para servir o nosso Exército. Há 16 anos que o Exército brasileiro não recrutava mais que 65 mil jovens. Agora, recrutou 100 mil, dos quais 30 mil vão aprender uma profissão, além de aprender cidadania, além de aprender uma série de coisas que nós precisamos aprender.

Porque um dos graves problemas do Brasil é que há uma desagregação da estrutura da sociedade, a partir da família. Quando o pai e a mãe não se entendem, dificilmente terá tranquilidade na família. O pai e a mãe ainda significam o maior elo de integração da estrutura social brasileira. E nós vamos trabalhar para que todo mundo tenha o direito de ter uma família feliz, vivendo em harmonia, vivendo em paz; que todos possam trabalhar, no campo ou na cidade, mas que a criança, sobretudo, tenha o direito de brincar e tenha o direito de estudar.

Por isso, meus companheiros e minhas companheiras, eu quero terminar dizendo a vocês: que Deus abençoe a cada um de vocês. Lembrem-se: ainda faltam dois anos e quatro meses de governo para mim. E podem ficar certos, quem se lembrar de todas as palavras e de todos os compromissos que eu assumi, durante a minha vida, podem ficar certos que nós vamos cumprir um a um. Vamos cumprir, porque, quando terminar o meu mandato, a única



coisa que eu quero é ter conquistado o direito de andar de cabeça erguida no meio de vocês.

Obrigado, e até a vitória meus companheiros.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de inauguração da ponte “Wilson Pinheiro” – Integração Brasil/Bolívia

Brasília/AC, 11 de agosto de 2004

Meu querido amigo e presidente da Bolívia, Carlos Mesa,
Meu querido amigo e presidente do Peru, Alejandro Toledo,
Minha querida Maria Terezinha Pinheiro, viúva do companheiro Wilson Pinheiro, que dá nome a essa ponte,

Meu caro Carlos Camacho, prefeito do Departamento de Pando,
Meu querido companheiro Jorge Viana, governador do estado do Acre,
Ministros do meu governo que me acompanham,
Ministros do governo do Peru,
Ministros do governo da Bolívia,

Meus companheiros e minhas companheiras do Pando, do Acre e, sobretudo, mulheres e homens de Brasília,

Meu caro Carlos Mesa e meu caro Toledo, em 1980, quando mataram o Wilson Pinheiro de Souza, eu vim a esta cidade e o clima era muito tenso, porque o Wilson Pinheiro era um sindicalista e foi morto dentro de sua casa. E quando eu cheguei aqui tinha uma assembléia de trabalhadores, um clima muito tenso, muita gente armada andando pelas ruas, o nosso querido companheiro Osmarino, que está aqui do nosso lado, estava aqui. E me chamaram para fazer um pronunciamento. Eu não lembro o que eu disse, eu só lembro que disse que estava cansado de fazer discurso na beira de caixão de companheiros que tinham sido assassinados.

E eu me lembro que utilizei uma frase, que é muito usual, aqui, no Brasil, dizendo que estava chegando a hora da “onça beber água.” Eu disse essa



frase, voltamos para Rio Branco; estrada totalmente de terra, uma poeira muito grande e, para minha surpresa, alguns dias depois, quando eu estava em São Paulo, eu fui comunicado que eu estava sendo processado porque um delegado da Polícia Federal tinha entendido que a frase que eu utilizei: “está chegando a hora da onça beber água”, era uma senha para que os trabalhadores se vingassem. Aconteceu que, no dia seguinte, eu fui embora, e os trabalhadores mataram uma pessoa que eles consideravam suspeita de ter matado o Wilson Pinheiro.

Por conta disso, eu fui julgado em Manaus, fui condenado a 3 anos e meio de prisão. Obviamente que não cumpri a pena porque era réu primário. Mas o esquisito foi que, na acusação, diziam que eu não tinha que ser condenado porque tinha matado qualquer pessoa, que eu não tinha que ser condenado porque usava revólver ou metralhadora; eu tinha que ser preso porque a minha arma era a minha língua, que era muito ferina, e eu não podia andar por aí dizendo que a onça podia beber água. E ainda hoje eu acho que a onça precisa beber água, porque senão ela morre.

Mas quero dizer a todos vocês da alegria de estar, aqui, inaugurando a ponte. Esta ponte, como disse o nosso companheiro Jorge Viana, não é nenhuma ponte Rio-Niterói, não tem 13 quilômetros de comprimento, nem 100 metros de largura. Ela é uma ponte pequena, no tamanho e no custo. Mas, possivelmente, o significado da inauguração desta ponte, em função daquilo que nós acreditamos que está reservado para a América do Sul. Eu quero dizer para vocês que esta ponte não tem tamanho, não tem preço, porque as coisas de muito valor para dois povos ou mais povos, não se mede pela quantidade de cimento, nem pela quantidade de dinheiro, mas pela quantidade de simbolismo que tem a construção dessa ponte, que vai permitir que homens e mulheres possam transitar livremente daqui para a frente entre os dois países, vencendo alguns impasses da burocracia. Viu Jorge, é sempre importante lembrar, porque aí tem Receita Federal, Polícia Federal, tem um monte de



coisas que têm que ir se resolvendo, e essas coisas devem ser difíceis na Bolívia, no Brasil, e devem ser difíceis no Peru.

Mas o que importa é que nós queremos resolver, para que o menino do Pando possa namorar a menina do Acre, ou o menino do Acre possa namorar a menina do Pando, sem que haja nenhum problema entre nós, além de trabalhar, estudar e comercializar. Mas não tem coisa mais bonita do que namorar. Então, namorar já é um passo. Enquanto duas pessoas estiverem namorando, não há espaço para divergência, nem para a guerra, só para a paz.

Por isso, eu, Jorge, não vou sequer ler o meu pronunciamento. Eu acho que o que vale, aqui, para nós, é o que nós estamos vendo. O que vale para nós, aqui, é olhar na cara de cada um de vocês, estudantes, mulheres e homens, e perceber que isso é uma coisa simples. Por ser simples, deveria ter sido feita há 80 anos, 90 anos, 40 ou 30 anos. Eu dizia, em 89, 94, 98, 2002 e continuo dizendo: um dos problemas dos governantes é que eles não conhecem o país que eles governam. Então, muitas vezes, as pessoas ficam presas nas capitais, atendendo apenas à demanda da burocracia e não se dão conta de que, com um gesto simples como este, você une dois países e dá um início extraordinário para a economia, tanto do Pando, quanto para a economia do Acre.

Então, as pessoas não têm interesse em fazer esse trabalho da periferia. É muito mais cômodo ir para a capital; é muito mais cômodo ir para a cidade de 300 mil habitantes, 1 milhão de habitantes. É muito mais cômodo, no meu caso, ir para São Paulo, para Brasília, para Belo Horizonte, para o Rio de Janeiro. Agora, eu sei que é muito mais cômodo, mas é muito mais necessário eu vir a Brasília ou ir a outra cidade pequena deste país, como vamos agora a Ji-Paraná. Nós vamos sair daqui, os três presidentes, e vamos a Assis Brasil, iniciar o trabalho de uma outra ponte entre o Brasil e o Peru. Porque não tem



nenhum sentido a gente morar tão perto, olhando de um lado e vendo outro país, e a gente não ter uma passarela para atravessar.

A integração da América do Sul, a construção de uma nação sul-americana, passa pela integração física. E nós, se Deus quiser, iremos dar a nossa contribuição para que essa integração aconteça. E é importante que todo mundo tenha claro que, como o Brasil é o maior país da América do Sul, e é a maior economia da América do Sul, por conta disso, o Brasil tem mais responsabilidade, o Brasil tem que ter mais solidariedade, o Brasil tem que ser mais companheiro, o Brasil tem que ser mais generoso na sua política de integração.

Portanto, meu querido Jorge Viana, eu sei do trabalho que você fez para esta ponte sair. Eu sei do carinho que você dedicou para que esta ponte saísse. Eu sei da emoção, cada vez que você ia a Brasília e conversava comigo. Ultimamente, ele estava me ligando preocupado: “Olha, Presidente, a ponte não é tão grande.” Pensando que eu ia ficar tão decepcionado. Mas, Jorge, mesmo que fosse um eucalipto fazendo a travessia, feito pelas tuas mãos, com o carinho com que você faz as coisas, ainda assim eu teria vindo a Brasília.

Portanto, eu quero agradecer, aqui, a presença do nosso querido companheiro Toledo, grande companheiro nosso, não apenas companheiro do Brasil, porque é Presidente do Peru, mas companheiro do Lula. E o Lula é companheiro dele.

Quero dizer ao companheiro Carlos Mesa que eu continuo achando que o Presidente da Bolívia tem uma oportunidade histórica, como pouca gente teve, de dar à Bolívia o tamanho econômico que tem o território da Bolívia e a riqueza que a Bolívia tem debaixo do seu solo, que o povo merece experimentar e usufruir.

No que depender de nós, Presidente, pode ter a certeza que seremos mais que parceiros, mais que irmãos, seremos parceiros, irmãos, mas



seremos, sobretudo, companheiros, porque eu quero terminar a minha vida vendo a América do Sul transformada numa verdadeira nação sul-americana, onde o povo possa transitar livremente.

Muito obrigado gente, que Deus abençoe a todos vocês.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de lançamento da pedra fundamental das obras da ponte de integração Brasil-Peru

Assis Brasil-AC, 11 de agosto de 2004

Meu querido companheiro e amigo Alejandro Toledo, presidente do Peru,

Meu querido companheiro e amigo presidente da Bolívia, Carlos Mesa,

Meu querido governador do estado do Acre, Jorge Viana,

Meus companheiros ministros do meu governo, no Brasil,

Ministros do Peru e ministros da Bolívia,

Meus companheiros deputados do Peru, da Bolívia e do Brasil,

Senadores aqui presentes,

Secretários,

Meus amigos e minhas amigas,

Toledo, em 1989 eu fui candidato... Antes de eu falar, deixa eu cumprimentar os nossos companheiros da imprensa da Bolívia, do Brasil e do Peru. Imprensa com quem, muitas vezes, nós brigamos tanto, mas que tanto precisamos dela para divulgar e fortalecer a democracia no nosso país.

Mas, em 1989, Toledo, eu fui candidato a presidente da República pelo Brasil e eu perdi as eleições. Depois das eleições, eu descobri que não conhecia o Brasil e que nenhum candidato que concorre às eleições, num país do tamanho do Brasil, conhece o Brasil.

Nós, candidatos, somos obrigados a decorar textos; somos obrigados a estudar algumas coisas específicas, mas a gente não tem conhecimento da realidade, porque, normalmente, não se viaja muito pelo país e, quando se viaja, viaja-se para as capitais, desce no aeroporto, vai para o palanque, do



palanque volta para o aeroporto e vai embora, muitas vezes sem pegar na mão de uma pessoa – eu vou pegar na sua mão já, já, minha querida, pode ficar certa – sem conhecer o nome das pessoas que estão no palanque. Então, eu assumi o compromisso de que era preciso conhecer o Brasil.

Presidente Toledo e presidente Carlos Mesa, entre 91 e 94 eu viajei 91 mil quilômetros no Brasil, de ônibus, de trem, de barco e de carro. Foram 91 mil quilômetros! E, essas viagens, uma delas eu comecei aqui, em Assis Brasil, de ônibus, e fui terminar em Dourados, no Mato Grosso do Sul, atravessando esses estados todos. Depois, eu fiz mais 14 caravanas – caravana de barco, caravana de trem – para ter um pouco da dimensão do que é o Brasil, dos seus problemas e de como pensa o povo brasileiro.

E eu tinha consciência de que governar este país é muito mais do que sentar numa mesa, lá em Brasília, e ficar despachando com ministros ou atendendo as personalidades que conseguem marcar uma audiência com o presidente.

Eu resolvi que era importante que nós governássemos um pouco diferente; que nós governássemos viajando um pouco este país e conversando mais com as pessoas, para ouvirmos as angústias, os anseios e, ao mesmo tempo, a sabedoria do povo das cidades, por menor que seja uma cidade.

Pois bem, ganhamos as eleições. Chamei o companheiro Celso Amorim para ser ministro das Relações Exteriores e disse ao companheiro: “Celso, nós não podemos ficar querendo que o Brasil cresça, do ponto de vista econômico e do ponto de vista comercial, mais do que ele já cresceu, se nós não tivermos a ousadia de fazer uma política externa nova. E, ao mesmo tempo, se nós não formos ousados para criar coisas que ainda não foram criadas”. E nós não podemos ficar olhando apenas para a Europa e para os Estados Unidos, que são dois mercados importantes, mas são dois mercados muito disputados. Todos os países – Bolívia, Peru, Argentina, Brasil, Venezuela, Colômbia, Chile,



Equador, Guiana Francesa, Guiana Inglesa – todos os países querem vender para os Estados Unidos e querem vender para a Europa. Todo mundo.

Então, é um mercado muito competitivo, que cada vez mais diminui a margem de manobra para nós colocarmos os nossos produtos lá dentro. Mas mesmo assim, estamos brigando. E acabamos de ter duas vitórias extraordinárias. A primeira, conquistamos na Organização Mundial do Comércio o direito dos Estados Unidos não impor mais subsídio ao algodão que ele produz, para permitir que a gente possa vender algodão. E a segunda vitória, graças à construção do G-20, lá em Cancún, e graças à atuação do G-20, lá em Paris, nós conseguimos fazer com que a Organização Mundial do Comércio também dissesse à União Européia que é preciso retirar o subsídio ao açúcar que ela produz para que outros países produtores possam vender mais.

Mas eu não me conformava com uma outra coisa. Eu não me conformava em saber que todos os países da América do Sul são países pobres; todos os países da América do Sul são países em desenvolvimento. Nós estávamos ligados pela inteligência de Deus, que construiu os nossos países num único continente, mas, pela incapacidade dos dirigentes, nós estávamos de costas para a América do Sul e sempre olhando para a Europa e para os Estados Unidos. E decidimos, então, que era preciso parar com o discurso teórico da integração e começar a ter em conta que, se nós quiséssemos ser mais fortes para lidarmos com os países ricos, nós tínhamos que construir, primeiro, uma aliança entre nós. E para que essa aliança fosse construída era preciso que tivesse uma coisa chamada integração física. Integração física para que o povo da América do Sul pudesse transitar livremente, para que os empresários pudessem transitar livremente, para que os produtos produzidos por nós, no campo ou na indústria, pudessem transitar livremente. E aí nós iríamos fortalecer a nossa economia e iríamos ganhar mais condições de negociar com o mundo desenvolvido. Ou seja, era preciso



estabelecer uma política de complementaridade entre os países da América. O que o Peru pode oferecer ao Brasil? O que o Brasil pode oferecer ao Peru? O que o Brasil pode oferecer à Bolívia? O que a Bolívia pode oferecer ao Brasil? E nessa política de similaridade a gente então começa a estabelecer a nossa integração física.

E hoje, por conta de Deus e por conta da vontade pessoal deste companheiro chamado Jorge Viana, por conta da vontade política do presidente Toledo e do presidente Carlos Mesa, hoje de manhã nós inauguramos a ponte entre Cobijas e Brasiléia, no estado do Acre, permitindo que o povo da Bolívia e do Brasil possa transitar, e como eu disse, brincando, um boliviano ou uma boliviana possa até namorar com um brasileiro e com uma brasileira, em cima da ponte, para mostrar que é a ponte da paz, a ponte da integração, é a ponte do amor.

Agora estamos aqui. Por enquanto o que vocês viram foi o desenho e já viram a tubulação ali. Eu espero que com a vontade do meu Ministro dos Transportes, com a vontade do nosso governador Jorge Viana, que a gente possa, daqui a 12 meses, voltar aqui para inaugurar aquela ponte e ver se tem uma moça ou um rapaz de Iñapari namorando um moço ou uma moça de Assis Brasil.

Com essa ponte construída e com a construção de 400 quilômetros de estradas até Porto Maldonado a gente vai poder ter uma integração viva e real entre Brasil e Pacífico, entre Peru e Oceano Atlântico, por conta do Rio Madeira.

E, quando os governantes da América do Sul começarem a ter em conta que nós ainda não utilizamos 10% do potencial de relação comercial que podemos ter – não utilizamos 10% ainda – porque, historicamente, todos nós ficamos subordinados às grandes potências. Às vezes, o Brasil preferia olhar para o mundo lá longe, depois do Atlântico, ao invés de olhar para a sua fronteira. Muitas vezes, o Peru e a Bolívia preferiam olhar para Miami do que



olhar para o Brasil.

E nós, agora, descobrimos que não foi por acaso que a inteligência de Deus fez com que os nossos países fossem integrados. Quando nós temos dificuldade, nós temos um belo rio. Todo mundo sabe onde nasce o Rio Amazonas; todo mundo sabe que o Rio Madeira liga os três países, com nomes diferentes, porque em outros países chama-se Madre de Dios. Mas, de qualquer forma, está tudo pronto para a integração. Precisa, apenas, da competência dos governantes.

E eu estou aqui, hoje, com um orgulho imenso, porque, depois de 500 anos, é a primeira ação concreta de integração que nós estamos fazendo. E na hora que nós concluirmos a integração da América do Sul, vocês podem estar certos que nós vamos ter mais importância no mundo, nós vamos fazer mais comércio com o mundo, nós vamos gerar mais riquezas, nós vamos gerar mais empregos e nós vamos gerar desenvolvimento.

Porque eu tenho 58 anos de idade, e eu quero ter o prazer de ver os países da América do Sul deixarem de ser eternos países em desenvolvimento e se transformarem, definitivamente, em países desenvolvidos, gerando qualidade de vida para o povo dos países da América do Sul.

Por isso, meu querido Jorge Viana – eu duvido que tenha, no mundo, um entusiasta maior do que ele, para essa integração. Meu querido Toledo e meu querido Carlos Mesa, o que nós estamos fazendo, hoje, é mais do que uma ponte, é mais do que uma pedra fundamental. O que nós estamos fazendo hoje é adubando, com adubo de boa qualidade, a esperança do povo peruano, do povo brasileiro e do povo boliviano. A esperança de que esses países cresçam; a esperança de que esses países se desenvolvam; a esperança de que a qualidade de vida das nossas crianças vá melhorar e melhorar muito, na medida em que as nossas economias comecem a crescer e a gente comece a ter política de distribuição de renda.

Por isso, eu quero agradecer, Toledo, a você. Quero agradecer ao



Carlos Mesa. E quero dizer para o Toledo que pode ficar tranqüilo, que se depender da boa vontade do Brasil, nós vamos ajudar a financiar a construção dessa estrada, para que haja a integração.

E, quem sabe essas crianças que estão aqui, com 10 ou 12 anos de idade, daqui a 20 ou 30 anos se lembrem do pontapé inicial que nós demos. E quem sabe, Toledo, tenha valido a pena a gente ser eleito presidente do Peru, da Bolívia e do Brasil, só por conta desse gesto que nós estamos fazendo.

Muito obrigado, gente, e que Deus abençoe todos vocês.



Pronunciamento à nação do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em cadeia de rádio e TV, sobre as realizações do governo e perspectivas para os próximos meses

Meus amigos e minhas amigas, de todo o Brasil,

Mais uma vez venho conversar com vocês e prestar contas do meu governo.

Essa será sempre uma rotina que pretendo ter enquanto for o seu Presidente: de quando em quando vir pessoalmente transmitir ao povo brasileiro como estão indo as coisas no nosso país, quais as perspectivas para os próximos meses, que novidades tenho sobre o crescimento da nossa economia, sobre o aumento das vendas do comércio, da indústria, do varejo, como vão as nossas exportações.

Isso porque todo o povo brasileiro hoje já sabe que esses são os termômetros que mostram se está havendo ou não, de verdade, a retomada de um crescimento econômico sólido e duradouro, capaz de gerar aumento de renda e muitos novos empregos de qualidade.

Já sofremos demais com planos mágicos que prometiam resolver todos os problemas do Brasil de uma hora para a outra, mas que só prometiam...desde que tomei posse repito isso claramente em todo lugar.

Nosso primeiro grande desafio é conseguir fazer o Brasil voltar a crescer de forma sustentada, mantendo a inflação sob controle.

E isso não é fácil e tem que ser conquistado dia após dia, mês após mês, ano após ano.

Hoje, depois de pouco mais de um ano e meio de governo, de muito trabalho, de muito sacrifício, tenho boas notícias para vocês. Não há mais nenhuma dúvida, estamos, finalmente, iniciando um novo e importante ciclo de recuperação e crescimento. Todos os indicadores da nossa economia



mostram isso claramente. E as manchetes dos principais jornais do país confirmam, vejam algumas delas: *(imagens de manchetes com indicadores econômicos)*

E o melhor, como vocês viram, segundo o Ministério do Trabalho, mais de um milhão de novos empregos com carteira assinada foram criados somente nos últimos 6 meses. E mais, as taxas de crescimento do nosso PIB dos últimos meses surpreendem a todos, sobretudo, quando comparadas com as taxas dos últimos anos, não deixando dúvidas quanto à enorme capacidade de recuperação de nossa economia quando administrada de forma responsável e firme.

Mas isso não significa de forma alguma que todos os nossos problemas estejam resolvidos. Como já disse, não existe mágica e temos que estar sempre atentos e vigilantes.

Na política externa o Brasil também se destaca, conquistando respeito e admiração, graças aos nossos esforços diplomáticos, ao nosso equilíbrio e à nossa capacidade de agregar, de unir um número expressivo de países em desenvolvimento nas negociações com os países mais ricos.

Graças a essa união estamos ficando cada vez mais fortes, já conseguindo, pela primeira vez na história do comércio mundial, vitórias importantíssimas na Organização Mundial do Comércio contra os subsídios agrícolas dos países desenvolvidos. Subsídios estes que impedem uma concorrência mais justa e prejudicam os nossos produtos e os de outras nações.

Exportar é fundamental para o Brasil, mas o que significa isso na prática? Primeiro, significa dinheiro que vem para o nosso país, que irriga nossa economia, sem que o Brasil tenha que pagar nenhum juro por isso. Isso nos fortalece muito, pois aumenta nossas reservas em dólar, tornando o país menos vulnerável às oscilações do mercado internacional, fortalecendo também as nossas empresas e gerando naturalmente milhares de empregos



de qualidade. Segundo, o aumento de nossas exportações e, sobretudo, a diversidade de produtos que estamos exportando, hoje, significa que o Brasil começa a dominar novas tecnologias, se modernizando e como consequência, produzindo mais e melhor, a ponto de em muitas áreas já competir em pé de igualdade com empresas do mundo inteiro.

Hoje somos o maior exportador mundial de carne de boi, de frango, de açúcar, de café, de suco de laranja e de grãos, farelo e óleo de soja.

E aumentamos consideravelmente nossas exportações de aviões, automóveis, caminhões, geladeiras e tantos outros produtos.

Foi exatamente por tudo isso que resolvi criar uma política industrial e tecnológica visando o fortalecimento da ciência e da tecnologia brasileira. Podemos crescer muito mais, mas para isso temos que nos tornar cada vez mais eficientes, cada vez mais competitivos, e temos que produzir cada vez mais e melhor.

Nosso desafio é grande e aponta muito trabalho pela frente: melhorar a infra-estrutura do país, a formação educacional do nosso povo, e melhorar a distribuição de renda. São apenas três bons exemplos disso.

Quero agradecer a todos os trabalhadores, pela sua compreensão, e a todos os empresários - grandes, médios, pequenos - que continuaram investindo, gerando empregos e acreditando no nosso país. E em particular, agradecer àqueles empresários que compreenderam os esforços do governo em baixar os impostos dos produtos da cesta básica e que, imediatamente, reduziram os preços do feijão, do arroz e da farinha de mandioca.

Essa é a grande corrente que vai mudar este país, afinal, somos todos brasileiros e não desistimos nunca.

Enfim, quero agradecer a todos que estão fazendo a sua parte nesse imenso esforço para colocar novamente o nosso país no caminho do progresso e do desenvolvimento. Tenham certeza de que continuarei sempre dando tudo de mim para jamais decepcionar vocês.



Obrigado e boa noite.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
instalação do Tribunal Permanente de Revisão do Mercosul**

Assunção-Paraguai, 13 de agosto de 2004

Excelentíssimo Senhor Nicanor Duarte Frutos, presidente da República do Paraguai,

Senhor Luis Alberto Castiglioni, vice-presidente do Paraguai,

Senhora Leila Rachit, ministra das Relações Exteriores do Paraguai,

Meu caro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,

Senhor Didier Operti, ministro das Relações Exteriores do Uruguai,

Senhor Juan Ignacio, ministro das Relações Exteriores da Bolívia,

Senhor Miguel Insulza, ministro das Relações Exteriores do Chile,

Senhoras e senhores árbitros titulares e suplentes do Tribunal Permanente de Revisão do Mercosul,

Senhor Oscar Salomão, presidente da Câmara de Deputados do Paraguai,

Senhor Vitor Nunes, presidente da Corte Suprema de Justiça do Paraguai,

Senhora Elen Gracie Vothfleet, vice-presidente do Supremo Tribunal Federal do Brasil,

Senhora Elena Nolasco, ministra da Corte Suprema de Justiça da Argentina,

Senhor deputado Rosinha, presidente Pro Tempore da Comissão Parlamentar do Mercosul,

Senhoras e senhores embaixadores,

Demais autoridades presentes,

Senhoras e senhores jornalistas,

Meus amigos e minhas amigas,



Primeiro, quero trazer o mais fraternal sentimento de dor do povo brasileiro ao povo paraguaio, pelo sofrimento do incidente que vitimou centenas de mulheres, crianças e homens aqui, no Paraguai. Quero dizer ao presidente Nicanor Duarte que, como ser humano, como pai, senti, mesmo distante, a mesma dor que o povo paraguaio sentiu, naquele dia 1º de agosto. Nossa solidariedade ao povo paraguaio.

A inauguração do Tribunal Permanente de Revisão do Mercosul tem um simbolismo especial. Estamos comemorando um Mercosul que ganha nova voz e personalidade e que caminha rumo aos ideais e compromissos que firmamos aqui, nesta mesma Assunção, há 13 anos.

Senhor Presidente,

Ao assumir a Presidência do Mercosul, em Puerto Iguazú, reiterei que nossos países vinham recuperando a esperança em nosso projeto regional.

O Mercosul recobra vitalidade. Nossas economias crescem, criam empregos, geram renda. Temos demonstrado capacidade para encontrar soluções para nossas diferenças, fortalecemos o Bloco.

Mas para consolidar definitivamente esse projeto, ele deve estar assentado em bases confiáveis e seguras.

Nossa vontade política tem de se expressar por meio de regras claras e transparentes.

Com a inauguração do Tribunal do Mercosul estamos aprimorando a qualidade da nossa integração. Estamos criando instituições sólidas, que expressam nossa vontade coletiva.

O Mercosul que estamos construindo está centrado na lei e na justiça. As decisões do Tribunal vão consolidar um direito do Mercosul, que vamos aplicar de forma uniforme e eficiente em nossos países.

O Mercosul se institucionaliza. Ganha confiabilidade. Faz crescer a confiança dos investidores e atores econômicos no futuro de nosso Bloco.



O Tribunal chega em boa hora. No momento em que as nossas relações econômicas e comerciais se intensificam – gerando compreensíveis contenciosos – ele trará segurança e confiança. São grandes as responsabilidades do Tribunal.

Nas pessoas do doutor João Grandino Rodas e da doutora Nadia de Araújo, quero expressar a todos os árbitros minha certeza de que seus conhecimentos e habilidades jurídicas contribuirão decisivamente para o aperfeiçoamento do nosso processo de integração.

Senhoras e senhores,

Nossa parceria vai além da redução de tarifas. O Brasil está comprometido com políticas que auxiliem o desenvolvimento de um setor industrial regional integrado. Temos de gerar cadeias produtivas que permitam alcançar consumidores em terceiros países. Não queremos nem podemos competir contra nós mesmos. Temos que trabalhar juntos para colocar a marca do Mercosul no cenário internacional.

Precisamos de uma presença do Mercosul como ator de peso nas demonstrações comerciais internacionais.

Na rodada de Doha, caminhamos para a eliminação de subsídios bilionários que distorcem o comércio agrícola internacional e asseguramos que os subsídios à exportação, os mais distorcidos de todos serão eliminados em um tempo razoável.

Estamos dando um novo sentido para o nosso processo de integração, inclusive física. Está em construção uma nova geografia econômica mundial.

O Mercosul com que sonhamos terá também uma dimensão social, cultural, científica e, sobretudo, cidadã. Temos a tarefa de ampliar a participação da cidadania no processo de integração. Só assim vamos realizar nosso projeto político maior de construir uma verdadeira comunidade sul-americana de nações, centrada numa visão comum, unindo países e povos, governos e sociedade civil.



Aprofundar o Mercosul significa fortalecer suas instituições. A Comissão de Representantes Permanentes do Mercosul, sob a liderança do presidente Duhalde, em parceria com o Fórum Consultivo Econômico e Social, vai nos ajudar a traçar o caminho do futuro. Assunção será a capital jurídica do Mercosul. Junto com o Tribunal, essa cidade acolherá o centro Mercosul para a promoção do Estado de Direito. Aqui serão discutidas estratégias para reforçar a capacidade do Estado, promover o desenvolvimento e a justiça social, aprofundar e alargar nossa comunidade de nações. Para realizar este projeto, não bastam vontades políticas e regras, necessitamos de um parlamento do Mercosul, eleito pelo voto direto, para conferir maior legitimidade à integração plena. Assim, encontraremos respostas justas e eqüitativas para as assimetrias de nossas economias.

Asseguraremos amplo apoio à constituição de um fundo de integração. Dessa forma nossos futuros parceiros terão a confiança de juntar-se ao Mercosul para plasmar uma verdadeira nação sul-americana. Não temos porque temer essa unidade, quando as decisões são tomadas por mandato soberano de nossos povos. Perderemos soberania se nos mantivermos isolados, sem capacidade de ação e negociação coletiva. A estreita coordenação entre nossos países, sobretudo em temas econômicos e comerciais, é que nos transformará em ator competitivo e respeitado no mundo crescentemente globalizado.

Senhor Presidente,

Estamos inaugurando, hoje, não apenas o Tribunal do Mercosul, mas uma nova fase na vida de nosso Bloco. É mais uma conquista a celebrar e que nos recorda do muito que temos que fazer para realizarmos o sonho da verdadeira integração.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com empresários da Câmara de Comércio dominicano-brasileira República Dominicana, 16 de agosto de 2004

Eu quero cumprimentar o nosso mais novo ministro de um país do Caribe, o senhor Amílcar Romero, ministro da Agricultura da República Dominicana,

Quero cumprimentar o senhor Leonel Duarte, presidente da Câmara de Comércio dominicano-brasileira,

Quero cumprimentar o empresário brasileiro, embaixador brasileiro, Ronaldo Dunlop,

Quero cumprimentar os empresários brasileiros e os empresários da República Dominicana,

Bem, primeiro, quero dizer ao nosso presidente Leonel, que tem o mesmo nome do presidente da República, que eu espero que, com a posse do presidente Leonel Fernández possamos, logo no começo do próximo ano, fazer uma reunião de trabalho. Hoje à noite, no jantar, eu vou convidá-lo para fazer uma visita ao Brasil, para que possamos, numa reunião de trabalho, juntar os empresários brasileiros e os empresários da República Dominicana; os ministros da República Dominicana e do Brasil, para que, em cada área, possamos aprofundar o que pode ser feito para melhorar a nossa relação, para intercambiar convênios e para discutirmos não apenas a relação comercial, mas os investimentos e parcerias que podem ser feitas entre as empresas brasileiras e as empresas da República Dominicana.

Desde janeiro do ano passado, quando tomei posse como presidente da República, nós criamos esse tipo de reunião chamada Reunião de Trabalho, e que tem sido muito produtiva, porque não fica na responsabilidade apenas do



presidente da República ou do ministro das Relações Exteriores, mas cada ministro assume o compromisso com os ministros parceiros e as coisas andam mais rapidamente.

Na questão da agricultura, por exemplo, certamente o Brasil tem muito para contribuir com a República Dominicana, sobretudo quando falarmos em tecnologia, porque o Brasil, nessa área, está muito adiantado. E o nosso ministro da Agricultura, o Roberto Rodrigues, é um companheiro de uma larga experiência porque foi, durante muitos anos, presidente das organizações de cooperativas do mundo inteiro.

Mas não é apenas na questão da agricultura, porque nós já temos experiências com empresas brasileiras e da República Dominicana, e poderemos ter muito mais. O que precisa é que consigamos dar os passos que estamos querendo dar.

Primeiro, mantendo uma política com a América do Sul, fazendo com que, até o final do ano, tenhamos toda a América do Sul filiada ao Mercosul. O próximo passo é estender isso para os outros países da América Latina. E, dentro dessa extensão, a todos os países do Caribe, para que possamos fazer os nossos acordos de livre comércio e possamos estreitar ao máximo a nossa relação comercial.

Queria dizer ao presidente Leonel que, dentro do meu governo, predomina uma cultura de que a boa política comercial é aquela em que os dois países ganham. Todo empresário tem essa experiência. Eu cito sempre o exemplo do cidadão que sai no domingo de manhã para vender um carro usado. Quando ele chega em casa feliz, diz para a esposa: “olha, fiz um bom negócio”; e o comprador chega na sua casa e também diz para a sua esposa: “fiz um bom negócio.” Ou seja, os dois acham que ganharam. Esse é o melhor dos mundos. Nós, na nossa relação comercial, achamos que o comércio é uma rodovia de duas mãos.

O Brasil não tem nenhum interesse, na sua relação comercial, de ter um



superávit muito grande com relação aos seus parceiros. O que nós queremos é que haja um equilíbrio, porque isso fortalece as duas economias e não apenas uma. E para que o Brasil possa comprar mais produtos da República Dominicana é preciso que haja mais conversa entre os empresários da República Dominicana e os empresários brasileiros, para que haja mais acordo entre o governo brasileiro e o governo da República Dominicana.

E é isso que o presidente Leonel e eu podemos fazer, nesses próximos encontros. Porque, se depender de mim nós teremos, num curto espaço de tempo, todos os países do Caribe fazendo parte do Mercosul, portanto, fazendo parte da América Latina, com um tratado de livre comércio que possa criar situações favoráveis a todos os países, sobretudo, àqueles países menores, onde o Brasil, por ser a maior economia, tem que ter uma política de maior generosidade, e tem que ter o cuidado de fazer os investimentos certos, na hora certa. E os nossos empresários têm que ter a sensibilidade de, ao construir uma obra num país, fazer parceria com as empresas locais para que a gente possa ajudá-las também a crescer e a desenvolver. É esse o tipo de relacionamento que nós queremos criar. Por isso, o Brasil acredita tanto e trabalha com tanto afinco para que haja uma integração forte entre nós.

Apenas para dizer ao presidente Leonel, o nosso presidente da Câmara de Comércio Brasil-República Dominicana, que eu dediquei praticamente o primeiro ano de governo para consolidar uma nova base de relação política e cultural para o Brasil. Ou seja, eu visitei, no primeiro ano, 29 países. Com alguns deles eu fiz mais de duas reuniões. E os que eu não visitei, eu recebi no Brasil. Porque política é, sobretudo, relação humana, é contato, coisa que o e-mail não resolve, coisa que o fax não resolve, nem o telefone. O contato direto, o apertar de mão, o olho no olho muitas vezes ajuda muito mais do que muitas coisas que a tecnologia nos concedeu nestes últimos anos.

Por isso eu viajei, primeiro para a América do Sul, depois para a Índia, depois para a África, depois para a China, e depois para o mundo árabe,



tentando criar novas parcerias e tentando criar uma nova geografia comercial no mundo. A verdade é que todos nós estávamos habituados, até com tranqüilidade, a ver os Estados Unidos e a União Européia como únicos grandes parceiros nas nossas relações comerciais. Isso é verdade. E, na verdade, os Estados Unidos e a União Européia são os mais importantes parceiros individuais do Brasil. Entretanto, a relação comercial tem um limite. Chega um momento em que para você ganhar mil dólares a mais, você tem que trabalhar mil vezes mais, porque já atingiu um patamar muito elevado.

Então, o que nós fizemos? Nós temos que procurar novos parceiros. Temos que procurar, sobretudo, parceiros que tenham similaridades com o Brasil. O que o Brasil pode fazer por um país, o que esse país pode fazer pelo Brasil? Por exemplo, na China, eles nos emprestam tecnologia de lançamento de satélites, e nós emprestamos a eles a tecnologia para produzir aviões. É uma complementaridade. Com a Índia é a mesma coisa, com a África do Sul é a mesma coisa.

E isso nós queremos fazer, agora, com os países do Caribe, tentando mostrar para eles que uma boa relação da América Latina, uma boa relação com a América do Sul não implica criar nenhum tipo de problema para a sua relação com os dois blocos hegemônicos do mundo, Estados Unidos e União Européia. Pelo contrário, terão novos parceiros, novas opções e, quanto menos pertencer aos dois blocos mais ricos, mais chances nós teremos de ganhar alguma coisa.

Eu vou dar três exemplos. Há algum tempo, era impossível imaginar que nós fôssemos ganhar, na Organização Mundial do Comércio, a luta contra o subsídio do algodão americano. E ganhamos. Há alguns meses era humanamente impossível imaginar que o Brasil ganhasse contra a União Européia, na Organização Mundial do Comércio, o fim, a diminuição dos subsídios ao açúcar. E ganhamos. Há seis meses, era humanamente impossível imaginar que o G-20, criado em Cancun, pudesse agora, em



Genebra, ter a concordância da União Européia, do representante comercial dos Estados Unidos, Zoellick, que já aceitaram a discussão para a redução dos subsídios dos produtos agrícolas que vai beneficiar, sobretudo, os países menores e em desenvolvimento.

Se concluirmos esse acordo como estamos pensando, isso significa um aumento no comércio exterior para os países em desenvolvimento, da ordem de 200 bilhões de dólares. Isso vai levar algum tempo ainda, mas de qualquer forma, eles já não estão mais inflexíveis como eram há algum tempo.

Eu me lembro o quanto nós fomos criticados, no Brasil, porque resolvemos criar o G-20 em Cancun, porque as pessoas normalmente têm medo de brigar; muitas vezes as pessoas, ao se relacionarem com um país mais forte, ficam sempre com medo de ceder alguma coisa. E nós achamos que nós estamos apenas afirmando que queremos defender os nossos interesses, os interesses da nossa indústria, da nossa agricultura, do nosso comércio e dos nossos trabalhadores. Ou seja, fazemos o mesmo que eles fazem dentro dos seus países. E o resultado é que quanto mais força você fizer, mais você será respeitado pelos seus interlocutores. Até porque na relação entre dois seres humanos, nenhum interlocutor respeita o interlocutor que não se respeita.

Então, o que nós queremos mostrar nessa nova geografia comercial que queremos criar é que existem outras opções, existem outros parceiros e existem outros negócios. Nós não precisamos ficar dependendo apenas de um ou de outro. Por isso é que nós queremos uma relação plural e queremos que o Brasil tenha muito mais relações com muito mais países. Durante muitos anos nós olhamos muito para a Europa e para os Estados Unidos e não olhamos para o nosso próprio continente. Só para o presidente ter uma noção, eu fui, na última sexta-feira, na divisa Brasil-Bolívia inaugurar a primeira ponte, em 500 anos de relação. E fui inaugurar o começo da primeira ponte com o Peru também em 500 anos de história. Ou seja, se não houver integração



física, muito menos haverá integração comercial, empresarial, cultural, política.

Então, nós estamos tentando concretizar coisas que até então eram tratadas de forma muito teóricas. Ou seja, não tem um presidente da república de nenhum país latino-americano que não diga, durante a campanha, alguma palavra sobre integração.

Acontece que o mandato é de apenas quatro. Quando ele menos espera terminou o mandato e não houve uma integração. Nós resolvemos transformar essa integração numa grande possibilidade de negócios para todos os países. Para todos, sem distinção. Sem que o Brasil carregue a idéia da hegemonia, nós queremos carregar a idéia da parceria. Onde o Brasil puder ajudar, tem que ajudar. E onde o Brasil puder ter políticas de complementaridade, vamos ter políticas de complementaridade.

Para isso nós temos um grande banco de desenvolvimento que vocês conhecem, aqui, na República Dominicana, e no ano que vem terá muitos recursos para financiamentos. Serão quase 60 bilhões de reais. E uma parte desses recursos é para financiar parcerias das nossas empresas em países vizinhos, em países do nosso continente, que queremos ajudar a se desenvolver.

Então, esteja certo de que há sempre uma primeira vez. A relação do Brasil com a República Dominicana não é nova, pois nós temos várias empresas trabalhando aqui na República Dominicana e poderemos aperfeiçoar isso para outro setor, quem sabe convencer empresários nossos a fazerem mais parcerias com empresários da República Dominicana. Afinal de contas, aqui poderemos atingir novos mercados e a República Dominicana poderá ter um bom retorno.

E eu espero que possamos, nos próximos meses receber, no Brasil, o presidente Leonel Fernández, empresários e ministros, e que possamos estabelecer novas tratativas para bons negócios para os dois países.

Eu queria terminar dizendo aos empresários dominicanos, quando eles



já sabem – não quero ser repetitivo – que nós estamos vivendo um momento importante da economia brasileira. Quando nós tomamos posse, nós tivemos uma discussão, no núcleo de governo, para saber se era possível, ao mesmo tempo em que devíamos ter uma política fiscal dura, para que o governo não gastasse mais do que arrecada, termos uma política de investimento na área social.

Passados 18 meses, é com muita satisfação que acho que nós conseguimos algo excepcional. Nós conseguimos provar que é possível ter política fiscal dura e política social arrojada. Nós pudemos provar que é possível fazer a economia crescer sem que haja nenhuma mágica, apenas utilizando a seriedade e os compromissos assumidos durante a campanha. A economia brasileira está crescendo bem este ano. Ela vai crescer melhor no ano que vem. E nós queremos um desenvolvimento sustentável que seja um novo ciclo de crescimento para durar 10, 15, 20 anos e não apenas uma daquelas coisas que crescem um ano e depois desaparecem.

E nós tratamos com muita seriedade, porque quando a economia começa a crescer não há quem não queira gastar um pouco mais. E segurar o gasto é sempre uma tarefa muito difícil. Nós estamos vivendo esse momento oportuno. As nossas exportações alcançaram, em 12 meses, 88 bilhões de dólares, vamos chegar a 90 bilhões de dólares, vamos ter um superávit em conta corrente de 6 bilhões de dólares. E as nossas exportações continuam crescendo.

Nós temos um problema interno para resolver, que são os gargalos de infra-estrutura, que durante muitos anos ficou abandonado no Brasil. Nós precisamos recuperar os nossos portos, recuperar muitas ferrovias, e recuperar nossas rodovias. Porque o Brasil precisa aproveitar esse momento histórico, e se tornar definitivamente um país desenvolvido, para parar de ser tratado eternamente como um país em vias de desenvolvimento. Já temos maioria para isso, já temos conhecimento para isso, já temos respeitabilidade



internacional para isso, já temos mercado para isso. Portanto, não depende de ninguém, depende apenas da seriedade com que o Brasil trata o seu próprio futuro.

Nós vamos tratar para que o Brasil não desperdice essa oportunidade. Ao longo da história, não foram poucos os momentos em que o Brasil dava indícios de que chegaria a ser um país desenvolvido. Porque eu acho que o espaço de crescimento da nossa economia é muito grande e o governo não jogará fora essa oportunidade, e muito menos os empresários jogarão fora essa oportunidade.

Portanto, quero dizer aos empresários da República Dominicana e aos amigos empresários brasileiros, que já conhecem a República Dominicana, que vocês já vêm fazendo coisas boas aqui e se preparem para fazer mais e melhor. E aos empresários da República Dominicana que, na medida em que melhorarmos o nosso relacionamento, estabelecermos novas parcerias, regras da política comercial poderão ser mudadas, porque, como eu disse no começo, nós não queremos apenas vender, nós queremos também comprar. E aquilo que for possível comprar, no comércio com o Brasil, estejam certos que não faltará trabalho e incentivo para que isso ocorra.

Muito obrigado e boa sorte a todos.



Declaração do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva sobre o referendo na Venezuela

República Dominicana, 16 de agosto de 2004

Bom, primeiro, quero dizer da nossa alegria e satisfação por estarmos assistindo o resultado do referendo da Venezuela. Como vocês sabem, o Brasil, os Estados Unidos, o México, a Espanha, Portugal e o Chile são os países que fazem parte dos países amigos da Venezuela e que trabalharam, todo esse tempo, para que o referendo pudesse acontecer, e pudesse acontecer da forma mais democrática, mais limpa possível.

E é com muita satisfação que eu acompanho o resultado da Venezuela, e vejo o depoimento de pessoas importantes que estão lá, como o ex-presidente Jimmy Carter; o Gaviria, representante da OEA; o embaixador brasileiro, também, como homem da OEA; o ex-presidente Duhalde, que está lá, em nome do Mercosul. Todos são unânimes em afirmar que houve uma manifestação democrática, sem precedentes, na História da Venezuela, com um comparecimento muito grande dos eleitores. E um processo que agradou aos observadores internacionais, pela forma como ele aconteceu.

Eu acho que a Venezuela sai desse episódio mais fortalecida. Acho que ganha o povo da Venezuela, com essa experiência democrática exemplar. E acho que os países amigos deram uma demonstração de que, quando há vontade política, paciência mas, ao mesmo tempo, perseverança, a gente consegue consolidar coisas que até então pareciam impossíveis.

Eu tenho acompanhado, também, as declarações de membros da oposição da Venezuela. E eu penso que tanto o governo quanto a oposição deveriam ter um único pensamento: o futuro da Venezuela. Acho que a Venezuela é um país rico, um país que produz petróleo como poucos produzem no mundo, um país que tem um potencial de gás excepcional,



portanto, um país que poderia ser muito mais rico do que é, se resolver os problemas da convivência democrática, da adversidade, da convivência democrática e pacífica.

Eu acho que não há nem vencedores nem perdedores na Venezuela. Eu acho que o povo da Venezuela ganhou. Ganhou pela sua auto-afirmação, ganhou porque consolidou o processo democrático e ganhou porque conseguiu provar ao mundo que a paz e a democracia ainda são grandes caminhos para resolver os grandes problemas da humanidade.

Por isso eu estou feliz. Acho que o Brasil tem uma participação, porque acreditou nisso o tempo inteiro. Em nenhum momento fomos pessimistas com relação ao que poderia acontecer na Venezuela. E eu acho que, agora, o povo da Venezuela pode evoluir de forma excepcional, porque as condições estão dadas.

Acho que quem ganhou tem que ter muita humildade, e quem perdeu tem que ter muita serenidade. E falo isso de cátedra, porque vocês sabem que perdi três eleições no Brasil e, em nenhum momento, eu perdi a noção de tempo, da democracia, e esperei o momento.

Eu acho que o que é importante, agora, é os vencedores saberem que têm muito trabalho pela frente e muita responsabilidade, e aqueles que não conseguiram ganhar nas urnas têm que se preparar, porque a democracia exige mais de cada um de nós. E eu acho que a Venezuela pode ser um bom exemplo de prática democrática e de sucesso econômico no nosso continente.

E, por último, quero dizer a vocês que eu conversei com o presidente Chavez, agora há pouco, para transmitir a ele a solidariedade do governo brasileiro, sobretudo para agradecer o respeito que ele teve para com todas as decisões que o Grupo dos Amigos tomou.

Vocês não de convir que não foi fácil fazer com que a Venezuela entendesse que os Estados Unidos participassem do Grupo dos Amigos; a Espanha que, ainda no tempo do presidente Aznar, tinha concordado com o



golpe. Ou seja, tudo isso foi um processo de muito conversa, de muita paciência, de muita perseverança, de muito diálogo, até que o presidente Chávez compreendeu que era extremamente importante a participação desses países porque representavam também a oposição. Eu acho que todos nós ganhamos com isso. E o que interessava para todos nós era que a Venezuela pudesse viver em paz. E eu acho que as condições estão dadas para isso. Vai depender agora da maturidade dos governantes e da oposição para entenderem a mensagem que o povo da Venezuela deu às autoridades.

A Venezuela joga um papel muito importante no nosso processo de integração sul americano. Eu acho que esse exemplo, dado pela Venezuela, pode contribuir, pode fortalecer, e muito, a tão sonhada integração comercial, cultural, política, e a integração física que nós queremos construir.

Por isso eu, além de estar na posse do seu amigo Leonel, fiquei muito feliz com o que aconteceu na Venezuela. Estão dadas as condições para que a gente possa passar essa mensagem ao mundo: “uma boa conversa vale muito mais do que um tiro de canhão.”



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, nos cumprimentos à Seleção brasileira em Santo Domingo

República Dominicana, 17 de agosto de 2004

Obs.: Por problemas técnicos na transmissão, o trecho final deste discurso não foi inserido.

Olha, eu queria tirar proveito de vocês durante alguns poucos minutos. Eu tinha dito até ao nosso ministro Celso Amorim que era importante que eles fizessem um briefing sobre o Haiti, porque é importante que vocês conheçam o lugar aonde vão e porque vão ao Haiti.

Primeiro, eu queria agradecer ao Ricardo Teixeira. Queria agradecer ao Parreira, ao Zagallo, a toda a comissão técnica e à Direção da CBF pelo carinho, pela compreensão do gesto, mas, sobretudo, agradecer aos jogadores.

Eu sei da vida que vocês têm, dos compromissos, dos contratos, dos jogos, da pressão que vocês sofrem, mas eu acho que esse gesto que vocês estão fazendo é um gesto que, possivelmente, marque muito a vida de cada um de vocês. Porque é um jogo, definitivamente, de solidariedade, um jogo pela paz, um jogo em que a gente quer aproveitar esse momento para mostrar ao mundo que é possível construir a paz sem precisar que haja guerra.

O Haiti é um país muito pobre. Vocês vão ver o que é pobreza. É um país que, na nossa opinião, se não houver um compromisso de outros países mais ricos do mundo em ajudar, em dar uma chance, em ter investimentos para o desenvolvimento, o Haiti não terá jeito. É muita pobreza, é uma favela, ou seja, não urbanizada. Aqui todos vocês conhecem as favelas, é um negócio muito pobre. E eu penso que a compreensão de toda a Direção do futebol



brasileiro e dos jogadores, é uma coisa muito marcante, eu diria, para o nosso país, para a mídia.

Eu acho que isso vai aumentar um pouco o respeito que o mundo já tinha pelo futebol brasileiro. Eu acho que vai aumentar, agora, o respeito pelo caráter, pela dimensão, eu diria, cidadã, que vocês vão dar a esse jogo.

Eu queria que o Celso Amorim falasse um pouquinho, porque este é um gesto que vai marcar muito a minha passagem pela Presidência da República mas, certamente, marcará a de vocês, todos muito jovens – o mais velho aqui não deve ter quantos anos? – com exceção do Zagallo e de mim, que já estamos beirando os 50, eu acho que vocês são muito jovens. E esse gesto eu acho que é profundamente rico.

Eu acho que é importante ficar claro para o mundo que os jogadores brasileiros gostam de jogar bola, são bons de bola, gostam de fazer bons contratos, são bons em fazer contrato. Mas, na hora em que são chamados a um gesto de solidariedade, não se recusam a ter esse gesto de solidariedade.

Vocês devem sentir a loucura que vai ser amanhã, no Haiti. Eu conversei com o Presidente do Haiti e ele me falou que vai ser a primeira vez na história da Humanidade em que a torcida de um país estará torcendo para o seu time perder, para que a Seleção brasileira faça muitos gols, porque o fanatismo e a admiração deles por vocês é muito grande. E eu acho que vai ser uma coisa muito bonita.

Você sabe que uma das coisas que deixou o Zagallo entusiasmado é que solidariedade tem 13 letras. Mas, olhe, não sei se vocês tiveram tempo de ver, nós começamos, no Brasil, uma campanha de auto-estima da sociedade brasileira. Essa campanha visa, sobretudo, atingir profundamente a nossa juventude. A nossa juventude que, muitas vezes, não tem perspectiva, a nossa juventude que, muitas vezes, não consegue terminar o segundo grau, não consegue um emprego e onde, muitas vezes, as coisas certas estão difíceis de



acontecer e, muitas vezes, as coisas erradas estão mais ao alcance das pessoas. Daí a queda para a criminalidade, para a marginalidade, é um passo.

Então, eu quero dizer para vocês que nós vamos precisar de outros jogadores. Por enquanto, entrou o Ronaldinho, entrou o Herbert Viana, e a gente pode estar mostrando o quanto vocês têm que ser teimosos para vencer na vida. É uma campanha para estimular a pessoa a não desistir nunca. Ela termina dizendo: “Eu sou brasileiro e não desisto nunca”. E, depois, tem uma frase: “O melhor do Brasil é o brasileiro”. E a gente quer mexer, mesmo, com a alma da nossa juventude.

Nós tomamos uma decisão, recentemente, nós incorporamos 30 mil jovens a mais nas Forças Armadas. Há 16 anos as Forças Armadas brasileiras não tinham um recrutamento acima de 60 mil jovens, porque não tinha dinheiro. E além de servir às Forças Armadas brasileiras, que eles aprendam um pouco de cidadania e, junto com isso uma profissão para que, ao sair das Forças Armadas, eles possam entrar no mercado de trabalho.

E essa campanha nos preocupa, sobretudo, porque vocês têm um papel importante, cada um de vocês joga muita coisa na cabeça de muitos jovens do Brasil. E nós queremos que essa campanha bata muito fundo na alma das pessoas, para elas dizerem o seguinte: “Olha, eu também posso conseguir, eu também posso chegar lá”.

A gente não quer fazer só com jogador e com outro tipo de artista, mas fazer com pessoas humildes da sociedade, que tiveram sorte na vida, pessoas que nasceram pobres, que trabalhavam de empregada doméstica e depois conseguiram entrar na faculdade, que hoje são professores universitários. Podiam, pelo menos, fazer com uma situação que se passou em Brasília: um trabalhador da Infraero, que ganha 400 reais por mês achou, no banheiro da Infraero, 10 mil dólares. Pois esse cidadão devolveu os 10 mil dólares na Infraero, aí encontraram o dono dos 10 mil dólares, que não falou nem “obrigado” para ele. Mas ele estava orgulhoso. Eu o recebi na minha sala e



falei: “Escuta aqui, quando você pegou 10 mil dólares na mão, qual foi a vontade que você teve? Você não pensou, em nenhum momento, em ficar com o dinheiro?”. Ele falou: “Não, o dinheiro não era meu.”

Essa é uma lição que a gente aprende no tempo, a gente não aprende na universidade. Esses bons hábitos, esses bons costumes, a gente aprende é do pai e da mãe. A gente aprende é na convivência.

E como tem muita gente que não teve o acesso que vocês tiveram, a mesma sorte que eu tive, porque sair de Garanhuns e virar Presidente da República não é... nem todo mundo tem essa sorte, nós precisamos estimular essa juventude a acreditar em coisas boas, a pensar que o mundo pode lhe oferecer oportunidades.

Eu acho que essa é uma tarefa que eu gostaria muito de contar com vocês. Nem sempre é fácil. Por exemplo, nós íamos mostrar um VT, Ronaldinho, em que você dribla uns quatro ou cinco, mas aí teve um problema. Teve um problema com a produção por força da chuteira, sei lá o que é. Se tem contrato, contrato é contrato. Se você assinou, cumpra o contrato. Nós íamos fazer com a Daiane, também, uma peça, mas também por causa do contrato não foi possível fazer a peça com ela.

Mas, na medida do possível, vocês vão encontrar sempre pessoas procurando vocês, de preferência o nosso Ministro dos Esportes, porque nós queremos aproveitar para fazer essa campanha, para vocês darem a contribuição que puderem dar para a nossa juventude. Fazer um apelo muito forte, alguma coisa que a estimule, sobretudo, a estudar. Essa é a chave do negócio: estimular o jovem a estudar, a terminar os seus estudos, a não desistir. Porque, senão, a gente não tem muita expectativa para uma juventude cada vez mais ansiosa, cada vez mais angustiada.

Graças a Deus, a economia está se recuperando, os investimentos estão aparecendo, as coisas estão melhorando. E no Brasil nós vamos, agora, atacar fortemente o ensino médio, que tem um problema sério, porque o



indivíduo faz o 2º grau e não aprende nada. Nós podemos ver se colocamos, no 2º grau, algum aprendizado profissional, para que ele já saia do 2º grau com uma profissão e possa aprender alguma coisa.

Nós estamos fazendo convênios com as universidades particulares para que, a partir de uma determinada isenção, a gente possa colocar lá jovens mais pobres da periferia, senão a gente não pode pagar. Nós estamos pensando que podemos criar, nos próximos anos, 100 mil vagas novas nas universidades e eu acho que isso pode permitir maior expectativa para o futuro do nosso país.

Eu, mais uma vez, quero, em meu nome e da minha mulher, agradecer de coração esse gesto de vocês.

Acho que a Fifa deu uma contribuição enorme. E isso, para mim, é uma coisa que pode marcar, Ricardo, porque vai se tirando a idéia de que “o mundo do futebol é isso, o mundo do futebol é aquilo”. De repente, a gente descobre que o mundo do futebol, na hora em que é provocado, tem essa coisa boa, que pode oferecer para o Brasil e para outros lugares do mundo.

Então, logo, logo, Teixeira, vamos provocar, porque nós queremos fazer uma Seleção do Mercosul. Não sei se vai ser muito difícil, vocês teriam problemas em fazer a convocação. Mas nós temos que fazer uma Seleção do Mercosul, porque não sei se vocês percebem que o Brasil está ocupando um espaço muito importante na geografia comercial do mundo.

Nós, este ano, vamos chegar a 90 bilhões de dólares de exportação. Já não são apenas os Estados Unidos e a Europa. Nós estamos, hoje, crescendo muito na América do Sul, crescendo muito no mundo árabe, na África, na China, na Índia.

Ou seja, nós estamos dizendo para o mundo civilizado: O Brasil existe, o Brasil gosta de respeitar e gosta de ser respeitado. Então, o Brasil está ocupando um espaço muito, mas muito importante nesse cenário. E nós queremos fazer um jogo da Seleção do Mercosul com essa Seleção da União



Européia, para a gente mostrar que nós, também, somos Primeiro Mundo e temos força.

Eu acho que nós podemos fazer uma Seleção quase que imbatível. Com um pouco de generosidade, não pode ter só jogador brasileiro, tem que ter jogadores do Uruguai, do Paraguai e da Argentina, tem que ter de todos os países. Eu acho que quando for oportuno, a gente poderia pensar num momento desses.

Eu quero desejar para vocês boa sorte e nós nos veremos amanhã, lá.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com a comunidade brasileira em Santo Domingo

República Dominicana, 17 de agosto de 2004

Obs.: Devido à queda de energia no local do evento, a parte inicial do discurso não foi captada.

... Deve acontecer, eu não sei se em fevereiro ou abril, uma reunião entre todos os países da América do Sul e todos os países árabes, uma reunião onde a gente vai tratar de negócios, vai tratar de cultura, vai tratar de turismo, o que, para nós, é muito importante. Temos uma parceria estratégica com a África do Sul e com a Índia, que é muito importante. Temos uma parceria estratégica com a China, que tem se transformado num parceiro muito importante para o Brasil.

Mas, ao mesmo tempo, nós não podemos deixar de perceber que o mundo não é feito apenas de países ricos. O mundo é feito de países pobres também. Por isso, nós estamos tendo uma política muito produtiva, eu diria, em relação ao continente africano.

Eu já visitei, nesses 19 meses de governo, dez países africanos, o Egito, a Líbia, que fazem parte da África, mas eu já visitei o Gabão, já visitei São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Angola, África do Sul, Moçambique, Namíbia.

Porque nós temos uma dívida histórica com a África, nós temos raízes profundas com o continente africano, e eu acho que é preciso começar a pagar essa dívida, é preciso começar a resgatar essa relação em que, muitas vezes, o Brasil olhava para a Europa passando por cima do continente africano, sem enxergar que ali tem gente e tem muita gente que ajudou a construir o Brasil.



E tudo isso nós estamos fazendo sem perder de vista o grau e a parceria forte que nós temos com a União Européia e com os Estados Unidos. Uma das razões desta viagem, agora, além da posse e além do Haiti, era uma reunião com os presidentes dos países da América Central e do Caribe, para que a gente fizesse, oficialmente, um convite e mostrasse para eles o desejo que nós temos de que eles comecem a discutir conosco a sua participação no Mercosul.

Porque nós achamos que o Brasil pode ajudar esses países, o Brasil tem tecnologia. O Brasil, no setor de serviços, é muito competitivo; o Brasil, no setor agrícola, é muito competitivo. Ou seja, nós temos muita coisa para ajudar. Na área da saúde, nós temos muito para ajudar. E o Brasil precisa, como o maior país do continente, fazer gestos de generosidade para com aqueles que são mais pobres ou menores que nós.

Por isso é que nós estamos fazendo essa política externa intensa, um trabalho abnegado do nosso querido Celso Amorim, que tem viajado, eu diria, em um ano e meio, mais do que ele viajou a vida inteira, fazendo política externa. Ele reclama sempre que é preciso melhorar as condições para viajar, mas nós vamos melhorar.

Bem, eu quero dizer para vocês que, em relação à situação do Brasil, eu acho que, finalmente, eu posso sorrir um pouco, porque nós passamos um primeiro ano com muita dificuldade, mas sabíamos que era difícil, porque se as coisas estivessem boas nós não teríamos ganho as eleições. Só ganhamos, exatamente porque as coisas estavam muito ruins.

Passamos um primeiro ano muito difícil, trabalhamos intensamente e, hoje, nós estamos colhendo aquilo que nós plantamos: estamos colhendo o crescimento da economia, estamos colhendo o crescimento da geração de empregos e estamos colhendo a recuperação da renda das pessoas que trabalham. O mercado interno está se recuperando, estamos vendendo mais no mercado interno.



Mas, sobretudo, estamos obtendo um sucesso relativo nas nossas exportações. Nos últimos 12 meses, exportamos 88 bilhões de dólares, o que é um recorde da nossa história. Trabalhamos com a hipótese de termos um superávit de 30 bilhões de dólares, o que é o recorde dos recordes da nossa política de comércio exterior.

E nós estamos trabalhando intensamente para que não só consigamos exportar mais do que estamos exportando, que tenhamos um superávit maior do que estamos tendo mas, também, estamos trabalhando para que aumente a nossa relação comercial com os países, de uma forma justa.

Ou seja, aqui, na República Dominicana, por exemplo, nós temos uma relação comercial de duzentos e poucos milhões de dólares, porque só o Brasil exporta para cá e o Brasil não compra nada. Para nós, a boa política de relação comercial é a via de duas mãos, ou seja, você compra e vende para manter um certo equilíbrio entre os países. Nós trabalhamos com essa visão de que é preciso ajustar a possibilidade de aumentar as compras dos países menores e, ao mesmo tempo, trabalhar com o desejo e a firme convicção de que a gente pode ajudar esses países, fazendo obras, através de empresas brasileiras, obras financiadas pelo BNDES, o que tem acontecido em vários países aqui. As principais obras são financiadas pelo BNDES, o que para nós é uma forma muito boa de contribuir.

Bem, vocês acompanharam, ontem, o sucesso do referendo na Venezuela. O Brasil jogou um papel muito importante nessa situação da Venezuela, porque foi o Brasil que propôs a criação do Grupo de Amigos da Venezuela. Era um Grupo que juntava Brasil, Estados Unidos, Espanha, Portugal, México e Chile e que tratava de conversar com os dois lados para que a gente pudesse chegar a uma situação de normalidade na Venezuela. O Brasil teve um papel, eu diria, principal, através da primeira ação muito forte do nosso ministro Celso Amorim, tentando conversar com todos os países, mostrando que era possível ter tranquilidade na Venezuela. E, ontem, eu acho



que o referendo deu uma demonstração de que nós não perdemos tempo, não perdemos nada em conversar e vender a idéia para países que não acreditavam que era possível essa democracia se consolidar na Venezuela.

Então, isso nos deixou muito felizes, porque foram muitas pelepas com os Estados Unidos, foram muitas pelepas com o próprio Chávez e a Venezuela, porque quando nós apresentamos os Estados Unidos como integrantes do Grupo de Amigos, obviamente que a Venezuela não queria, por razões óbvias, e nós fizemos o presidente Chávez ver a necessidade dos Estados Unidos participarem, porque a gente não estava criando um Grupo de Amigos do Chávez, era um Grupo de Amigos da Venezuela e era preciso que tivesse diálogo com a oposição. Eu acho que o resultado deve deixar todos nós tranqüilos.

Tivemos uma participação importante no caso da Bolívia. Vocês sabem que, quando renunciou o presidente Sánchez de Lozada, nós tivemos muita conversa, inclusive com gente da oposição, com quem temos relações históricas, para que se levasse em conta a necessidade de garantir a normalização do processo democrático e eu acho que nós conseguimos. Eu tive uma grande conversa com Evo Morales, um grande líder da oposição da Bolívia, que estava no movimento que culminou com a queda de Sánchez de Lozada, para que o Evo Morales tivesse noção de responsabilidade desse processo boliviano.

E eu acho que as coisas andaram bem. Hoje, o presidente Carlos Mesa está se consolidando. Teve um plebiscito para resolver o problema das empresas de petróleo, de gás, eu acho que as coisas estão caminhando. Ou seja, o Brasil está fazendo uma política mais ativa, mais propositiva, não está ficando parado, esperando as coisas acontecerem.

E o Haiti, onde temos 1.200 soldados, o Brasil coordena uma Força de Paz que envolve, pela primeira vez, a possibilidade de nós termos uma ação da América Latina num país, aqui, no Caribe. Estão aí, praticamente, quase todos



os países da América do Sul, só não estão aqueles que não têm condições de mandar soldados. Está Argentina, Chile, Uruguai, Brasil e outros países para manter a questão da paz, até a gente ver o processo eleitoral.

Eu tive a oportunidade de conversar com o presidente do Haiti, hoje, e eu sou daqueles que acha que o problema do Haiti a gente só vai resolver quando o mundo desenvolvido levar em conta que é preciso que tenha investimento no Haiti para que aquele povo possa voltar a produzir, possa gerar empregos e possa ter um mínimo de riqueza para ser distribuída internamente.

A idéia de marcar esse jogo lá é para fazer um gesto – o povo do Haiti é muito fanático por futebol e, sobretudo, pelo futebol brasileiro, adoram o futebol brasileiro – então, uma das formas de você fazer uma política e mostrar que somos companheiros de verdade, que estamos preocupados em tentar ajudar o Haiti a encontrar a solução, é levando aquilo que eles mais gostam lá, que é a Seleção brasileira.

Depois dessa visita, nós estamos marcando um encontro no dia 20 de setembro, na ONU, em que nós enviamos carta para todos os presidentes, de vários países do mundo, convidando-os para essa reunião para discutir a questão da fome, ou seja, a questão da constituição de um fundo que possa ajudar a combater a fome, sobretudo nos países mais pobres. E essa reunião já tem a participação de 50 chefes de Estado e de Governo. Vai ser uma reunião onde a gente vai poder aprofundar essas discussões e, quem sabe, começar a caminhar para encontrar uma solução. Ou seja, como é que vamos resolver o problema do Haiti?

Países como o Brasil têm pouca chance de ter dinheiro para dar para o Haiti. Mas tem países que têm muito dinheiro e que podem dar. Hoje o Presidente do Haiti falou que, muitas vezes, as pessoas não dão dinheiro porque não confiam que o dinheiro vai ser aplicado corretamente.



Nós precisamos conversar com as pessoas sobre como ajudar. Porque tem países que colonizaram o Haiti durante tanto tempo e não podem, agora, virar as costas, ir embora e dizer: “Bom, o problema não é meu”. O problema é do Brasil, o problema é do Haiti, o problema é da República Dominicana, o problema é da Suécia, o problema é da França, o problema é dos americanos. Todos nós temos que ter um mínimo de responsabilidade de dar uma chance, porque a única possibilidade de resolvermos e ajudar o Haiti é termos uma política de investimento lá, porque se não tiver política de justiça social não terá paz e não terá democracia no Haiti.

Então, nós estamos fazendo esse jogo. Vocês acompanharam e perceberam que nós tivemos, recentemente, três coisas importantes nas nossas vidas, enquanto brasileiros e enquanto grupo de países que acreditam que é possível criar uma nova geografia comercial no mundo.

Nós tivemos uma vitória contra o subsídio para o algodão americano, na OMC. Nós tivemos, agora, uma vitória contra o subsídio do açúcar da Europa, o que significa um espaço importante de crescimento. E, depois de uma reunião em Paris com o G-20, foi feita uma reunião em Genebra onde me parece que, finalmente, a questão dos subsídios agrícolas nos Estados Unidos e na União Européia começam a andar numa velocidade boa. E as possibilidades são extraordinárias.

Quando nós fazemos isso, como a briga da OMC, no caso do algodão, o beneficiado não é apenas o Brasil. Muitas vezes, um país africano pequeno, que tem a base da sua economia no algodão, é que vai ser um grande ganhador nesse negócio.

Acontece que o subsídio é uma anormalidade no comércio exterior e você precisa brigar. Vocês sabem que o Brasil, muitas vezes, não teve coragem de brigar. Muitas vezes, as pessoas tinham medo de se sentar, porque não dá para brigar com os Estados Unidos, não dá para brigar não sei com quem.



Vejam, nós não queremos brigar com ninguém. Vocês estão lembrados que eu fiz uma campanha dizendo que a campanha era “Lulinha paz e amor”. Acontece que nós temos direito. E acontece que eu tenho uma convicção que nenhum interlocutor respeita um interlocutor que não se respeita. Portanto, se nós não nos respeitarmos, ninguém nos respeita.

Então, o que nós queremos? Nos queremos para o Brasil o que os americanos querem para eles. Nós queremos para o Brasil o que os europeus querem para eles, ou seja, nós queremos ter uma participação, nós queremos ser respeitados, nós queremos que os nossos direitos sejam levados em conta. E, por conta disso, nós resolvemos comprar as brigas que estamos comprando.

Vocês estão lembrados que, quando foi aprovado o Grupo G-20, em Cancún, nós fomos muito criticados, acho que por muita gente, porque no Brasil tem uma parte das pessoas, o que não depende da minha vontade, que têm a cabeça colonizada. Lamentavelmente, é assim. Então, se os americanos não gostam, não é bom para o Brasil, se os europeus não gostam, não é bom para o Brasil. Como se nós não tivéssemos outras opções. O que nós estamos fazendo? Nós estamos procurando outras opções para que a nossa relação seja mais ampla, mais plural, para que a gente não fique dependente apenas de um país ou de um bloco, para que a gente tenha um leque de opções enormes. E isso está acontecendo, e acho que isso é bom para o Brasil, é bom para o mundo. Até porque surgiu no mercado mundial um gigante, chamado China, que balanceou as regras do comércio e o Brasil tem uma parcela importante.

Então, nós vamos continuar fazendo essa política com mais intensidade, nós acreditamos nela. Nós queremos relações estratégicas com vários países. O Brasil tem o que vender, o Brasil não vende apenas soja ou apenas açúcar, o Brasil, hoje, disputa produtos de tecnologia de ponta. Nós, hoje, recebemos da China a tecnologia de lançamento de satélites, mas mandamos para a China nossa tecnologia de produção de aviões. O Brasil está crescendo, nós



definimos uma política industrial que há 20 anos diziam que o Brasil não precisava. Nós definimos que o Brasil tem que ter política industrial. Temos que escolher quais os setores que a gente quer priorizar para que o Brasil possa, efetivamente, ser um grande exportador de conhecimento, que é o que pode trazer mais valor agregado às coisas que nós queremos vender para o mundo.

Era um pouco isso o que eu queria dizer para vocês, na esperança de que aqueles que estão bem, aqui, continuem bem, fiquem melhor. Espero que, quando vocês regressarem ao Brasil, o Brasil esteja melhor, dando mais oportunidades a vocês.

Eu quero dizer que eu estou hoje mais otimista do que eu estava no dia 1º de janeiro, quando eu tomei posse. Espero, amanhã, estar mais otimista do que hoje. E eu digo sempre o seguinte: o que é importante para um governante não é a quantidade de obras que ele faz, mas é o padrão de relação que ele foi capaz de criar entre o Estado e a sociedade. E eu acho que nós estamos conseguindo criar isso com uma certa tranqüilidade. E acho que as coisas estão caminhando bem. O Brasil, hoje, é um país que goza de credibilidade externa. Eu sempre digo o seguinte: respeito é bom, eu gosto de dar e gosto de receber. E eu acho que o Brasil está dando respeito e está recebendo o respeito que deveríamos receber sempre. Porque quem não se respeita não vai nunca merecer respeito.

E eu quero que da mesma forma que eu vou torcer para o sucesso de vocês, onde vocês estiverem, que vocês continuem com o pensamento positivo, com a energia muito positiva, torcendo para que o Brasil se transforme numa grande nação, que ele já deveria ter sido, se não tivesse tido tanto descaso, em momentos históricos e importantes que nós jogamos fora. Nós não vamos jogar mais essa oportunidade fora. Nós vamos agarrá-la com unhas e dentes, porque acho que o Brasil precisa efetivamente de uma chance e essa chance só vai acontecer na hora em que o Brasil acreditar em si mesmo, e nós estamos acreditando como nunca se acreditou antes neste país.



Muito obrigado.



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o Presidente do Haiti, Boniface Alexandre

Porto Príncipe-Haiti, 18 de agosto de 2004

Senhor Presidente do Haiti,
Senhor Primeiro-Ministro,
Demais ministros do Haiti,
Meus companheiros ministros brasileiros,
Senadores,
Deputados que acompanham a minha delegação,
Meus amigos e minhas amigas,

Acabo de me reunir com o presidente Boniface Alexandre e com o primeiro-ministro Gerard Latortue. A ambos, reafirmei o apoio do Brasil ao processo de reconstrução e reconciliação nacional no Haiti.

O Haiti é um país irmão, com o qual o Brasil compartilha uma herança africana de enorme importância para nossa identidade nacional. Minha presença em Porto Príncipe reflete o compromisso brasileiro com a promoção da democracia e do desenvolvimento econômico e social do Haiti.

O Brasil não podia ficar indiferente a uma crise política e humanitária no Haiti que ameaçava mergulhar o país em um banho de sangue. Como membro do Conselho de Segurança da ONU, o Brasil procurou - desde o início do tratamento do tema - refletir as preocupações da região caribenha e latino-americana e assegurar o encaminhamento pacífico da crise. A criação da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti foi decidida por consenso, dentro do estrito respeito aos preceitos da Carta da ONU. Estavam dadas as condições de legitimidade internacional necessárias para desempenharmos um papel construtivo.



Com muito orgulho, aceitamos o convite feito ao Brasil para comandar a Missão de Paz no Haiti. Quero expressar meu reconhecimento ao general Heleno Pereira e a todas as tropas da Missão de Paz, pela importante missão que estão desempenhando no Haiti. Alegramo-nos de verificar que entre os seus efetivos encontram-se contingentes de vários países latino-americanos. Isto contribui para que o Haiti se integre mais efetivamente à família latino-americana.

A participação brasileira na Missão de Paz é a maior participação do Brasil em operações de paz na história. Esta presença reflete a importância que atribuímos à manutenção da paz e da estabilidade em nossa região. Reflete também nosso engajamento internacional pela paz, sob o âmbito das Nações Unidas.

Situações de crise como a que aconteceu no Haiti em fevereiro requerem uma resposta coordenada e em conformidade com o direito internacional. A coordenação com o Caricom, com os demais países latino-americanos e com os países doadores permanecerá essencial para que nossos esforços se traduzam em melhores condições de vida e instituições mais sólidas no Haiti.

Congratulo o secretário-geral Kofi Annan pela escolha do embaixador Juan Gabriel Valdés como seu representante oficial para o Haiti. Estou convidando o embaixador Valdés a ir ao Brasil ainda este mês para conversar sobre a paz no Haiti. Em sintonia com a importante presença latino-americana no contingente militar da Missão de Paz, considero que seria desejável assegurar um número significativo de pessoas da região no componente civil da Missão.

A situação de crise no Haiti vai exigir um compromisso de longo prazo por parte da comunidade internacional. A Conferência Internacional de Doadores, em meados de julho, obteve resultados muito positivos, coletando mais de um bilhão de dólares para projetos no Haiti. A reconstrução econômica



e institucional do Haiti requererá um esforço coordenado de numerosos parceiros, sob monitoramento multilateral.

Anunciei ao presidente Alexandre e ao primeiro-ministro Latortue que o Brasil estará enviando, ainda neste mês de agosto, uma missão interministerial de mais de 20 pessoas, que identificarão, junto com seus contrapartes haitianos, projetos de cooperação nas áreas de desenvolvimento agrário, saúde, transportes, defesa e desenvolvimento social, entre outros.

Estaremos cooperando, também, na organização das eleições de 2005. A presença de parlamentares brasileiros em Porto Príncipe reflete o interesse e o compromisso do legislativo com o futuro da democracia haitiana.

Estou saindo daqui diretamente para o jogo entre as seleções de futebol do Haiti e do Brasil. A paixão que nutrimos, haitianos e brasileiros, pelo futebol simboliza a afinidade espontânea e a solidariedade natural entre os dois povos. O governo brasileiro fará o possível para que esta amizade se aprofunde em benefício mútuo.

O Brasil fará o que estiver a seu alcance para continuar contribuindo com os esforços do governo e do povo haitiano para estabelecer um ambiente democrático, estável e seguro no Haiti.

Acho que duas coisas importantes eu já posso anunciar aqui. Primeiro, o meu ministro das Relações Exteriores e o primeiro-ministro do Haiti já concordaram que vão se reunir já no mês de janeiro, no Brasil.

Segundo é que os governos do Haiti e do Brasil assumiram compromisso de reativar essa Comissão Mista, para desenvolver e acompanhar projetos de interesse do Haiti o mais breve possível.

Meu caro Presidente,

Meu caro Primeiro-Ministro,

Eu penso que essa minha viagem aqui não pode e não deve ser encarada como mais uma viagem. Nós estamos dando ao Haiti, pela sua tradição histórica, um país que conseguiu abolir a escravidão quase 100 anos



antes do Brasil; um país que foi ocupado durante muito tempo, primeiro pelos franceses, depois pelos americanos. E eu penso que o Haiti, como outros países do mundo, precisam de uma chance.

O povo quer provar, na verdade, é que eles têm direito de decidir o seu destino e de seguir um modelo de desenvolvimento; eles estão pedindo e precisando de solidariedade.

Esta viagem com a Seleção brasileira não é apenas porque nós gostamos de futebol. Eu quero dizer ao presidente do Haiti que no dia em que telefonamos ao presidente da Confederação Nacional de Futebol, ao técnico da Seleção brasileira, explicando qual a razão de nós estarmos convidando-os para fazer este jogo, de pronto eles aceitaram.

Eu quero lhes confessar uma coisa, aqui: quando foram conversar com alguns jogadores da Seleção, algumas pessoas, preocupadas, disseram a alguns jogadores do Brasil, sobretudo ao Ronaldinho, ao Roberto Carlos, que era perigoso vir jogar, porque o campo era de terra. E a resposta que eles deram é que eles aprenderam a jogar bola em campo de terra.

A Seleção brasileira está com força máxima. Não é apenas porque os meninos gostam de jogar, é porque também na mente e no coração desses jovens, a solidariedade é uma palavra mágica. E eu acho que todos estão tocados por essa magia da solidariedade.

Quero dizer ao presidente do Haiti que saio daqui convencido de que fizemos mais do que deveríamos. Começamos um trabalho que vai frutificar, dependendo da nossa vontade política. Eu disse ao presidente que o Brasil é um país pobre, em desenvolvimento, mas o Brasil tem muitas condições de ajudar. O Brasil tem conhecimento tecnológico, o Brasil tem conhecimento científico, o Brasil tem desenvolvimento industrial. Portanto, eu acho que o Brasil está pronto, cheio de vontade, com toda a disposição política para ser um bom parceiro para o Haiti.

Demoramos a nos encontrar, mas sempre tem a primeira vez. Agora,



que nos encontramos, vamos trabalhar cada vez mais para que a democracia se fortifique no Haiti, para que se melhore as condições de vida desse povo, porque, afinal de contas, o verdadeiro nome da paz e da democracia é justiça social.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na chegada ao Haiti

Porto Príncipe-Haiti, 18 de agosto de 2004

Com emoção e alegria, chego ao Haiti para um dia histórico nas relações entre este país e o Brasil.

É a primeira vez que um Presidente da República brasileiro vem ao Haiti, nação com a qual compartilhamos raízes africanas comuns.

Venho a Porto Príncipe para contatos com o primeiro-ministro Latortue e com o presidente Alexandre, em um momento em que a comunidade internacional se une para prestar apoio à democracia, à estabilidade e à reconstrução nacional do Haiti.

Particpei ontem, em São Domingos, de reunião com líderes caribenhos e centro-americanos, à margem da posse do presidente Leonel Fernández, da República Dominicana, e com a presença do presidente Boniface Alexandre. Na reunião, destacamos a importância de um esforço de longo prazo para o desenvolvimento institucional, econômico e social do Haiti.

Dentro de uma semana, estará em Porto Príncipe uma missão brasileira, coordenada pela Agência Brasileira de Cooperação e integrada por mais de 20 pessoas, que contribuirá para o desenvolvimento de projetos envolvendo vários ministérios, em áreas como saúde, agricultura familiar, infra-estrutura e transporte urbano.

Venho confraternizar com as Forças de Paz sob comando brasileiro e com o batalhão Brasil. Nossa participação na Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti – a MINUSTAH - reflete o compromisso brasileiro com a ONU, com o multilateralismo e com a estabilidade regional.

Chego ao Haiti em companhia do presidente Jorge Batlle do Uruguai, nação irmã, sócio no MERCOSUL e agora também parceiro nos esforços de



estabilização do Haiti. Alegro-me a circunstância de vários países sul-americanos estarem trabalhando juntos por um futuro de paz e desenvolvimento no Haiti.

Venho, enfim, participar de um encontro pela paz entre haitianos e brasileiros. O jogo entre a Seleção do Brasil e do Haiti permite que celebremos juntos a nossa paixão pelo futebol. Esperamos que este jogo possa se transformar em símbolo de nossa amizade e em estímulo para intensificarmos os contatos entre nossas sociedades.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, perante a
Brigada Brasil da Missão das Nações Unidas para o Haiti**

Porto Príncipe-Haiti, 18 de agosto de 2004

Meu querido companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,

Meu querido companheiro Agnelo Queiroz, ministro dos Esportes,

Minha querida companheira Marisa Letícia,

Meu caro senador Eduardo Suplicy,

Senador Hélio Costa,

Senador Leomar Quintanilha

Senador Maguito Vilela,

Meu caro deputado Luiz Eduardo Greenhalgh,

Embaixador Juan Gabriel Valdez, representante especial do secretário-geral das Nações Unidas para o Haiti,

Embaixador Armando Cardoso, embaixador do Brasil no Haiti,

Oficiais-generais do Ministério da Defesa da Marinha do Brasil, do Exército brasileiro e da Força Aérea brasileira,

General de Divisão Augusto Heleno Ribeiro Pereira, comandante da Força da Missão das Nações Unidas de Estabilização do Haiti,

General de Brigada, Américo Salvador de Oliveira, comandante da Brigada Brasileira de Paz no Haiti,

Senhores militares da Brigada Brasileira de Paz no Haiti,

Senhores e senhoras jornalistas,

Nossos convidados,

Venho ao Haiti para celebrar a paz. A paz que vocês, integrantes da Brigada Brasil da Missão das Nações Unidas para o Haiti, estão ajudando a



devolver ao povo haitiano.

Quero, em primeiro lugar, expressar que a decisão brasileira de enviar tropas ao Haiti foi tomada em atendimento a um chamado do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

É ele o órgão que tem um mandato para definir ações em favor da preservação da paz e da segurança internacional.

Oficiais e praças da Brigada Brasil, sua missão é difícil.

Um grande desafio nos trouxe ao Haiti. Viemos ajudar a restabelecer a ordem e a segurança e a reconstruir a paz no Haiti. Mas, sobretudo, viemos ajudar a lançar a semente de uma paz duradoura.

Estamos solidários à nação haitiana em sua luta pela reconciliação e reconstrução nacional. Queremos que o Haiti volte a ser a nação que inspirou gerações e produziu heróis. Queremos que o Haiti volte a levantar-se em defesa de seu destino.

Quando anunciamos a decisão de mandar tropas para este país, com o apoio do Congresso Nacional, reconhecemos que o Brasil não poderia ficar alheio ao sofrimento e à dor de um povo irmão. Um povo cuja suprema bravura deu início à emancipação colonial e pôs fim à escravidão. Um povo com o qual compartilhamos raízes africanas comuns.

Soldados do Brasil,

Seus familiares, amigos e todos nós, brasileiros, temos orgulho da missão que vocês estão desempenhando aqui. Essa é a maior missão de paz de que o Brasil já participou.

A ação das Forças Armadas brasileiras, aqui, no Haiti demonstra que a comunidade internacional confia na nossa capacidade de contribuir para a paz. A presença brasileira no comando, seguramente, estimulou outros países de nossa região a participarem desta Missão.

O Brasil acredita em um Haiti melhor para o seu povo.

Não podemos nos resignar a assistir, com impotência e fatalismo, à escalada da instabilidade e do medo. Queremos ajudar este país a reerguer-se, a reconstruir suas instituições, a cicatrizar suas feridas, a reencontrar o



caminho do desenvolvimento e da justiça social.

Enquanto houver fome, miséria, crianças sem educação, epidemias e tantos outros males que afetam grande parte da humanidade, não haverá segurança. Em lugar da segurança, surgirão a revolta, a intolerância, o fanatismo, que são os verdadeiros alimentos do conflito, da violência e do terrorismo. Não há maior terror do que a exclusão social e a perda de perspectiva de um futuro melhor.

Não podemos nos omitir. A Brigada Brasil e a contribuição de cada um de vocês refletem o nosso engajamento.

É preciso que o povo haitiano saiba que a comunidade internacional não o abandonou. Ela está presente nas muitas nacionalidades que compõem a Missão das Nações Unidas. Está presente também nas decisões esclarecidas dos países que participaram da recente reunião de doadores.

Queremos que os haitianos sintam que podem contar com a amizade e a solidariedade do povo brasileiro e de meu governo.

Uma delegação técnica virá, na próxima semana, a Porto Príncipe para definir projetos de cooperação. Nossos técnicos da Embrapa virão colaborar na valorização da agricultura. Vamos também ajudar o governo haitiano a treinar policiais para proteger vidas humanas; assistir às autoridades locais na reabilitação do poder judiciário; treinar professores para educar os jovens; ajudar a reconstruir instituições e recuperar escolas.

Soldados do Brasil, soldados da paz,

Aproveito esta oportunidade para render homenagem ao Cabo Rodrigo Duarte Azevedo, que nos deixou enquanto cumpria seu dever.

Quero reiterar a cada um de vocês que o Brasil e o meu governo estão ao seu lado e farão todo o necessário para que voltem para casa com segurança e o sentimento de missão cumprida.

Daqui a pouco, terei a alegria de assistir ao Jogo da Paz. Nossos melhores talentos vão estar em campo, celebrando a paixão de haitianos e de brasileiros pelo futebol.

Nos nossos jogadores vejo a realização de aspirações que dependem



da capacidade de cada um, de perseguir seus ideais com confiança e determinação. Nossos jogadores nos mostram que não devemos dar ouvidos aos que dizem que os sonhos são inatingíveis. Nenhum deles teria a alegria de ouvir seus nomes aclamados pela torcida após o gol consagrador, se tivessem abandonado os seus sonhos.

Oficiais e praças das Forças Armadas do nosso querido Brasil,

Tenho certeza de que ao ver nossos craques em campo, todos sentirão um pouco mais a saudade de nossa pátria.

Mas os nossos jogadores não são os únicos craques brasileiros no Haiti. Parabéns, pois vocês também estão fazendo um gol de placa.

Meus caros amigos,

Estamos aqui para ajudar a reconciliação nacional do Haiti. Precisamos extirpar as raízes da violência, a exclusão social, a miséria e a fome.

Não devemos esquecer nunca que o verdadeiro nome da paz é a justiça social.

Muito obrigado e boa sorte.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
solenidade de apresentação dos oficiais-generais promovidos**

Palácio do Planalto, 20 de agosto de 2004

Excelentíssimo José Viegas Filho, ministro da Defesa,
General Jorge Armando Félix, ministro-chefe do Gabinete de Segurança
Institucional da Presidência da República,

Minha querida companheira Marisa,

Meu caro Álvaro Augusto Ribeiro da Costa, advogado-geral da União,

Meu caro José Fritsch, secretário especial de Aqüicultura e Pesca,

Almirante Roberto de Guimarães Carvalho, comandante da Marinha,

General Francisco Roberto de Albuquerque, comandante do Exército,

Tenente-Brigadeiro-do-Ar Astor Nina de Carvalho Netto, comandante da
Aeronáutica em exercício,

Senhores oficiais-generais promovidos,

Senhores oficiais-generais,

Senhoras e senhores,

Compareço sempre com grande satisfação à cerimônia em que tenho o
prazer de apresentar os cumprimentos do Presidente da República aos
Oficiais-Generais promovidos.

Ainda ontem cheguei de uma visita que fiz aos nossos militares
engajados em uma missão particularmente nobre, no Haiti.

Pude ali ser testemunha, mais uma vez, da dedicação, do sentido do
dever e do elevado profissionalismo que sempre distinguiu nossas Forças
Armadas. Essas são marcas de excelência que a sociedade brasileira
reconhece com apreço e orgulho cívico.



E muito nos honra, como nação, podermos prestar nossa solidariedade, não apenas ao povo haitiano, mas sobretudo à causa da paz.

As Forças Armadas brasileiras têm uma longa tradição de devotamento ao país. Em nossa Marinha, Exército e Aeronáutica encontramos as qualidades exemplares de defesa do Brasil, de apoio a seu desenvolvimento, de confiança em nossa gente.

Nossos militares – como todos sabem – dispõem de uma estrutura baseada no mérito, capaz de acolher brasileiros de todas as classes sociais, sem distinção de raça ou credo.

Desses brasileiros apenas se pedia, e apenas se pede, uma coisa: o compromisso de dedicar suas vidas ao serviço da pátria. E esse compromisso nunca deixou de ser honrado, com elevado espírito público, com incansável abnegação.

Eu conheço bem o trabalho levado adiante por nossas Forças Singulares no cumprimento da missão constitucional de defender a nossa integridade territorial e nossa soberania nacional.

Esta é uma missão cheia de desafios para um país com as dimensões do Brasil. Nosso vasto território, as riquezas que abrigamos, os vazios demográficos: tudo isso compõe dificuldades inerentes à tarefa que a sociedade lhes delega. Mas saibam que têm o apoio e o apreço, do governo e do povo brasileiro, para cumprir esse mandato.

No Brasil, a presença das Forças Armadas nos mais recônditos pontos de nosso território não se traduz apenas na defesa da nossa terra. Ela se traduz também em uma importante atuação no atendimento a demandas sociais e no respaldo a comunidades menos assistidas.

Essa dimensão social se vê agora ampliada: pela primeira vez em 15 anos, voltamos a contar com 100 mil recrutas prestando o serviço militar. Cem mil jovens terão, por um ano, o benefício de aprender em seu dia-a-dia as noções de respeito, de consciência cívica, de amor à pátria.



Mais ainda, 30 mil deles receberão formação profissional que lhes permita encontrar trabalhos bem remunerados. Em uma economia que volta a encontrar o caminho do desenvolvimento, precisaremos de uma mão-de-obra bem preparada. Nisso também estamos investindo.

Ao alcançarem os postos mais elevados em suas carreiras, os senhores conquistam uma importante vitória. Cada um dos promovidos sabe dos sacrifícios – pessoais e familiares – que foram exigidos para que hoje pudesse ostentar os galões a que fez jus. É uma importante vitória. Mas é também uma grave responsabilidade.

A tradição de nossas Forças Armadas está sendo revivida aqui hoje. Os elevados valores que fundam essa tradição estão fortemente representados, já passam a ser um exemplo às gerações vindouras, que olharão para os senhores em busca de comando, mas também de exemplo.

Senhores Oficiais-Generais,

Ao renovar meus cumprimentos pela promoção tão merecida, reafirmo também a confiança de nossa sociedade em poder contar com os senhores na tarefa que nos irmana a todos os brasileiros e brasileiras: a defesa de um país onde a prosperidade possa ser partilhada com justiça, onde a solidariedade seja um valor, onde a inclusão social seja uma realidade.

Com isso, eu quero desejar a todos vocês que recebem, hoje, essa promoção, fruto do merecimento, do trabalho de vocês durante tantos e tantos anos, que tenham toda a sorte do mundo e que possam continuar com as mais altas patentes das Forças Armadas brasileiras, a darem a mesma contribuição que vocês sempre deram ao Brasil.

Muito obrigado e boa sorte.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no almoço comemorativo da “Semana Nacional pela Cidadania e Solidariedade”

Porto Alegre-RS, 21 de agosto de 2004

Vocês sabem que o cerimonial precisa colocar as pessoas que vão falar depois do almoço, porque assim fica quem quer. Antes do almoço as pessoas são obrigadas a ficar e nem sempre é este um gesto democrático.

Mas eu vou economizar a nominata, citando o nosso governador Rigotto e sua esposa, o nosso querido prefeito e sua esposa, o nosso querido Israel Tevah e sua esposa e minha esposa sozinha lá na mesa.

Nós estamos vivendo um momento da humanidade, no qual nós não temos o direito de perder um novo alento, um espírito de fraternidade solidariedade que se apresenta na consciência dos seres humanos hoje.

Faz um ano que eu recebi os companheiros Israel e Daniel em Brasília, que foram conversar comigo a respeito do Sábado da Solidariedade. Eu tinha vindo aqui há uns três anos atrás e fiquei imaginando exatamente aquilo que o Israel disse aqui. Imaginem se as empresas que produzem alimentos resolvessem dar um sábado de alimento para distribuir nas comunidades mais carentes do país. Fiquei imaginando as crianças pobres poderem receber um refrigerante, sei lá, uma coca-cola, um guaraná, em um dia de solidariedade. Cheguei até a pensar num carro. Fiquei imaginando coisas. Como sonhar não é proibido...

Mas eu fiquei entusiasmado com a idéia, convoquei uma reunião, convoquei o companheiro Oded Grajew que, na época, trabalhava na minha assessoria especial. Hoje trabalha, mas sem estar no governo, o Tevah e o Daniel e começamos a discutir o que era possível fazer. Porque eu não acredito, piamente eu não acredito, que consigamos resolver o problema da miséria estabelecida no mundo, apenas pelo aparelho de Estado. Não acredito.



E se isso acontecer, vai demorar tantos anos que, possivelmente, nenhum de nós esteja vivo para ver.

Mas se a gente souber extrair o potencial de bondade, de companheirismo, de solidariedade que tem dentro de cada ser humano, nós poderemos fazer uma grande revolução neste nosso querido planeta Terra.

Eu acho que essa coisa da bondade é que nem petróleo, você tem que prospectar para extrair da pessoa aquilo que ela tem de bom. Eu digo sempre, não tem ninguém 100% bom e nem ninguém 100% ruim. Muitas vezes acontece, no nosso meio, de nós não gostarmos de uma pessoa, sem conhecer a pessoa, por ouvir dizer; ou alguém falou mal da pessoa e ela já vira nosso inimigo. E, de vez em quando, a gente gosta de pessoas que a gente não conhece. E acontece, às vezes que, aquele que a gente gosta e não conhecia, quando conhece deixa de gostar, porque o cara não é boa gente. E aquele que você não gostava, você passa a gostar, porque aquele é boa gente.

Então, se nós soubermos extrair do ser humano as coisas boas que ele tem para oferecer, e todo mundo tem um pouco para oferecer, a gente poderia fazer uma pequena grande revolução no comportamento do ser humano.

Eu participei dessa viagem ao Haiti. Eu, se vocês, aqui, gaúchos, tiverem proximidade com alguns dos jogadores que foram ao Haiti, precisam perguntar para eles como é que eles se sentiram no Haiti. Não vou citar nomes, mas alguns jogadores foram questionados logo que nós conversamos com a CBF da possibilidade de fazermos o jogo no Haiti. Nós mandamos uma equipe no Haiti para ver o campo e não tinha nenhuma condição, estava totalmente detonado. Mas mesmo assim nós íamos fazer o jogo. Então, algumas pessoas, porque sempre tem pessoas que, embora tenham o lado bom, mas sempre aflora mais o lado ruim, insinuaram para alguns jogadores que era perigoso eles irem jogar num campo de terra. O mais importante deles, o mais famoso, disse o seguinte: “olha, meu filho, eu aprendi a jogar bola num campo de terra, porque agora que eu já sei jogar, eu vou ter medo de jogar num campo de



terra”. Essas coisas não aparecem. Possivelmente, se ele tivesse feito uma crítica teria aparecido. Mas não aparece.

Eu penso que os jogadores brasileiros e a comissão prestaram um gesto de solidariedade que poucas vezes, no mundo, aconteceu. Naquele campo de futebol, havia 600 milhões de dólares correndo do lado brasileiro, é o que vale, mais ou menos, a nossa seleção individualmente. E aqueles meninos foram tomados de uma emoção e de uma solidariedade, porque eles sentiram no rosto do povo, na rua, e sentiram no rosto dos jogadores do Haiti. Vocês não imaginam a loucura para tirar fotografia. Todo mundo queria ficar ao lado dos mais conhecidos na imprensa, todo mundo queria ficar ao lado dos mais famosos. E eu fico imaginando a glória daqueles jogadores que jamais imaginaram chegar perto do Ronaldinho Gaúcho, do Roberto Carlos, do Ronaldo. Jamais imaginaram. Não passou pela cabeça deles.

É por isso que a imprensa divulgou uma frase que era um sentimento generalizado daquele povo pobre. Um cidadão disse: “bem, agora já posso morrer.” Por um gesto, um gesto de solidariedade, que foi feito para chamar a atenção do mundo sobre uma situação política em um país que tem 8 milhões de habitantes, em um país que 100 anos antes do Brasil conseguiu abolir a escravidão. Um país que derrotou o exército de Napoleão e um país que derrotou os americanos que ficaram de 1914 a 1934 lá. De repente, esse país é jogado ao abandono.

E nós fomos lá, já que o Brasil tem a força de paz. Aliás, quero que, sempre que vocês puderem, lembrem que a maioria da nossa Brigada que está lá, é de gaúchos, são meninos do Rio Grande do Sul, muitos torcedores do Grêmio. Não vi ninguém torcendo para o Caxias, viu Rigotto, mas vi muito torcedor do Grêmio e muitos do Internacional, com a camisa pendurada lá. E foi a partir dessa Brigada que nós tivemos a idéia de ir lá para chamar a atenção do mundo, porque, muitas vezes, as coisas não acontecem por, às vezes, faltar uma palavra, um gesto, um empurrão. Alguma coisa tem que



acontecer. Porque eu fico imaginando o que custa para o mundo desenvolvido, quatro ou cinco países decidirem dar um bilhão para resolver alguns problemas. Vocês sabem o que eles pediram para mim de ajuda? Eles querem que se mande técnicos para ensiná-los a plantar mandioca. Eles querem que se mande gente para ensinar à eles a fazerem rapadura.

São 400 mil habitantes morando em cima do lixo. São pessoas que não respeitam o meio ambiente. De vez em quando há crítica no mundo, de vez em quando é a ONG que critica porque lá não respeitam o meio ambiente. Eles não tem luz e nem gás, eles cozinham é com a lenha. Então não tem. Aquilo é a lei da sobrevivência.

Então, a gente fica imaginando quanto gestos nós poderíamos fazer de solidariedade. Quantos gestos, Rigotto? Nós, que temos mandato, que temos a importância de dirigir estados, Federação, municípios. Quantos gestos a gente poderia fazer? Nós passamos o tempo inteiro só analisando se tem dinheiro ou se não tem dinheiro. O tempo inteiro discutindo isso ou discutindo aquilo, como se apenas o dinheiro valesse para fazer as coisas. E a gente não utiliza o potencial financeiro que é o coração do ser humano, que é a solidariedade, que é a fraternidade. A gente não utiliza.

Pois bem, depois aquele encontro que nós fizemos com o Israel, nós fizemos um ato em São Paulo, esta semana, dia 9 de agosto, instituímos a Semana da Solidariedade. Eu até propus lá: nós vamos criar prêmios para as pessoas.

Por exemplo, nós temos as Metas do Milênio. As Metas do Milênio nem deveriam ser Metas do Milênio, porque eu acho até difícil 191 chefes de Estado irem às Nações Unidas e assumirem o compromisso de erradicar a extrema pobreza e a fome, atingir um ensino básico universal, promover a igualdade entre os sexos e autonomia das mulheres, reduzir a mortalidade infantil, melhorar a saúde materna, combater o HIV/AIDS, garantir a sustentabilidade ambiental, estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento. Ou seja,



isso aqui não precisaria nem fazer uma reunião da ONU, isso aqui é o mínimo que todo mundo sabe que tem que fazer. Mas como não é feito, tem que fazer.

Agora, o que nós estamos percebendo, pelos indicadores, é que muitos países andaram para trás. Não vão alcançar as metas. Então, o que nós vamos instituir, viu Tevah? Nós vamos ter que oferecer alguma coisa, fazer um chamamento ao quase seis mil prefeitos deste país e vamos estabelecer algumas coisas para incentivá-los a cumprirem as Metas do Milênio. Nós temos que criar – eu até citei lá no dia – uma espécie de Oscar, ou sei lá, um prêmio para a personalidade, para prefeito, para governador, para Presidente da República, ou seja, aquele que mais cumprir uma das metas, alguém pode cumprir a da educação, outro pode cumprir a da saúde. Mas o dado concreto é que se a gente não fizer nada, nós vamos chegar em 2015 e a situação vai estar pior.

Bem, eu acho que esse gesto que vocês fazem, meninos e meninas aqui do Grupo Tevah, é um gesto que merece muito mais do que essas condecorações que eu dei aí para o Tevah e para os funcionários.

Eu acho que merecem que nós olhemos com os olhos de lupa e nos perguntemos porque essas meninas e esses meninos, que são iguais a nós, ou iguais a outros milhões de brasileiros e brasileiras que tem por aí, resolvem dedicar um sábado, em que poderiam estar namorando – esse já trouxe a namorada, aqui. Esse já resolveu, mas a maioria não tem. Então, que poderia estar em casa namorando, que poderia estar indo passear no shopping, que poderia fazendo outra coisa. O que essas pessoas têm de especial? Essas pessoas dedicam um sábado inteiro por conta de ajudar alguém que eles nem conhecem. Não sabem se é branco, se é preto, não sabe se está doente ou não, só sabem que é uma pessoa que precisa mais do que eles. Ou seja, se eles tem 365 dias do ano para eles, e ainda tem seis horas em alguns anos, porque que não dedicar um dia para alguém.



O que vocês estão fazendo é mais do que um ato de solidariedade, vocês estão dando ao Presidente da República, ao governador do estado, ao prefeito de Porto Alegre, aos deputados, às autoridades, aos empresários aqui presentes, uma lição de vida, uma lição de comportamento. Vocês estão dizendo: é possível, se cada um de nós – eu espero, viu Nelson, que na próxima você me dê um dia de solidariedade para fazer propaganda, de graça, na televisão. É que nós podemos fazer muito mais. E eu acho que nós Tevah, a partir dessa experiência bem sucedida e extraordinária de vocês, eu acho que pode mudar algo.

O Oded é uma figura, ele é judeu igual a você, cheio de bondade para dar. Eu acredito porque eu acho que onde o Oded põe as mãos, as coisas funcionam. O Oded é teimoso. Não sei se é todo judeu que é teimoso, mas ele é teimoso. Então, na medida em que o Oded, mais um grupo de pessoas assumiram isso, eu penso que a gente vai poder, no ano que vem, na Semana da Solidariedade, a gente vai poder, quem sabe, ver dezenas de coisas como essas que nós estamos vendo, aqui, acontecer. Muitas vezes numa comunidade, as coisas poderiam ser feitas se a comunidade se reunisse. Não, mas é melhor ficar xingando o prefeito do que fazer.

Nós fomos educados culturalmente a achar que o Estado poderia fazer tudo. Nós participamos dessa educação de que o Estado pode fazer tudo. E não é verdade, nunca pode fazer tudo. A sociedade tem um papel importante, ela só tem que ser chamada.

Então, eu acho, Tevah, que é com muito orgulho que eu vim, aqui, hoje, prestar essa homenagem a você e aos trabalhadores e trabalhadoras. Quem sabe a Marisa saia daqui mais solidária e também crie a semana da solidariedade para o Lula “paz e amor”.

Mas eu acho que existem coisas na vida que deixam a gente feliz e que marcam a vida. Eu sou um ser humano que acredito na relação humana como a coisa mais importante que existe. Aliás, é o que nós levamos. Tem político



que acha que ele tem que passar para a história porque fez uma ponte grande, porque fez uma estrada grande, porque fez um túnel grande. Eu acho que isso qualquer um pode fazer. A diferença de um político é saber qual a relação que estabeleceu entre o Estado e a sociedade, entre o governo e a sociedade. É isso que marca uma administração.

Eu acho que a nós, Rigotto, Verle, está destinado estabelecer um novo jeito de fazer as coisas. Acreditar na sociedade, provocá-la, desafiá-la, porque as questões econômicas, no Brasil, estão mais ou menos resolvidas, Rigotto. Eu te falo de coração. Nós estamos numa situação em 2004, eu posso hoje dizer para vocês, olhando para a imprensa com a fisionomia límpida. Dizer para vocês: nós já garantimos o crescimento de 2004, estamos preparando 2005, ano em que continuaremos crescendo, sobretudo a partir do turismo, não é Walfrido? Mas nós vamos continuar crescendo.

Agora, o que nós queremos fazer com a economia? A economia não é um laboratório de teses que cada um que entra faz uma experiência. Se não der certo o povo arca com o prejuízo, porque é assim que acontece no Brasil. Ou seja, nós não queremos fazer uma experiência de que: “Ah, o Brasil vai crescer 10% este ano”. Ano que vem decresce 10. O ano que vem cresce cinco. No outro ano decresce. E nessas oscilações ninguém sabe para onde vão.

Então, eu estou achando que nós precisamos é ter um crescimento sustentável que seja 4%, que seja 4,5%, que seja 5%, que seja 3,5%. Mas que seja 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2010 para que possamos nos programar e para que possamos recuperar o tempo perdido.

Então, se vocês analisarem, vão perceber. Nos últimos 30 anos, Tevah, o Brasil dobrou a sua população. De 1970; está lembrado da Copa do Mundo de 70?. Noventa milhões em ação. Ou seja, hoje nós somos 180 milhões. Significa que nós dobramos a população em 34 anos. Acontece que foram exatamente nesses 34 anos que nós tivemos períodos que nós chamamos de



década perdida, de década não sei das quantas. Ou seja, nós tivemos muitos anos de crescimento quase zero, até menos que zero.

Então, o que aconteceu agora? Foi acumulando essa dívida social que tem que se pagar para a sociedade. E tem gente como vocês, que fazem esse dia de hoje, possivelmente a prefeitura não tinha dinheiro, possivelmente o estado não tinha, para poder repor peças de cama, travesseiro ou coisas numa creche, num hospital ou num pronto-socorro.

Por isso meninos e meninas da Tevah, por isso meu querido Israel e sua esposa, Daniel. O Daniel ficou chateado ali porque o pai fica elogiando o filho. O pai tem obrigação de falar bem do filho, não é Israel? Mas eu quero dizer, do fundo do coração, ganhei meu sábado vindo aqui. Saio daqui achando que vale a pena a gente continuar acreditando no ser humano.

Muito obrigado. Que Deus abençoe vocês.



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o Presidente do Chile, Ricardo Lagos

Santiago – Chile, 23 de agosto de 2004

Excelentíssimo senhor Ricardo Lagos, presidente da República do Chile,
Senhora Soledad Alvear, ministra das Relações Exteriores do Chile,
Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,
Senhores e senhoras ministros e ministras do Chile,
Senhora Dilma Rousseff, ministra de Minas e Energia do Brasil,
Senhora Ana Fonseca, secretária-executiva do Ministério do
Desenvolvimento Social e Combate à Fome,
Senhor Clayton Campanhola, presidente da Embrapa,
Embaixador Osvaldo Puccio, embaixador do Chile no Brasil,
Embaixador Gelson Fonseca, embaixador do Brasil no Chile,
Senhoras e senhores da imprensa do Chile e do Brasil,
Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, o Brasil e o Chile, hoje, estão comemorando as medalhas que ganhamos ontem. O Brasil, por enquanto, só ganhou uma, mas a perspectiva de ganhar outras é bastante grande.

Mas eu fiquei feliz porque, sabendo que é a primeira medalha de ouro que o Chile ganha, eu fico imaginando a alegria que está estampada na fisionomia da família chilena.

Houve um tempo, presidente Lagos, que no Brasil, no tempo mais duro, do regime militar, muitas vezes a gente falava de futebol, falava de esporte, e o pessoal mais engajado ideologicamente não queria nem falar de esporte, diziam que o esporte era o ópio do povo.



Eu sempre fui muito fanático pelo esporte. E, então, eu fico imaginando o que significa para um país da América do Sul, para um país com a história e a tradição de luta democrática do Chile ter, num único dia, ganho duas medalhas de ouro.

Eu penso que ao invés do esporte ser o ópio do povo, na verdade, o esporte é a alegria, eu diria, de todos os povos do mundo, porque eu duvido que tenha um ser humano que não goste de alguma prática esportiva.

Por isso, eu queria começar dando os parabéns ao povo chileno e aos esportistas chilenos, numa área em que o Brasil é bom, mas que não teve sorte este ano, fica para a próxima. Mas, não tendo sido um brasileiro, mas um chileno, sinto-me como se tivéssemos ganho essa medalha também. Até porque ela vai passar muito próxima do Brasil, quando os atletas voltarem para o Chile.

Mas, presidente Lagos, quero reiterar minha satisfação por estar no Chile e reencontrá-lo, uma pessoa a quem sempre admirei como pessoa e como político. E é sempre importante lembrar que a gente admira mais a pessoa quando a gente a conhece não sendo governo. E eu tive a oportunidade de conhecer o presidente Lagos quando ele não era governo.

Temos uma amizade que está à altura das relações de respeito e colaboração entre Brasil e Chile. Hoje, tivemos conversações muito proveitosas.

Como sempre acontece, quando encontro o presidente Lagos, examinamos, com abertura e franqueza, os temas que interessam a nossos países. Ele é meu interlocutor freqüente sobre questões internacionais.

E, aqui, um parênteses importante, para dizer aos meus amigos do Brasil e aos meus amigos do Chile: eu penso que poucos presidentes têm tido a preocupação de, a cada vez que vai viajar para algum lugar, conversar com outros presidentes, como o presidente Lagos tem feito.



Eu penso que pela seriedade, pela representatividade e pela sua história de vida, acho que todos nós, os presidentes mais novos aqui, na América do Sul e, sobretudo, no meu caso, sempre gostamos de conversar com o presidente Lagos e saber o que ele pensa sobre muitas das coisas que vamos fazer no campo internacional. E eu espero que continue com essa disposição por muito e muito tempo.

Estamos vivendo um momento excelente nas relações entre o Brasil e o Chile. Nossa afinidade e sintonia de valores tem nos permitido trabalhar juntos em muitas iniciativas conjuntas, como a iniciativa do controle da fome que pretendemos, com esse grande movimento do dia 20 de setembro, dar um passo adiante.

Estou certo de que os reconhecidos êxitos do Chile em combater a pobreza serão um trunfo para o objetivo de projetar internacionalmente nossa luta pela equidade social.

Outro exemplo eloqüente foi sua decisão no Conselho de Segurança – amplamente aplaudida na América Latina – de não endossar a invasão norte-americana do Iraque. Aí, é importante ver a diferença. Com a mesma força que o presidente Lagos, falando em nome do povo do Chile, disse “não” às tropas ao Iraque, ao Conselho de Segurança ele disse “sim”, quando a causa era paz, para mandar tropas ao Haiti. Tropa essa que trabalha junto com a nossa, sob a coordenação civil de um chileno, sob a coordenação militar de um brasileiro. E eu penso que juntos, Presidente, nós poderemos fazer muita coisa para ajudar o povo e a democracia do Haiti.

A Missão da ONU é dirigida por um grande diplomata chileno e é comandada militarmente por um general brasileiro. Essa parceria sublinha a importância de uma reforma da ONU, que a torne mais representativa das realidades atuais. Suas instituições, o Conselho de Segurança, em particular, precisam agir com legitimidade e credibilidade.



Por isso quero, aqui, agradecer mais uma vez as palavras do presidente Lagos com relação ao pleito do Brasil em querer ser membro permanente do Conselho de Segurança da ONU, reconhecendo como legítima a reivindicação brasileira.

Discutimos, ainda, como aperfeiçoar nossa parceria também no campo do comércio global. Examinamos, especificamente, uma estratégia de ação para o G-20, à luz das importantes vitórias que os países em desenvolvimento conquistaram recentemente em temas agrícolas.

Falamos muito de nosso continente, da Comunidade Sul-americana de Nações que vai se formando por meio de acordos comerciais e da integração física, bem como dos crescentes contatos políticos entre os líderes de nossos países. O Chile tem um papel fundamental em nosso projeto de uma América do Sul integrada. Cada um de nós tem um papel nesse processo, que vai sendo definido de maneira democrática e aberta.

Contamos com a experiência e clareza de visão do presidente Lagos para ajudar nossos países e nossa região a encontrar respostas aos desafios que temos pela frente.

A Declaração Conjunta que acabamos de assinar repassa em detalhe os pontos que abordei. Reafirma os valores e propósitos que nos unem, como a paz, a estabilidade democrática, o desenvolvimento com equidade e a promoção dos direitos humanos.

Para aperfeiçoar ainda mais nossa cooperação, firmamos um Plano de Ação que articula de maneira muito concreta e específica uma pauta de trabalho conjunto. O Plano reflete a visão estratégica e ao mesmo tempo prática que damos à nossa parceria.

Os três acordos que assinamos, nas áreas social, de promoção comercial e agrícola, ajudam a ilustrar o sentido dessa parceria.

A área social é uma prioridade absoluta. As políticas sociais que estamos implementando, como o programa Fome Zero e o Bolsa Família,



estão ajudando a mudar a cara do Brasil. Sabemos que o Chile possui iniciativas sociais de grande sucesso, como o programa Chile Solidário. Estou seguro de que a troca regular de experiências que vamos iniciar enriquecerá ainda mais a eficácia desses programas.

Nosso comércio bilateral é hoje de 2,7 bilhões de dólares anuais e segue crescendo. Os empresários chilenos confiam no Brasil e possuem mais de 4 bilhões de dólares investidos em nosso país. Empresas brasileiras também começam a buscar parcerias com sócios chilenos em setores onde há fortes complementaridades. Com o memorando de entendimento em promoção comercial que estamos assinando, vamos aproveitar as amplas oportunidades para estimular novas parcerias comerciais.

O acordo entre a Embrapa e o INIA aprofunda a cooperação na área agrícola. Essas duas instituições de excelência vão colaborar em pesquisa científica e tecnológica em setor fundamental para o crescimento de nossas economias.

Queremos, cada vez mais, que nossa competência em setores tecnológicos de ponta, como o da biogenética, sejam a ponta de lança de nossa presença comercial internacional.

Por isso, estou realmente muito feliz de voltar ao Chile. O presidente Lagos esteve no Brasil no ano passado e, agora, me recebe com muita amizade. Estamos trabalhando na mesma direção. Temos um longo caminho para alcançar uma verdadeira justiça social em nossos países e criar um mundo mais solidário.

As reuniões com o presidente Lagos, como as que tenho mantido com outros líderes, me dão alento, me dão ânimo, porque sei que tenho nele um grande companheiro e que o Brasil tem no Chile um parceiro permanente.

Muito obrigado mais uma vez, presidente Lagos.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no almoço
no Congresso Nacional**

Santiago-Chile, 23 de agosto de 2004

Meu agradecimento ao senador Larrain e ao deputado Lorenzini pelo convite para estar hoje entre os membros do Congresso Nacional chileno. É uma honra poder me reunir com os parlamentares que representam com espírito público o povo chileno.

Em primeiro lugar, porque podemos celebrar juntos a longa, mas vitoriosa, luta pela construção da democracia no continente sul-americano. Sabemos que não há democracia real sem parlamentos atuantes, verdadeiramente representativos.

Necessitamos de parlamentos que saibam exprimir a diversidade de interesses e de correntes de opinião de nossas sociedades.

Necessitamos de parlamentos que saibam conciliar diferenças, criando, na diversidade, o consenso e as linhas de conduta que sirvam ao povo como um todo. Precisamos de mudanças, de maior justiça social. Sabemos que ainda somos um continente de países em desenvolvimento.

Mas só podemos conceber transformações que nasçam do debate livre, do encontro de perspectivas diversas. Nem sempre isso é fácil. As soluções não são tão imediatas como gostaríamos. Porém, no trabalho paciente de tecer o futuro a partir do debate e do diálogo, está a força do Parlamento.

O Parlamento se agiganta - em momentos de transformação - quando as sociedades explicitam suas aspirações. Ele cresce quando o tempo da história se acelera, quando as demandas sociais aumentam com a prática da democracia.

Meus caros amigos,



Presto minha homenagem ao Parlamento chileno, pelo que tem representado para a consolidação da democracia e a reconciliação nacional deste país amigo.

Sei do árduo caminho trilhado para se chegar a este momento. O Chile, pela solidez de seu crescimento, estabilidade política e projeção internacional, deve ser admirado por todos os que lutaram pela democracia na América Latina.

Este é um país em que a liberdade se afirma plenamente. Um país que, como o Brasil, está em busca da justiça social.

Nós, no Brasil, também percorremos um caminho árduo. Também vivemos a luta pela afirmação dos direitos humanos. Pela reconciliação nacional. Pelo restabelecimento da democracia.

Nosso destino comum, traçado por nossas histórias, é a cooperação e a solidariedade. Não tenho dúvidas de que é o que desejam, profundamente, os nossos povos.

Venho ao Chile para renovar uma parceria que tem profundas raízes históricas.

Seus alicerces são a coincidência de propósitos e de valores e a consciência da responsabilidade que nossas afinidades nos impõem no cenário regional e internacional.

Daí a coordenação de nossos esforços nos foros internacionais, cujos exemplos mais recentes são o trabalho no G-20 e no Conselho de Segurança.

Por isso, estamos juntos na paz e na reconstrução do Haiti. Chile e Brasil podem de fato prestar uma contribuição importante na luta por um mundo menos injusto e mais democrático.

Por isso, estamos promovendo, com o Secretário-Geral da ONU e os Presidentes da França e da Espanha, a reunião de líderes mundiais em 20 de setembro, em Nova York. Aí vamos lançar as bases para uma grande iniciativa



que mobilizará a comunidade internacional contra as maiores chagas de nosso tempo: a fome e a pobreza.

Quero que minha visita ao Chile seja também a celebração da confiança no que já realizamos e no muito que ainda vamos fazer juntos. Desejo que minha presença nesta Casa sirva de oportunidade para convidar o Chile a ampliar e fortalecer a amizade que sempre nos uniu.

Eu queria aproveitar este momento, nesta Casa que simboliza a democracia chilena, para dizer para vocês que poucas instituições democráticas no mundo são tão vigiadas pelo povo, pela população, pela crítica, como o Parlamento. Muito se fala do Parlamento em todos os países do mundo, no Chile e no Brasil. Muitas críticas se fazem aos parlamentares. Entretanto, sempre que pudermos, temos que reafirmar com voz alta e com muito orgulho: se o Parlamento não consegue cumprir todas as expectativas criadas pela população para fazer sua democracia, muito pior seria se não existisse o Parlamento.

O Parlamento não é nem melhor, nem pior do que a sociedade. O Parlamento é o retrato fiel da consciência política dos eleitores no dia da eleição. Eu não conheço um país do mundo que tenha democracia sem Parlamento. Portanto, eu acho que nós precisamos agradecer todas as vezes que chegamos a um país e percebemos que ali existe um Parlamento e que esse Parlamento consegue praticar a democracia na adversidade. Essa é a coisa maior e o papel mais importante do Parlamento.

Muito obrigado pelo convite e meus parabéns.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de Declaração de Hóspedes Ilustres**

Santiago - Chile, 23 de agosto de 2004

Quero agradecer, em nome de minha esposa e de minha comitiva, a acolhida calorosa que recebemos do povo de Santiago e, especialmente do Prefeito Lavín e Dona María Estela, neste histórico Palácio Consistorial.

É com grande alegria que recebo o título de Hóspede Ilustre da cidade. Quero sempre poder voltar à cidade que é um símbolo para muitos brasileiros de minha geração. As chaves de Santiago representam, para nós, as chaves da liberdade. A liberdade de pensar e dizer. De concordar ou contestar.

Sobretudo, esta cidade lhes assegurou o direito de serem cidadãos, no momento em que a repressão e a intolerância haviam tomado conta de meu país.

Meus compatriotas encontraram aqui mais do que a hospitalidade de uma cidade acolhedora e cosmopolita ou a simpatia de um povo que nutre uma amizade secular com o Brasil. Encontraram aqui solidariedade.

Alegra-me que muitos brasileiros estejam hoje encontrando um segundo lar nesta cidade e neste país. Sei que estão sendo recebidos com o mesmo calor humano e entusiasmo de antes, tão singelamente expressa pelos alunos da Escola Brasil.

E estão retribuindo, com sua arte e inteligência, para o desenvolvimento do Chile e para uma aproximação ainda maior entre nossos países.

É o caso da grande bailarina e coreógrafa brasileira, Márcia Haydée, que dirige o Corpo de Baile do Teatro Municipal nesta cidade. E da primeira-bailarina, Andreza Randizeck, que também é brasileira.

Vossa Excelência é presidente do Conselho desse Teatro, um dos centros mais importantes de difusão de cultura no Chile. Compreende, pois,



nosso orgulho em estar contribuindo para o enriquecimento de seu país. Um país que sempre prezou sua vinculação ao Brasil, até na forma de um grande bairro chamado Brasil.

Nada mais forte para aproximar dois povos do que estarem unidos pela sensibilidade. Na cultura, como em todos os campos, o caminho natural para brasileiros e chilenos é a amizade, a cooperação, o intercâmbio.

É isto que anuncia o busto do Barão do Rio Branco, na esquina da Avenida Brasil com a Alameda. Como no tempo de Rio Branco, patrono da diplomacia brasileira, aprendemos a admirar o Chile, a valorizar nossa “amizade sem limites”.

Senhor prefeito,

Meus amigos e minhas amigas,

Nós, brasileiros, somos eternamente gratos pelo que o Chile fez ao povo brasileiro, quando fomos vítimas de um momento de autoritarismo no nosso país. Aqui, várias figuras ilustres da música, da literatura, da política brasileira, encontraram, no Chile, em Santiago, um espaço de liberdade que o ser humano precisa para continuar sendo criativo e exercendo a plenitude da sua sabedoria.

Eu penso que a chave da cidade de Santiago está um pouco no coração de cada um dos 180 milhões de brasileiros. Por isso nós queremos dizer que, da mesma forma, sem poder dar a chave de uma cidade do Brasil, tenho certeza que vocês têm, enquanto povo chileno, a chave do Brasil para que possam ter o espaço, a contribuição da nossa amizade e do fortalecimento da relação entre Chile e Brasil.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com integrantes da comunidade brasileira residente em Santiago

Santiago-Chile, 23 de agosto de 2004

No Brasil, nós costumamos começar os nossos encontros pedindo desculpas pelo atraso. Mas é porque, normalmente, a agenda tem mais compromissos do que as horas do dia. Então, alguma coisa atrasa.

Eu queria apresentar para vocês a minha companheira Marisa,

Queria apresentar para vocês a ministra de Minas e Energia, Dilma Roussef,

Queria apresentar o nosso ministro de Relações Exteriores, Celso Amorim,

Queria apresentar a Ana Fonseca. Ana, você tem que vir para cá, porque tem tanta mulher aqui, que se eu não mostrar que tenho muita mulher no governo... A Ana Fonseca é a secretária-executiva do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Ela foi a mulher que implantou o Programa de Transferência de Renda em São Paulo, e agora, trabalha com o ministro Patrus.

Tem, aqui, o Marco Aurélio, que é meu assessor especial de política externa.

Tem o nosso companheiro Clayton, que é o presidente da Embrapa, que está aqui.

E toda aquela turma que vocês estão vendo, ali atrás, são as pessoas que terminam ajudando o Celso para termos o sucesso na política externa que estamos tendo.

O nosso embaixador, vocês já conhecem.



E eu queria aproveitar para dizer que vir ao Chile é sempre uma alegria. Uma alegria porque este país acolheu, em momentos difíceis da democracia brasileira e da vida política brasileira, muitos, mas muitos dos nossos companheiros ou companheiras que aqui vieram, que aqui encontraram guarida, que aqui encontraram o espaço de liberdade que não tinham no Brasil. E depois, o Brasil também foi recíproco com o Chile porque quando aqui, também, a coisa engrossou, não foram poucos os chilenos que foram para o Brasil.

E houve uma mistura. Houve muitos brasileiros casando com chilenas, houve muitos chilenos casando com brasileiras. Aí vocês percebem que nós estamos quase construindo, na prática, uma nação sul-americana. Ou seja, o governo, de vez em quando, tem dificuldades; de vez em quando a diplomacia tem problemas legais. Mas o povo, na sua esperteza e sabedoria, vai, na prática, construindo essa unidade.

Bom, então, além da alegria de estar aqui, no Chile, eu queria dizer para vocês que desde o momento em que tomamos posse nós resolvemos fazer uma política externa mais ousada do que, habitualmente, o Brasil fazia. E tentamos ocupar o espaço que entendíamos que o Brasil poderia ocupar, se soubesse fazer a política correta.

E a primeira atitude nossa foi começar pela América do Sul. Vocês sabem que dificilmente tem um candidato de algum país da América do Sul que não tenha utilizado o discurso da integração latino-americana ou da integração sul-americana.

O dado concreto é que essa integração não pode ser uma frase de efeito ou uma coisa eminentemente teórica. É preciso transformar essa integração numa coisa concreta e objetiva. E nós começamos a fazer. Primeiro, estabelecendo uma política de confiança. Só para vocês terem idéia, nos primeiros 12 meses de governo nós visitamos, praticamente – aqui eu visitei antes da posse – nós visitamos todos os países da América do Sul. E nós



recebemos, no Brasil, todos os presidentes dos países da América do Sul, alguns mais de uma vez, para estabelecer com eles uma relação de confiabilidade; a construção de uma parceria que pudesse fazer com que tivéssemos mais força na nossa relação com os chamados “blocos comerciais ricos”, ou seja, estou falando dos Estados Unidos, estou falando da União Européia, estou falando do Japão.

Depois que nós consolidamos a América do Sul, nós resolvemos dar um outro passo importante, que foi recuperar um pouco os nossos compromissos históricos com a África. Porque vocês sabem que, no Brasil, sempre se fez política olhando para a Europa e olhando para os Estados Unidos, ou seja, muita gente, no Brasil, olha para a Europa sem perceber que ali tem o continente africano, um continente que durante 300 anos cedeu homens livres que viraram escravos no Brasil; homens e mulheres, e que são responsáveis pela cor do nosso povo, pela cultura do nosso povo, pela nossa sabedoria, pela nossa beleza, por tudo que nós somos hoje.

Visitamos, nesse espaço de tempo, praticamente, se levarmos em conta os países africanos e árabes, dez países nesses 19 meses de governo. Já visitamos Angola, Moçambique, Namíbia, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Gabão, África do Sul, Líbia, Egito.

E, depois, demos o terceiro passo. Qual foi o terceiro passo? Foi estabelecer uma relação muito forte com os países árabes, porque o último governante brasileiro a ter uma relação mais forte e visitar um país árabe, o Líbano, foi D. Pedro, em 1870.

Bem, numa demonstração de que você não faz política internacional por e-mail, por fax ou por correio; você faz política internacional pegando na mão das pessoas, olhando no olho das pessoas, conversando com as pessoas.

E nós temos um encontro inédito para ser realizado no começo do próximo ano, que é o encontro entre todos os países árabes e todos os países da América do Sul, para mostrar ao mundo árabe que eles podem colocar um



pouco dos recursos aqui, na América do Sul, não precisa jogar tudo isso na Europa ou nos Estados Unidos.

E isso, também, necessita de uma boa relação. O Celso, que já foi ministro no governo Itamar Franco, que está há 40 anos no Itamaraty, na diplomacia brasileira, pode dizer para vocês se em algum momento da história do Brasil o Itamaraty trabalhou tanto. E as pessoas estão trabalhando, a gente vê a cara de todo mundo feliz, trabalhando. E continuam ganhando pouco, mas estão trabalhando muito mais pela sua auto-estima.

Nós fizemos uma boa política com a África do Sul; depois, uma boa política com a Índia; depois uma boa política com a China. Todos esses países eu já visitei. Ou seja, até agora, eu já visitei quase 40 países, em 19 meses de governo, porque não dá para ficar esperando as coisas acontecerem. Nós temos que fazê-las acontecer. Temos levado muitas delegações de empresários, para os empresários pararem de ficar esperando que as pessoas venham no Brasil comprar. Nós temos que sair para vender.

Nós partimos do pressuposto que a imagem do Brasil, o país do carnaval, o país do futebol, o país da miséria, das favelas, da criança de rua, continua sendo verdadeiro. Mas nós temos que mostrar que existem outras coisas, no Brasil, e coisas extraordinárias.

Quando nós fazemos parceria com a China, nós não estamos apenas exportando soja para a China ou comprando carvão. Nós estamos dizendo para a China que nós queremos a tecnologia deles para lançar os foguetes brasileiros, e ao mesmo tempo estamos dando para eles tecnologia de como produzir aviões via Embraer.

Nós temos que mostrar que nós temos tecnologia; que nós temos uma base intelectual; que nós temos produtos de qualidade; que os nossos trabalhadores, no Brasil, são capazes de produzir coisas de qualidade mais do que qualquer outro trabalhador do mundo. Porque, senão, você não consegue vender as coisas boas do Brasil.



E o resultado nós estamos colhendo. O resultado é que o Brasil, todo mês, está batendo recorde na sua política de comércio exterior. Estamos exportando 90 bilhões de dólares, é o recorde dos recordes do país. Estamos com um superávit comercial próximo a 30 bilhões de dólares, que é recorde dos recordes do nosso país.

Pela primeira vez, em muitos anos, nós estamos construindo um superávit em conta corrente. Ou seja, depois de tudo que nós pagamos, nós ainda temos um superávit de quase 7 bilhões, uma marca que poucas vezes aconteceu na história do Brasil, ou nunca aconteceu na história do Brasil.

Mas, isso está fazendo com que a gente tenha outras conquistas. Por exemplo, a conquista do Brasil contra os Estados Unidos, na Organização Mundial do Comércio, por causa do subsídio do algodão. Isso é uma vitória que interessa ao Brasil, mas fortalece muito mais países mais pobres da África, que têm no algodão a base da sua economia.

Da mesma forma que foi muito significativa a vitória que tivemos agora, também, contra a União Européia, na OMC, em relação ao açúcar. Ou seja, nós conseguimos um tento, ainda vai ter outras etapas de briga, mas já foi um sinal importante.

E, mais importante ainda foi o que aconteceu a partir de Cancún, quando nós criamos o G-20. Muita gente – e não falta gente com a cabeça colonizada no meu país, no nosso país – muita gente achava: “não se pode fazer isso, porque não sei quem não vai gostar, não sei quem vai achar ruim, porque os americanos podem não gostar”. Nós não estávamos fazendo nada contra os americanos, estávamos fazendo a nosso favor. Nós não queremos para nós nada que os americanos não queiram para eles. Nós queremos crescer, queremos ser um país competitivo, queremos gerar riqueza, distribuir renda, melhorar a vida do nosso povo. Não é isso que os americanos querem? Então, se nós quisermos isso, nós temos que brigar, porque não são eles que vão nos dar isso.



Quando nós criamos o G-20 em Cancún, muita gente achou que seria um fracasso. Teve países que até, depois, por pressão, se afastaram, mas que agora já voltaram.

E nós tivemos agora, depois de umas reuniões em Paris, esse encontro em Genebra, e eu acho que nós estamos consolidando o fim do subsídio agrícola na União Européia e nos Estados Unidos. Isso significa muita coisa. Significa que, no decorrer do tempo, nós poderemos ter um acréscimo na política comercial para os países em desenvolvimento, da ordem de 200 bilhões de dólares.

Isso é uma coisa excepcional para grande parte dos países mais pobres que têm, na agricultura, a base do seu desenvolvimento. E eu acho que isso só foi possível graças à coordenação que nós fizemos com a América do Sul, com a participação de todos os países, o Chile teve uma participação muito importante, a África, a Índia, a China, e eu acho que nós conseguimos um tento.

Bem, do ponto de vista da nossa política interna, nós estamos vivendo um momento bom. Posso dizer para vocês do otimismo que eu vou vender para vocês. Eu tenho feito questão de dizer todo santo dia em todos os lugares em que eu vou, no Brasil: O desafio que está colocado para nós é não permitir que o crescimento econômico que estamos colhendo agora seja um crescimento econômico de duração curta, seja um vôo de galinha. Nós queremos que seja um crescimento, nós não queremos crescer 10% num ano e nada no outro ano. É melhor crescer 4%, mas crescer 4% em 2004, 2005, 2006, 2010, ou seja, ter um ciclo de crescimento para que a gente possa pagar a dívida social que há muitos e muitos anos se acumulou no país.

Vocês, brasileiros, precisam se lembrar de uma coisa que a gente não pode se esquecer sobre a situação do nosso país. Em 1970, a população no Brasil era de 90 milhões de habitantes. Em 2004, a população do Brasil é de 180 milhões de habitantes. Significa que nós dobramos a população em 34



anos. Agora, o que é grave? O grave é que exatamente nesses 34 anos teve vários anos que nós tivemos décadas perdidas, como a década de 80 e parte da década de 90, em que a população cresceu e a economia não cresceu. Isso significa o quê? Que nós temos um déficit muito grande com a sociedade brasileira, que nós precisamos preparar a economia brasileira para resgatar essa dívida social que todo mundo fala em pagar. Eu era criança e já ouvia falar em pagar, já estou ficando com os meus 60 anos e ainda não se pagou. Mas nós vamos ter que pagar. E se nós não pagarmos, eu me pergunto: quem pagará? Bem, então nós temos esse compromisso.

Temos uma política social intensa e esse é um fato importante que vocês podem acompanhar. Nós não adotamos nenhum critério mágico, porque não existe mágica nisso. Nós adotamos a política da responsabilidade. Temos uma política fiscal dura, como uma dona de casa tem na sua casa, um marido tem na sua casa ou uma família tem na sua casa. Vocês sabem que vocês trabalham o mês inteiro, que no final do mês vocês recebem um salário, o marido de vocês ou a mulher de vocês recebem também um salário, e vocês têm que juntar aquele dinheiro, ver tudo que vocês têm que pagar e ver se sobra alguma coisa para vocês guardarem para fazer uma poupançazinha. Se vocês gastarem mais do que ganham, em algum momento vocês vão estourar.

A política econômica do país é a mesma coisa. O governo não pode ficar gastando mais do que tem, porque quando a coisa estourar vai atingir exatamente na parte mais pobre que não teve nenhum problema com a dívida que foi contraída pelo governo. E, ao mesmo tempo em que a gente mantém essa política fiscal dura, nós temos uma política social muito ousada. Nós assumimos um compromisso de até o final do meu mandato, portanto, até dezembro de 2006, atingirmos com um programa de transferência de renda, via Bolsa Família e programa Fome Zero, a totalidade de 11 milhões de famílias que, segundo o IBGE, estão abaixo da linha de pobreza.

Eu trabalho com o desejo de que, quando chegarmos em 2006, a



economia tenha crescido e que já não tenha mais 11 milhões, que tenha nove, que tenha dez, sei lá. Quanto menos, melhor. Mas, de qualquer forma, nós temos um compromisso: se chegarmos em 2006 e se tiver 11 milhões de famílias vivendo abaixo da linha da pobreza, todos eles estarão recebendo o Bolsa Família. Nós já temos agora 5.500 milhões de famílias, chegaremos a 6.500 milhões em dezembro, a 8.700 milhões de famílias em dezembro do ano que vem e a 11 milhões em dezembro de 2006. Isso é, possivelmente, uma das maiores políticas de transferência de renda que um país já fez. É pouco. É verdade, é pouco. São em média 73 reais, 75 reais. É pouco, mas é três vezes mais do que era antes. Antes, a média era 25 reais, 26 reais. Nós estamos, agora, com 78 reais por família, obrigando as famílias a cumprir alguns compromissos. Por exemplo, a mulher grávida que receba, tem que fazer o pré-natal completo; uma mulher que tenha filho em idade de vacina, tem que tomar todas as vacinas; as mulheres que tiverem filhos até 14 anos, têm a obrigatoriedade de essas crianças estarem na escola. Nós exigimos uma contrapartida para não ser apenas uma política de dar dinheiro.

Ao mesmo tempo nós criamos esse ano – e é por isso que sou muito otimista – do dia 1º de janeiro ao dia 1º de julho nós criamos no Brasil 1.236 milhão de novos empregos de carteira profissional assinada, sem contar empregada doméstica, funcionalismo público e economia informal. Isso significa o maior número de empregos desde 1992, significa que a economia está num processo sólido de recuperação. E, como temos garantido o crescimento de 2004, nós estamos preparando 2005 porque nós queremos que cresça mais e queremos fazer as coisas que precisam ser feitas em infraestrutura, porque as exportações do Brasil cresceram muito e nós, hoje, descobrimos que tem portos que precisam sofrer mudanças, que tem ferrovias que não foram construídas, que tem gargalos de infra-estrutura que precisam ser feitos urgentemente e nós estamos preparando tudo isso para 2005. Nós queremos crescer mais em 2005 para preparar um maior crescimento para



2006 e, quem sabe, o Brasil possa ter aí dez, 15 anos de crescimento contínuo para que a gente possa resgatar toda a dívida social acumulada no nosso país.

No mais, eu vou ter que começar a reunião com o presidente Lagos pedindo desculpas como eu pedi a vocês, porque eu vou chegar quase 40 minutos atrasado, também.

Eu quero dizer para vocês, gente, que nós estamos num processo de otimismo muito grande, sem euforia. Nós achamos que ainda precisa muito trabalho, muita seriedade. Eu disse no dia da minha posse, disse durante a campanha e disse depois da campanha que a nós não seria dado o direito de errar, e nós não vamos errar. No Brasil, historicamente, entra um governo que não faz nada, vai embora e, no dia seguinte, o povo já esqueceu. No nosso caso nós não temos o direito. Por quê? Porque nós geramos muita expectativa ao longo de muitos anos.

Quando nós ganhamos é normal que as pessoas tenham a sua expectativa aumentada e, por isso, eu estou tranquilo que nós não vamos errar. Eu estou tranquilo que a gente pode até não conseguir fazer tudo que queremos fazer, mas podem ficar certos que nós faremos o máximo que nos foi permitido fazer. Não falta vontade de trabalhar, não falta otimismo, não falta auto-estima ao nosso povo e queremos que essa auto-estima seja disseminada para toda a América do Sul, queremos fazer com que cada país da América do Sul acredite que o Brasil é um parceiro de verdade, porque muita gente tem medo do Brasil, muita gente achava que o Brasil era imperialista. Nós estamos mostrando que nós não queremos ter uma relação de hegemonia com ninguém. Nós queremos ter uma relação de parceria, nós queremos ser companheiros, fazer políticas de complementaridade, definindo em que o Brasil pode ajudar e em que o Brasil pode ser ajudado.

E para terminar, não sei se vocês acompanharam o que aconteceu no Haiti. O Brasil aceitou a convocação da ONU e mandou uma Força de Paz de 1.198 soldados para o Haiti. O general brasileiro é quem coordena todas as



outras forças, o Chile, a Argentina. Pela primeira vez a gente tem a possibilidade de latinoamericanizar o Haiti, porque a França ficou lá 300 anos, os Estados Unidos ficou 20 anos. Pela primeira vez nós temos a chance de colocar a América Latina para ajudar, mesmo na sua pobreza. E eu digo o seguinte: a gente, mesmo sendo pobre, pode ajudar.

Eu sou do Nordeste e eu ouvi a minha mãe dizer o seguinte – isso é o bom do brasileiro – “onde come um, comem dois, onde comem dois, comem três”. E nordestino fala: “onde come um, comem dez”. Mesmo que seja só feijão e farinha, come, não falta. O Haiti precisa de tudo. Eles precisam de mandioca, precisam de rapadura. Eles já produziram cana e não tem mais. Nós estamos lá, agora, com uma equipe de técnicos, o Chile e a Argentina também vão mandar, para que a gente possa estender a mão para aquele povo. Quem não conhece pobreza, vá para o Haiti, que vai saber o que é pobreza no mundo.

Vocês viram que nós fizemos um gesto importante, que foi a Seleção Brasileira jogar no Haiti. Eu fiquei sabendo que eles eram fanáticos por futebol, fiquei sabendo que eles eram fanáticos pelo futebol brasileiro. E aconteceu uma coisa interessante: como eu tinha que ir ao Haiti e à posse do presidente da República Dominicana, no dia 16, eu procurei a Seleção Brasileira e propus que eles fizessem o jogo. Eles aceitaram de pronto, os jogadores todos aceitaram de pronto, só não participaram alguns jogares porque os seus times criaram caso. Eu lembro que tentaram persuadir o Ronaldinho, dizendo: “olha, o campo é de terra, o campo não está bom.” E o Ronaldinho falou: “mas eu aprendi a jogar bola em campo de terra, porque eu não vou jogar agora, que eu já sei jogar bola?” Nós conseguimos recuperar o campo, o campo ficou bonito e vocês não têm noção do que foi aquilo lá.

Domingo, à noite, a Globo fez um especial no Fantástico. Eu recebi um telefonema do Brasil dizendo que guardaram a fita para eu ver, porque disseram que foi uma coisa que nem a própria Seleção seria capaz de fazer, de



tão emocionante e tão bonito que foi.

De forma que vocês percebem que eu não tenho razão para não estar feliz e não estar otimista. Eu digo sempre o seguinte: sou um homem bem casado, tenho grandes e bons amigos por esse país afora, tenho a crença de que nós poderemos fazer muita coisa pelo Brasil e eu acho que o povo brasileiro dá uma contribuição extraordinária. Eu só vou dar um exemplo para vocês desse comportamento. Esses dias, nós anunciamos na imprensa a redução da alíquota do PIS e da Cofins para três produtos da cesta básica: para o feijão, para o arroz e para a farinha de mandioca. Bem, no dia em que nós anunciamos, o Abílio Diniz, presidente do Grupo Pão de Açúcar, foi para a televisão, colocou matéria paga em todos os jornais e chamou todos os fornecedores da sua cadeia para exigir que eles repassassem para o consumidor a redução da alíquota que nós fizemos.

Eu acho que esse é um exemplo, e tem outros empresários fazendo, é um exemplo de que o Brasil está vivendo um momento bom, um momento de auto-estima elevada, um momento de crença no país, um momento em que nós estamos aprendendo a gostar de nós mesmos. Estamos aprendendo a nos respeitar porque, no mundo, ninguém respeita quem não se respeita. No mundo, ninguém respeita quem negocia de cabeça baixa.

Então, da mesma forma, eu vou continuar torcendo para que vocês mantenham essa cara feliz com que vocês estão. Parece que todo mundo aqui, ou está bem empregado, ou está bem com o namorado, ou está bem com o casamento, porque está todo mundo com a cara muito boa.

Eu vou continuar torcendo para vocês manterem essa cara alegre, de otimismo. Eu espero que vocês continuem torcendo para que o Brasil nunca mais abaixe a cabeça e conquiste o espaço que já deveria ter conquistado há muitos anos.

Muito obrigado, e que Deus abençoe todos vocês.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação
Discurso do Presidente da República



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no jantar oferecido pelo Presidente do Chile, Ricardo Lagos

Santiago-Chile, 23 de agosto de 2004

Agradeço as palavras generosas de Vossa Excelência.

Trazem o calor de uma amizade que é pessoal, mas também retratam a fraternidade entre nossos povos.

Aqui estive como dirigente de um partido e, posteriormente, como Presidente eleito.

Encontrei sempre no povo chileno a mesma disposição dos brasileiros de construir o caminho do desenvolvimento com inclusão social.

Reconheço no presidente Lagos o compromisso com a grande tradição de transformação democrática que marca a sociedade chilena.

O presidente Lagos é também um parceiro na luta pelo progresso econômico e social e pela democracia em nossa região. Estamos juntos na luta contra as injustiças do mundo de hoje.

Unimos esforços no Haiti e na iniciativa para combater a fome no mundo.

Nossas afinidades também se expressam em uma parceria econômica e comercial pujante.

Nossos empresários identificam novas oportunidades de investimentos. O crescimento vigoroso de nossas economias estimula a ampliação de nossa aliança.

Muitos brasileiros encontraram no Chile refúgio e liberdade na hora mais tenebrosa de nosso país.

Nossas afinidades nos convidam a continuar juntos no caminho do desenvolvimento sustentável e da justiça social.

Temos uma agenda comum. Como no Chile, aprovamos reformas que



lançam bases para um novo projeto de Nação.

Buscamos um modelo de desenvolvimento que reduza a vulnerabilidade externa, tenha equilíbrio macroeconômico e, sobretudo, distribua renda e riqueza.

Adotamos políticas públicas integradoras e participativas, voltadas para a inclusão social de milhões de homens, mulheres e crianças.

Senhor Presidente,

Estamos convencidos de que a integração regional é resposta ao desafio de reverter o quadro de pobreza e exclusão que atinge a América do Sul.

Estamos comprometidos com um ambicioso programa de infra-estrutura física para ligar nossas cidades, indústrias e oceanos.

Vamos construí-lo com ferrovias e pontes, com diálogo permanente e respeito aos compromissos assumidos.

Queremos ter forte presença no mundo de hoje.

Estamos convencidos de que o projeto de um Mercosul em expansão é fundamental para fortalecer a democracia em nosso continente.

O Brasil tem consciência de suas responsabilidades na construção desse espaço integrado de paz e prosperidade.

Estamos determinados a levar em conta as assimetrias no desenvolvimento de cada país de nosso Bloco.

A integração sul-americana não nos afasta de nossos irmãos de toda a América Latina. Ao contrário, ela reforça nossos laços de solidariedade

Estamos fazendo de nossos países interlocutores mais respeitados na diplomacia e no comércio internacional.

Num mundo onde muitas vezes prevalece o unilateralismo dos poderosos e a indiferença dos ricos, é preciso ter a coragem de lutar por mudanças.

Brasil e Chile estão convencidos de que o multilateralismo e o direito



internacional são fundamentais para a paz.

Para que as Nações Unidas voltem a desempenhar o papel que lhe cabe na solução de conflitos, é necessário reformá-la e corrigir o déficit de representatividade do Conselho de Segurança.

Também é nossa certeza que as mais profundas e permanentes ameaças à ordem internacional são a injustiça e o fatalismo.

Não há arma de destruição em massa mais poderosa do que a fome.

Mas não basta denunciar problemas e injustiças. É preciso apontar soluções.

É isso que realizou o Grupo dos 20 ao traçar novos rumos para as negociações sobre agricultura na Organização Mundial do Comércio.

Como consequência, estão fadados à extinção os bilionários subsídios dos países desenvolvidos, a começar pelos subsídios à exportação.

Na cúpula de 20 de setembro, em Nova York, vamos discutir formas eficazes e realistas de financiar a luta mundial contra a fome e a miséria.

Estamos conquistando corações e mentes para enfrentar esse desafio global.

Temos motivos para otimismo.

O número expressivo de líderes mundiais – já são mais de 50 - que confirmaram presença mostra que a solidariedade pode vencer o conformismo e o preconceito.

Podemos eliminar a pobreza e a fome. O anúncio do Presidente Lagos de que até 2007 a miséria deverá estar erradicada no Chile nos inspira a levar essa esperança para todos os povos do planeta.

Senhor Presidente,

O Chile comemora, este ano, o centenário de Pablo Neruda, o poeta maior de uma terra de poetas. Neruda inspirou gerações e enriqueceu a sensibilidade latino-americana.

Nós brasileiros – e seus amigos Jorge Amado, Vinícius de Moraes e Thiago de



Mello - aprendemos a admirá-lo porque sua poesia nos fez ir mais fundo em nossa identidade.

Vossa Excelência recordou recentemente frase do grande poeta, que deveria guiar todo homem público: “Creio no realismo e no irrealismo e essas são as leis fundamentais da criação artística. Quem suprime o realismo se afasta da vida e se torna uma sombra flutuante. E o artista que se nega ao sonho e ao mistério naufraga na metade do caminho”.

Foi com esse espírito que nossos países têm aceitado tantos desafios, como o de integrar a Missão de Paz que as Nações Unidas enviaram ao Haiti.

Não podíamos nos deixar acomodar pela indiferença. Era necessário pôr fim à escalada da violência naquele país.

Temos de evitar que proliferem a desesperança, a revolta, a intolerância, o fanatismo, que alimentam a violência e o terrorismo.

Brasil, Chile, América do Sul, América Latina e Caribe como um todo assumiram a tarefa de encontrar soluções para os seus próprios desafios.

Nessa trajetória, devemos ser guiados pela voz da democracia e da justiça social. Devemos procurar inspiração nos grandes exemplos, como o de Salvador Allende e tantos outros patriotas chilenos.

Juntos, vamos aprender as lições de nossa história para construir um futuro melhor.

Ao agradecer, em nome de Marisa, de minha delegação e em meu próprio, à Senhora Luiza Lagos e ao presidente Lagos, a generosa e carinhosa acolhida, convido todos a um brinde à felicidade pessoal do casal Lagos e a uma crescente e fraterna aproximação entre nossos povos.

Viva o Chile. Viva o Brasil.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do seminário “Como Fazer Negócios com o Brasil”

Santiago-Chile, 24 de agosto de 2004

Eu quero dizer a vocês que, como de hábito, eu não vou ler o discurso, eu vou ter uma conversa com vocês. Afinal de contas, eu nunca tive a chance de fazer um debate com os empresários chilenos. Se eu ficar de cabeça baixa, aqui, lendo o meu pronunciamento, eu vou sair sem perceber com quem eu conversei.

Queria dizer a vocês da alegria de estar mais uma vez no Chile. Vocês sabem que o Chile tem um significado especial para nós, brasileiros. No momento mais difícil da história política do Brasil, em que muitos jovens, homens e mulheres não puderam fazer política no Brasil, foi o Chile que abriu as suas portas, estendeu as mãos para que, aqui, os brasileiros pudessem encontrar um pouco de tranqüilidade. Está certo que não foi tão duradoura a tranqüilidade, mas não deixou de ser importante. E vocês sabem que por aqui passou o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, por aqui passou grande parte dos companheiros que hoje fazem parte do meu governo, o meu querido assessor especial Marco Aurélio Garcia, que aqui lecionou durante 3 anos, e tantos outros amigos.

Esta reunião tem uma característica muito especial para nós, brasileiros. Queria dizer ao meu querido Ministro da Fazenda do Chile que é a primeira vez na história do nosso país, que fazemos uma viagem para outro país para discutir negócios e trazemos, na nossa delegação, a Receita Federal, o Ministério da Agricultura, a Anvisa, do Ministério da Saúde; o Inmetro e o INPI. Todos os setores que têm a ver, direta e indiretamente, com a nossa relação comercial, estão aqui representados. Além da nossa Embrapa, que está aqui,



para aprender aquilo que vocês sabem mais do que nós e para ensinar aquilo que nós sabemos mais do que vocês.

Esta reunião é importante para mim porque permite que eu possa falar um pouco do Brasil. As coisas não estão totalmente resolvidas no Brasil. Vocês, como empresários, os brasileiros e os chilenos que têm relações com o Brasil, sabem que não é de uma hora para outra que nós fazemos os milagres para consertar coisas que não estavam funcionando há alguns anos.

Entretanto, nós demos passos importantes para que eu possa dizer hoje, na frente dos empresários brasileiros e chilenos, dos representantes do governo chileno, que o Brasil está numa rota sólida de crescimento econômico e está numa rota sólida para cumprir parte da dívida social acumulada durante tantos anos com o nosso povo. Vocês acompanharam o Brasil nesses últimos anos e sabem que nós tomamos a decisão de governo de que era preciso fazer com que o Brasil tivesse uma ação política para, a partir do Mercosul, reconstruir uma relação forte com a América do Sul e, a partir da América do Sul, construir uma relação forte com o resto do mundo.

Eu, nesses 19 meses de governo, já visitei, me parece, 39 países. E já recebi, no Brasil, uma dezena de presidentes de outros países, porque eu aprendi, muito cedo, que quando se trata de relação comercial a gente não pode ficar em casa esperando que o comprador apareça para comprar. Nós temos que sair para vender aquilo que nós acreditamos que é bom. Foi por isso que tomamos a iniciativa de ter uma política internacional mais ousada e mais arrojada. E só poderíamos ter uma política comercial, uma política externa mais arrojada se nós consertássemos primeiro a nossa relação caseira, que era o Mercosul, que durante muitos anos viveu subordinado a duas moedas que não eram reais: o real nunca valeu um dólar e o peso nunca valeu um dólar. Portanto, a falta de iniciativa para mudar a política cambial no momento certo, fez com que um país do tamanho do Brasil acumulasse durante muitos anos seguidos um déficit comercial quase sem precedentes na nossa história. E não



foi por falta de aviso. É porque normalmente, quando se trata de política econômica, muitos governantes não têm coragem de fazer as mudanças no tempo certo se a política econômica tiver rendendo algum dividendo eleitoral.

Pois bem. Hoje, depois de 19 meses, posso afirmar para vocês que o Mercosul está reconstituído. Com as fragilidades que ainda temos, com todos os problemas e as simetrias entre as economias dos países, nós achamos que ele está reconstruído do ponto de vista político. Para isso era preciso reconstruir a nossa relação com a Argentina, que durante muito tempo foi uma relação de desconfiança mútua, e hoje nós construímos essa relação, e não permitiremos que um problema comercial de um ou de outro setor crie qualquer complicação na nossa relação. Se tiver um problema comercial prejudicando um setor da Argentina ou um setor do Brasil, ao invés de criar uma crise política, nós temos que sentar os dois setores que estão em conflitos, entrar em acordo, tocar o barco para frente e continuar trabalhando e produzindo, porque os países não podem se dar ao luxo de brigar por coisas secundárias.

Estabelecemos o Mercosul e resolvemos partir para uma relação na América Sul. Era inconcebível imaginar que, durante 500 anos da existência do meu país, a gente tivesse uma relação com a América do Sul inferiorizada. A verdade é que uma parte das pessoas que governaram o Brasil nasceram e morreram olhando para a Europa e olhando para os Estados Unidos e esqueceram de construir o alicerce que poderia dar solidez ao crescimento da economia da América do Sul. Afinal de contas o Brasil, como maior economia do continente, como a maior população do continente, tem que ter mais responsabilidade e gestos de abertura política para fazer com que as coisas aconteçam. E quebrar a desconfiança é estabelecer uma relação política sem querer hegemonismo. Nós queremos parceria, nós queremos que o empresário chileno e o empresário brasileiro construam parcerias, nós queremos que o mercado brasileiro seja atrativo para o empresário chileno e queremos que o mercado chileno seja atrativo para o empresário brasileiro.



E assim nós queremos com outros países da América do Sul, porque sem que o Brasil tome iniciativas, as coisas ficam mais difíceis para acontecer. Como é que pode ter integração na América do Sul se nós não temos as estradas, se não temos as ferrovias, se não temos os portos e os aeroportos que precisamos ter? Nós começamos a discutir, a partir de projetos existentes junto à CAF, a possibilidade de uma integração física entre a América do Sul, ou seja, nós temos uma ferrovia que liga o porto de Santos ao porto de Antofogasta. Só que essa ferrovia está deteriorada em vários lugares. Nós estamos consertando agora o trecho do Brasil até Corumbá. Mas é preciso fazer com que essa ferrovia volte a funcionar. A nossa estava parada há 20 anos, e o conserto dela custa apenas 80 milhões de reais, o que significa um descaso e um desprezo.

Nós estamos discutindo com a Bolívia, agora, não apenas como utilizar o gás da Bolívia, nós estamos discutindo agora a construção de um pólo gás-químico entre a Bolívia e o Brasil, porque nós precisamos contribuir para o crescimento econômico e o desenvolvimento da Bolívia. Nós não poderemos repetir o erro histórico de apenas utilizar o gás da Bolívia, sem dar a contrapartida na ajuda ao desenvolvimento industrial daquele país.

Nós temos como decisão de governo, ajudar através de financiamentos do BNDES, e de obras de infra-estrutura em vários países da América do Sul, para que a gente possa ter mais facilidade de transitar entre nós, porque senão o empresário do Equador, para ir ao Brasil, terá que ir a Miami. Se ele vai para Miami, ele já faz negócio em Miami, não vai ao Brasil. Muitas vezes o empresário da África tem que ir à França, para poder vir à América do Sul. Ele já faz negócio na França. Então, nós precisamos cuidar desse direito de ir e vir dos empresários, dos investidores, dos trabalhadores, para que a gente possa criar as condições de fazer com que as pessoas vejam a América do Sul.

Eu vou dar um exemplo para vocês. Nós inauguramos, há 15 dias, a primeira ponte entre Brasil e Bolívia em 500 anos. Uma ponte pequena, uma



ponte sobre o rio Acre, uma ponte de 120 metros, mas foi a primeira em 500 anos. Estamos fazendo agora a primeira entre o Brasil e Peru, para permitir que o nosso discurso de integração seja aceito pela sociedade, porque se não falamos em integração, passam-se décadas e décadas e não acontece absolutamente nada. Se o Brasil pode contribuir com o Chile, na questão da política energética, não há porque não contribuir. Se a Petrobrás pode contribuir com investimentos no Chile, nós temos que fazê-lo. Como temos que fazer em São Tomé e Príncipe, como temos que fazer em Cabo Verde, como temos que fazer em Angola. Ou seja, nós precisamos ter coragem de assumir a responsabilidade que nós queremos competir em igualdade de condições com todos os investidores do mundo. Nós não somos nem países e nem empresários de terceira categoria. Muitas vezes, a nossa cultura fez com que nos posicionássemos como se fossemos inferiores.

Eu quero contar uma pequena história para vocês. Eu fui a Londres fazer um debate, no começo do ano passado. E em Londres eu disse que a coisa que eu mais admiro nos americanos é que os americanos pensam muito neles. Se tem uma coisa que os americanos têm de importante é que eles se respeitam. E eu disse que eles pensam primeiro neles, segundo neles e terceiro neles. Na arte de negociar, eles são muito duros. E eu não acho isso ruim. Eu acho isso bom. O que eu acho é que nós deveríamos ser tão duros quanto eles nas negociações, porque nenhum negociador respeita alguém que vai negociar com a cabeça baixa. Ninguém respeita. Nós temos que nos respeitar para merecermos o respeito dos outros.

E vejam, quando eu digo isto, eu digo com respeito e carinho, porque os americanos são os nossos principais parceiros comerciais. Quando eu falo da União Européia, eu falo com respeito porque eles são, no conjunto, hoje, até mais do que os Estados Unidos. Mas eu tenho que pensar, sobretudo, no meu país. Eu tenho que pensar, sobretudo, no meu continente. Eu tenho que brigar para defender os nossos interesses.



E vejam como as coisas evoluíram rapidamente. Vejam a evolução. Quem é, aqui nesta sala, que acreditava, há 12 meses, que o Mercosul pudesse juntar em torno de si todos os países da América do Sul como associados? Inclusive os países da Comunidade Andina? Parecia impossível. Era quase que impossível, do ponto de vista econômico, imaginar que o México ia querer se associar ao Mercosul. E por que isso está acontecendo? Porque quando nós fomos a Cancún, o Chile, o Brasil e outros países tiveram a coragem e a ousadia, nem sempre compreendidos pelos setores da imprensa do nosso continente, que diziam que nós tínhamos sido derrotados. Foi graças àquela reunião de Cancún, foi graças ao comportamento do governo chileno e do governo brasileiro e de outros 18 países, que nós conseguimos, agora, em Genebra, dar os primeiros passos decisivos para o fim dos subsídios agrícolas da União Europeia e dos Estados Unidos, que, quando estiver consolidado, pode significar um aumento de 200 bilhões de dólares no comércio exterior favorecendo os países em desenvolvimento.

Quando o Brasil tomou a decisão de ir à OMC brigar contra o subsídio ao algodão americano não era apenas para o Brasil ganhar, é que tem países africanos cuja base da sua economia é o algodão, é o maior produto de exportação. E não era justo competir com uma economia forte como a americana, com subsídio. Era impossível. Gastamos 6 milhões de dólares com advogado, mas ganhamos.

Quando entramos na luta contra o açúcar europeu, nós queríamos apenas que levassem em conta que nós queríamos uma igualdade na negociação. Parecia impossível. Acabamos de ganhar. E isso, obviamente, ajuda não apenas o Brasil, ajuda outros países. Mas se essas lutas entre nós trouxerem problemas, por conta do açúcar chileno ou do açúcar argentino, nós não temos que ver isso como um grande problema, nós temos que sentar em torno da mesa e ter uma política específica para os nossos países.

Nós vamos fazer uma coisa, meu caro Ministro da Economia, uma



pequena revolução na relação internacional da América do Sul. Ano que vem nós vamos ter, no começo do ano, uma reunião de todos os presidentes dos países árabes com os presidentes da América do Sul, ou seja, nós temos a obrigação de convencê-los de que eles podem olhar um pouco para a América do Sul. Aqui tem paz, aqui não tem guerra; eles podem aportar um pouco do seu capital em investimentos na América do Sul: em turismo, em ferrovia, em energia, em gasoduto, ou seja, naquilo que eles quiserem. Só vai depender da nossa capacidade de vender as coisas boas que nós temos, porque quando vai um negociador de um outro país, não vai falar bem do Chile, não vai falar bem do Brasil, afinal de contas, ele quer ganhar o mercado. Ele vai falar bem dele. Nós é que temos que falar bem de nós.

Por isso, nós procuramos fazer com que a política externa, não apenas para o Brasil, mas para a América do Sul, seja mais plural, que a gente abra um leque de países negociadores. Por quê? Porque nós não ficamos dependentes apenas de uma força comercial. Vocês sabem que negócios, aqui, vocês, homens de negócios, sabem que toda vez que eu fico dependendo apenas de um comprador do meu produto, eu fico vulnerável. Eu vou ficar mais forte quando o principal comprador do meu produto perceber que tem um outro comprando quase igual a ele. E que se eu não vender para ele, eu vou vender para o outro.

Foi por isso que nós visitamos tantos países. Reforçamos a nossa relação com a Índia, com a África do Sul, com a China, com vários países africanos, porque nós queremos estabelecer uma política de complementaridade. O que nós podemos fazer para nos ajudar mutuamente? Por exemplo, nós não exportamos apenas soja para a China. A China, ela nos empresta o conhecimento que tem no lançamento de foguetes, de satélites, e nós levamos para a China a nossa tecnologia na construção de aviões. Isso pode ser feito com cada país, acenando quais são as políticas de complementaridade que podem ir fortalecendo a relação Brasil-Chile. O que



nós podemos fazer para nos ajudar mutuamente? O que o Chile tem que o Brasil não tem? E o que Brasil tem que o Chile não tem? Não falaremos de futebol, aqui, nesta reunião, mas vocês podem falar de tênis porque ganharam duas medalhas de ouro. Mas nós temos muita coisa para avançarmos. Nós passamos muito tempo com a nossa ação truncada, muito subordinada a um ou a outro bloco. Mas agora temos que crescer e nos ajudar mutuamente. É com este espírito que eu sinto orgulho de estar no Chile, de ter participado de tantas reuniões com o presidente Lagos e de poder estar aqui com os empresários chilenos.

No mês passado, eu fui aos Estados Unidos fazer um debate com investidores e eu estava preocupado porque é que, de vez em quando, aparece o risco-Brasil. Vocês sabem que quando nós ganhamos as eleições, o risco-Brasil estava em 2 mil e 400 pontos, agora está em 500 pontos. Mesmo assim eu fico me perguntando: que risco? Nós não temos terremoto, não temos vulcão, não temos guerrilhas, não temos maremoto, não temos neve, muito menos guerra. Ou seja, onde está o risco?

Bem, eu acho que essas empresas, na medida em que vão percebendo o comportamento dos governantes, vão percebendo que há seriedade. E nós fizemos a combinação de uma política fiscal dura, para não gastarmos mais do que a gente arrecada. E isso eu quero dizer para vocês, com todo o carinho, que a gente não aprende apenas na universidade, a gente aprende dentro da casa da gente. Eu sou filho de uma mulher que morreu aos 64 anos, analfabeta, mas que nunca fez uma dívida que não pudesse pagar. Ela morreu sem ter um televisor, porque achava que não podia pagar e não ia fazer dívidas. Para governar é a mesma coisa, você só pode se endividar até onde pode pagar. Se você não pode pagar, pára, porque senão você vai deixar para um outro. É preciso ter responsabilidade nessa coisa, porque você não está lidando com o seu dinheiro.



E nós, no Brasil, tomamos essa atitude. A atitude de fazermos todas as reformas no primeiro ano de governo. E vocês sabem que não foi fácil, porque aqui foi feita reforma na Previdência. Apesar das brigas que eu tive com os meus companheiros, que são da minha origem, nós fizemos a reforma da Previdência porque era preciso fazer. Fizemos a reforma tributária porque era preciso fazer.

A Dilma vai falar sobre o marco regulatório do setor energético, que foi unanimidade entre os empresários. Vamos fazer o marco regulatório do saneamento básico. Mandamos um projeto de Parceria Público-Privada para o Congresso Nacional, porque nós queremos não apenas que a economia brasileira seja aberta, nós queremos que ela seja aberta de forma responsável, sem destruir a seriedade da relação que nós temos que ter com os nossos parceiros.

É por isso que quero terminar dizendo aos empresários brasileiros e aos empresários chilenos: vocês não têm que ter medo de serem grandes; vocês não têm que ter medo de virarem empresários multinacionais; aliás, eu acho que nós seremos mais fortes e mais respeitados no mundo dos negócios na hora em que nós tivermos muitas empresas multinacionais andando pelo mundo afora.

É com este desejo que eu quero me despedir de vocês, porque tenho outro compromisso agora com o presidente Lagos. Quero dizer a vocês que acreditem que no Brasil nós não vamos fazer brincadeiras com a economia. O povo brasileiro já perdeu muito, o povo brasileiro já perdeu demais. Eu digo sempre que, possivelmente, eu seja o único presidente do meu país que não tem o direito de errar. Porque todo mundo entra, erra, vai embora e não acontece nada.

Acontece que a hora em que eu deixar o governo, eu vou voltar para minha casa, a 600 metros do sindicato onde eu fui presidente, que é o sindicato mais organizado do país, com quem eu mantenho vínculo até hoje. E se tem



uma conquista que eu quero ter quando deixar o meu governo, é poder olhar os empresários brasileiros, é poder olhar os trabalhadores brasileiros de cabeça erguida, dizendo para eles: eu posso não ter feito tudo, mas, certamente, eu fiz o máximo que o mandato de um presidente permite que eu faça.

É com essa seriedade que nós, do Brasil, queremos aperfeiçoar as relações com os empresários chilenos, com o governo chileno e com a sociedade chilena.

Muito obrigado e boa sorte para vocês.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro de famílias do programa Chile Solidário, com os presidentes do Brasil e Chile

Santiago-Chile, 24 de agosto de 2004

Vocês percebem a emoção que um brasileiro sente quando está no Chile, ainda mais quando estamos numa região em que, há muitas décadas atrás, o povo mais pobre do Chile homenageou um presidente da República do Brasil. E ainda mais quando temos a oportunidade de conhecer o programa Chile Solidário. Por isso eu queria dizer umas poucas palavras. Nós, que governamos países da América Latina e da América do Sul, vivemos constantemente problemas sociais de muita profundidade. Muitas vezes, herdamos dificuldades de décadas e décadas. E nem sempre temos todo dinheiro que necessitamos, nem sempre conseguimos contentar a todos.

O importante na governança de um país é que a gente faça o máximo que podemos fazer para dormir com a consciência tranqüila de que estamos fazendo a política correta para ajudar as famílias mais pobres do nosso país. E eu penso que isso está acontecendo no Chile e está acontecendo no Brasil. Só que o número das pessoas do Brasil, presidente Lagos, é infinitamente superior.

Eu assumi o compromisso, Presidente, de até o final do meu mandato, atender 11 milhões de famílias que vivem abaixo da linha da pobreza. Isso significa 44 milhões de pessoas. E eu sou um cristão que tem muita fé. Acredito na capacidade de trabalho do povo brasileiro e estou convencido que nós vamos conseguir cumprir a promessa que fizemos ao povo brasileiro.

O presidente Lagos e eu vamos a Nova Iorque no dia 20 de setembro participar de um encontro com mais de 50 chefes de Estado, para discutir a questão da fome no mundo. São mais de um bilhão de seres humanos que



passam fome. E a fome é a maior arma de destruição em massa que nós temos, hoje, no Planeta, porque ela mata velhos mas, sobretudo, porque mata crianças inocentes que, muitas vezes, quando não morrem ficam com alguma deficiência física ou mental. Muitas vezes, assistimos na televisão ou no rádio, governos de países que têm mais dinheiro gastando em coisas que não têm a mesma importância que o combate à fome. Se nós gastássemos apenas uma pequena parte do dinheiro que se gasta em armas no mundo, ou do dinheiro que se gasta em guerra, no mundo, certamente nós acabaríamos com a fome. E nenhuma mulher e nenhuma criança iriam dormir sem comer um prato de comida.

Nessa reunião de Nova Iorque nós vamos tentar discutir com outros presidentes a criação de um fundo internacional para ajudar os países mais pobres a se desenvolver. E eu penso, presidente Lagos, que o depoimento que eu presenciei, de duas mulheres, é o exemplo mais vivo de como, com pouco dinheiro, a gente pode dar cidadania a uma família. E eu acho que o programa Chile Solidário pode ser exemplo para tantos e tantos países no mundo; pode ser exemplo para o Brasil, pode ser exemplo para muitos países africanos. O que é importante é que a gente comece a divulgar todas as nossas experiências. Nós temos muitas políticas públicas, no Brasil, e certamente outros países também têm muitas políticas públicas. Na hora em que começarmos a juntá-las, e através de um fundo de desenvolvimento começarmos a adotá-las em todos os países, quem sabe, presidente Lagos, Vossa Excelência deve ter aí uns 40 anos de idade, eu já tenho 58, quem sabe, nós ainda vamos ter o privilégio de, antes de morrer, poder acordar um dia e perceber que os países da América do Sul e da América Latina deixaram de ser exemplo de regiões pobres e passaram a ser exemplo de regiões desenvolvidas, onde todas as crianças têm escola, onde todas as pessoas têm oportunidade de trabalhar e onde todo mundo possa comer, pelo menos, três vezes ao dia.



Portanto, meus agradecimentos por esta oportunidade. Eu queria, aqui, lembrar, Presidente, que tem duas senhoras e um senhor com uma homenagem ao Pelé e ao Coutinho.

Quero parabenizar o povo chileno pelas duas medalhas de ouro e quero dizer a vocês que é muito prazeroso para o Presidente do Brasil poder ter orgulho de dizer da boa relação que nós temos com o Chile e, sobretudo, quando o Chile é presidido por um homem com a seriedade, o caráter e a honradez do presidente Lagos.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de imposição da condecoração da Ordem Nacional do Mérito do Equador no grau de Grande Colar

Quito-Ecuador, 24 de agosto de 2004

É com profunda emoção que recebo essa prestigiosa condecoração e agradeço de pronto as generosas palavras do presidente Gutiérrez.

Para nós brasileiros, todos os gestos de apreço e amizade, todos os símbolos de deferência e distinção ganham uma dimensão especial, aqui, no Equador.

Essa homenagem é ainda mais significativa porque a condecoração com que sou agraciado é a Ordem Nacional “Al Mérito”. Ela recorda os eventos e heróis da histórica Batalha de Pichincha, de 1822.

No mesmo ano em que o Brasil conquistava seu lugar entre as nações soberanas, o Equador confirmava sua vocação para a independência, declarada mais de dez anos antes. Receber a Ordem Nacional é, portanto, a um tempo, uma honra e um desafio.

Uma honra, pois evoca homens e mulheres, a começar por Antonio José de Sucre, que não hesitaram em dar fortuna e vida pela causa do povo equatoriano e pelo sonho da liberdade.

É também um desafio, pois a visão e o destemor dos primeiros patriotas equatorianos continuam a nos chamar à luta para construirmos uma comunidade Sul-Americana de nações que reforce a nossa capacidade de atuar e negociar internacionalmente, sem antagonismos desnecessários, mas com altivez e conscientes de nossos direitos.

As transformações são necessárias para cumprir as promessas de 1822, de fazer do Brasil um país plenamente soberano e confiante no seu futuro. De construir um país mais forte e justo.



O ano de 1822, que a condecoração evoca, é o ideal de justiça e liberdade que unem os nossos destinos e os nossos povos. Lutaremos juntos, Brasil e Equador, por uma América do Sul cada vez mais unida, mais democrática e mais solidária.

Portarei com grande honra essa insígnia que recorda nosso compromisso solene de continuar a lutar pelos ideais do Libertador.

A fraternidade continental que inspirou o marechal Sucre continuará sempre a servir de exemplo para minha conduta à frente da Nação brasileira.

Muito obrigado, amigo Lucio.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no jantar em sua honra, oferecido pelo Presidente do Equador, Lucio Gutierrez

Quito-Ecuador, 24 de agosto de 2004

Retorno com grande satisfação ao Equador.

Vim a Quito para a posse do presidente Gutiérrez, pouco depois de haver assumido a Presidência do Brasil.

Quis mostrar a solidariedade que nos unia, num momento de grandes esperanças para os nossos países.

Volto agora para reafirmar aquela comunhão de ideais e de compromissos.

Passados quase dois anos, os desafios e as expectativas permanecem. Mas já avançamos muito.

Nossas economias voltaram a crescer.

Como no Brasil, o Equador adotou, sob a sua liderança, amigo Presidente, medidas duras para reduzir a vulnerabilidade externa e recuperar a credibilidade internacional.

Mas, como disse o presidente Gutierrez: “a economia deve estar a serviço do povo”; não o contrário.

De nada adianta o crescimento se não traz ganhos efetivos para a qualidade de vida dos mais vulneráveis.

Nossos governos estão tomando medidas enérgicas para que o desenvolvimento beneficie a todos.

Senhor Presidente,

O Equador é um país rico, dono de uma biodiversidade única. Localizado na metade do mundo, é porto estratégico para a navegação internacional.

Seu povo, herdeiro de grandes realizações, é o parceiro com quem meu



governo deseja trabalhar.

Amigo Presidente,

Os instrumentos que amanhã firmaremos, revelam o novo estágio de nossas relações. Mostram possibilidades nos campos da saúde, da energia e de ciência e tecnologia e de infra-estrutura como um todo.

Temos importantes parcerias a comemorar. Começaram finalmente as obras da Hidrelétrica San Francisco.

O financiamento de US\$ 243 milhões do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social brasileiro, permitirá a realização de um sonho de 30 anos: levar energia, água e desenvolvimento econômico para uma região carente do Equador.

A Petrobras quer contribuir para que a indústria petrolífera do Equador continue sendo um fator de desenvolvimento e de segurança nacional.

Não lograremos o desenvolvimento sem uma integração dinâmica e eqüitativa. Uma integração sem hegemonia, mas com fraterna solidariedade.

Pensamos que o comércio deve ser uma via de duas mãos.

Convidamos o Equador a participar do programa de Substituição Competitiva de Importações para ampliar suas exportações ao Brasil.

Senhor Presidente,

Nossos destinos estão ligados aos de nossos vizinhos.

Brasil e Equador estão determinados a ajudar a transformar o nosso continente em uma Comunidade Sul-Americana de Nações. Um grande espaço político e econômico da Amazônia à Patagônia.

O acordo entre o Mercosul e os países andinos abre caminho para tornar realidade o sonho de um continente economicamente próspero, socialmente justo e politicamente estável.

Estimulará negócios e projetos de cooperação que vão além da relação comercial. Fomentará a circulação de bens e serviços, mas também de pessoas.



Nosso acordo com o Peru e a Bolívia para dispensar passaportes aos cidadãos de nossos países é o exemplo que queremos seguir com outros países, como com o Equador.

O Brasil tem de mostrar ousadia, flexibilidade e generosidade. Conhecemos as assimetrias entre os nossos parceiros.

Vamos assegurar que países de menor desenvolvimento possam exercer ao máximo suas potencialidades.

Nossa comunidade não prosperará sem uma rede moderna e eficiente de infra-estrutura: transportes, energia, comunicações.

Brasil e Equador têm papel estratégico nessa tarefa. Queremos a interconexão entre as regiões amazônica e andina e aproximar o Atlântico do Pacífico.

Conforme prevê o presidente Gutiérrez, o projeto de ligação Manta-Manaus converterá o Equador em eixo central de transporte entre a Ásia e a Europa, tendo a América do Sul como ponto focal.

Meu caro Presidente,

A Nação Sul-Americana que estamos conformando se afirma no cenário internacional.

O Grupo dos 20, que contou em Cancún com uma participação ativa do Equador, vem ajudando a reescrever a agenda da Organização Mundial do Comércio em matéria de produtos agrícolas.

Nossos países estão atuando para convencer a comunidade financeira internacional a aceitar os mecanismos inovadores de financiamento propostos pelo Grupo do Rio.

Por essa razão, atribuo importância ao apoio às propostas que apresentei a líderes mundiais em favor de uma revisão dos critérios de contabilidade do Fundo Monetário Internacional.

A superação dos entraves ao desenvolvimento requer firme atuação de nossos países, em defesa de regras mais justas e equilibradas não só no



comércio internacional.

Estamos fazendo a nossa parte com disciplina e maturidade. Por isso é inadmissível que países como o Equador sejam obrigados a desembolsar 40% de seu “pressuposto” para rolar a sua dívida externa.

O comportamento que estamos exigindo dos países desenvolvidos é o mesmo que impusemos a nós mesmos.

Buscamos um desenvolvimento que concilie crescimento econômico sustentável e inclusão social com aprofundamento da democracia e presença soberana no mundo.

Senhoras e senhores,

São essas as prioridades de meu governo. É com este espírito de confiança e de solidariedade que celebro a intenção comum de dar continuidade à aproximação e integração entre nossos países.

Por isso, convido a todos os presentes a erguer um brinde à saúde do presidente Gutiérrez e de sua esposa Ximena e à prosperidade do nosso querido povo irmão equatoriano.

Muito obrigado.



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o Presidente do Equador, Lucio Gutiérrez

Quito-Ecuador, 25 de agosto de 2004

A cooperação que estamos começando hoje abrirá novas alamedas na já tradicional e histórica amizade que une o Equador e o Brasil.

Nossas relações entram em fase de acelerada e crescente interação entre nossos governos, sociedades e instituições.

Em prazo relativamente curto, construímos um significativo entendimento em áreas relevantes para o desenvolvimento econômico e social.

A cooperação brasileiro-equatoriana se dá, prioritariamente, em torno de questões como a rede de proteção social, a saúde, a alimentação e nutrição e a avaliação de políticas sociais e de administração pública.

Vamos agora estender nossa cooperação aos setores de energia e telecomunicações.

Isso estimulará a interação empresarial entre os dois países, impulsionará a construção de uma verdadeira integração econômica e, portanto, da Comunidade Sul-Americana de Nações que almejamos.

Os Memorandos de Entendimento nos setores de telecomunicações e de energia, ora assinados, lançam as bases de participação dos setores privado e público brasileiros no desenvolvimento dessas áreas da economia equatoriana.

No caso de telecomunicações, o documento prevê o aprimoramento do setor no Equador, em especial o estabelecimento de programa de modernização da gestão das empresas estatais de telefonia.

Prevê, igualmente, o intercâmbio em matéria de regulação entre a Agência Nacional de Telecomunicação do Brasil e seu congênere equatoriano,



o Conselho Nacional de Telecomunicações.

O Memorando de Entendimento sobre Cooperação no setor energético visa, em primeiro lugar, a estabelecer as bases iniciais para a futura colaboração entre a Petrobrás e a Petroecuador, na exploração do petróleo e do gás natural.

Busca também promover entendimentos nas áreas de eletricidade e energias renováveis, com ênfase na tecnologia de aproveitamento do etanol, de forma a incentivar a reestruturação, a reforma regulatória e o desenvolvimento desses setores no Equador.

Nossa cooperação bilateral tem forte conteúdo social.

O Memorando de Entendimento que firmamos nessa área dará prosseguimento à colaboração que se vem consolidando entre Brasil e Equador com respeito ao tema da saúde.

A nova cooperação que lançamos hoje tem por objetivo a transferência, entre as partes, de conhecimentos técnicos na área de aleitamento materno e a criação de bancos de leite humano para a integração de ambos os países na futura rede latino-americana de bancos de leite humano.

Gostaria ainda de ressaltar que os atos hoje assinados têm significado mais amplo do que seus efeitos imediatos: reforçam nossa amizade e reafirmam o empenho de Brasil e Equador de trilharem o caminho que levará a uma América do Sul mais justa, próspera e coesa, e, portanto, mais firme em suas posições e respeitada no contexto internacional.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no almoço
empresarial oferecido pelo Presidente do Equador**

Quito-Ecuador, 25 de agosto de 2004

Ministros do Equador,
Ministros brasileiros,
Representantes de instituições financeiras do Brasil,
Empresários brasileiros,
Empresários equatorianos,
Embaixadores,

Eu não vou ler o meu discurso, porque depois do almoço, ler um discurso com tantas páginas, pode causar uma má impressão.

Eu só queria dizer, presidente Lucio, umas poucas palavras. Nós tomamos posse na Presidência da República no mesmo mês. O Equador foi o primeiro país que visitei depois de eleito como Presidente da República. E, por isso, eu me sinto à vontade para dizer algumas coisas que eu penso ser necessário que sejam ditas numa reunião com empresários, onde todos nós queremos discutir os avanços das relações econômicas, das relações científico-tecnológicas e das relações políticas entre os nossos países.

Durante muitos anos o meu Brasil, que é a maior economia do nosso continente, trabalhou muito voltado para os chamados países ricos. A nossa relação privilegiada sempre foi com a Europa e com os Estados Unidos. E era de se compreender que fosse assim, porque nós queríamos vender os nossos produtos e queríamos comprar máquinas e equipamentos de alto conteúdo tecnológico. E eles têm mais conteúdo tecnológico.

Mas isso teve um certo limite. Com a globalização do mundo, os blocos se formaram e os países chamados “em desenvolvimento” ficaram numa



situação um pouco... como se construir um bloco, se de um lado você tinha os europeus, do outro lado os Estados Unidos, do outro lado você tinha o Japão liderando o lado asiático? Na verdade, não sobrava espaço para os países, sobretudo, os da África e os da América Latina.

Não tem um único empresário no Equador, não tem um único empresário no Brasil, não tem um único político do Brasil ou do Equador que não tenha feito discursos contra os subsídios agrícolas nos Estados Unidos e na Europa.

E eu dizia ao meu Ministro das Relações Exteriores: enquanto nós estivermos reclamando dos subsídios, nada acontecerá. É preciso que haja uma ação conjunta de um grupo de países que demonstre aos países ricos que, embora queiramos continuar fazendo as melhores relações comerciais com eles, nós temos outros parceiros que pensam igual a nós e, portanto, poderemos construir uma nova força econômica no mundo, e poderemos, inclusive, criar uma nova geografia comercial no mundo. Parecia impossível dizer isso em março ou em junho do ano passado.

Mas o que aconteceu de maio do ano passado para cá? Vamos ver o que aconteceu: primeiro, nós recuperamos o Mercosul. O Mercosul estava numa situação muito frágil, porque estava frágil a economia brasileira e estava frágil a economia argentina. Por que estava frágil? Porque o peso nunca valeu um dólar, e porque o real nunca valeu um dólar. E os países do Mercosul passaram a ter, sobretudo, Argentina e Brasil, déficit comercial, ano após ano, durante quase 8 anos. E nenhuma economia sobrevive por tanto tempo de déficit comercial.

Nós começamos estabelecendo, primeiro, uma relação de confiança entre o Brasil e a Argentina, porque partimos do pressuposto de que se o Brasil e a Argentina estivessem bem, era possível a gente reafirmar, reatingir, reanimar o Uruguai e o Paraguai, e era possível começarmos a trabalhar com outros países da América do Sul, tentando fazer com que todos os países



ficassem sócios do Mercosul, onde poderíamos criar um bloco que representaria 350 milhões de habitantes e que representaria mais de 1 trilhão de dólares e que, portanto, poderia dar força para que nós pudéssemos fazer melhores acordos com o chamado “bloco rico”.

Nós começamos a perceber que tinha uma deficiência na relação entre os países da América do Sul. O Brasil faz fronteira com todos os países, menos com o Equador e com o Chile. Entretanto, nós sempre tivemos uma relação privilegiada com a Europa e com os Estados Unidos. E muito pouco com a América do Sul. E percebemos que o discurso que todos os políticos fazem da integração sul-americana, era falso, na medida em que não é possível ter integração se não tiver a carretera, se não tiver ferrovias, se não tiver portos e aeroportos, se não tiver hidrovias, ou seja, se não tiver como fazer transitar os seres humanos e os produtos que os seres humanos produzem, o comércio não é completo. Se o empresário do Equador tem que passar em Miami para fazer negócios com o Brasil, ele já faz em Miami. Se o do Brasil tiver que ir a Miami para poder vir a Quito, ele já faz em Miami.

Então, começamos a discutir a necessidade de começar a ver quais os problemas de infra-estrutura que poderiam unificar dois ou mais países, para que pudéssemos, então, não apenas fazer transitar os produtos e as pessoas, mas dar uma certa respeitabilidade geográfica ao nosso continente, para que nós parássemos de ser vistos como eternos países pobres ou em vias de desenvolvimento.

Eu penso que, se nós tivermos um pouco de ousadia, o século XXI poderá ser o século da América Latina e da América do Sul. Agora, se nós não tivermos ousadia e ficarmos cometendo as mesmas coisas que fizemos no século XX ou no século XIX, nós vamos chegar ao século XXII ainda tendo uma economia em vias de desenvolvimento. Por quê? Porque falta um pouco de auto-estima nos nossos governantes e nos nossos empresários. E quando eu digo governantes, eu me coloco na frente, para não dizer que eu não estou



falando mal de outro. Nós precisamos, primeiro, acreditar no potencial que nós temos. Segundo, nós temos que descobrir qual a similaridade que existe entre o Brasil e o Equador, o Brasil e o Peru; o Peru e o Equador; o Equador e o Uruguai. O que existe de similaridade e qual o potencial que nós temos para explorar nas relações dentre dois ou mais países.

E digo isso porque tenho defendido publicamente, e o Ministro das Relações Exteriores e o presidente Gutierrez são testemunhas, de que, para mim, relação comercial é uma via de duas mãos, é uma carretera de duas mãos. O país tem que comprar, mas tem que vender. E aqui não interessa que o Brasil tenha saldo comercial muito grande com países menores que ele. A nós interessa criar as condições para que a gente venda o necessário para aquele país, mas, sobretudo, que ele possa vender os seus produtos. A nós interessa que empresas brasileiras se implantem nos países menores e que produzam, aqui, ou que trabalhem, aqui, como parceiras, com empresas do Equador, do Uruguai, do Paraguai. Nós não queremos ter relação hegemônica, nós não queremos ser vistos como imperialistas, nós queremos ser vistos como parceiros para desenvolver um continente que já foi rico, que já teve muito ouro, que já teve muita prata, mas nos levaram tudo e continuamos pobres, mais pobres do que éramos quando conquistamos a nossa independência.

E isso está no comportamento de cada um de nós. Quando nós começamos a discutir isso, disseram para nós assim: “o Brasil vai brigar com os Estados Unidos?” Não. Não quero brigar com os Estados Unidos, porque os Estados Unidos mantêm uma relação histórica com o Brasil. E porque é, individualmente, o maior parceiro brasileiro. Mas eu quero que os americanos saibam que eu quero, para mim, o que eles querem para eles. Eu desejo, para a empresa brasileira, o que eles desejam para a empresa deles. O que o Equador deseja para as empresas do Equador ou para a agricultura do Equador, é aquilo que os americanos desejam para eles. Sabem por quê?



Porque nenhum interlocutor, nem da relação mais íntima de vocês, respeita um outro interlocutor que não se respeita. Na relação empresarial, na relação política, ninguém respeita quem não tem respeito. Se na mesa de negociação, nós formos negociar de cabeça baixa, já perdemos. Nós temos que ter altivez e acreditar na nossa capacidade de fazer as coisas.

Eu vou dar três exemplos para vocês: nós estamos com um processo na OMC contra os subsídios do algodão americano. Gastamos quase 6 milhões de reais com advogados. Diziam para nós que era loucura. Conclusão: nós ganhamos. E isso não vai beneficiar o Brasil, vai beneficiar, sobretudo, países pequenos da África que têm no algodão a base da sua economia. Entramos na Europa, entramos na OMC contra o subsídio do açúcar da União Européia. Diziam que era impossível ganhar. E depois, quando criamos, em Cancun, ano passado, o Grupo dos 20, a imprensa brasileira dizia que nós estávamos afrontando os americanos. E nós dizíamos que não. Nós queremos apenas dizer para os americanos e para os europeus que nós não concordamos com os subsídios agrícolas que eles impõem para os meus agricultores, para exportar os seus produtos; que nós queríamos o fim do subsídio.

Criamos o Grupo dos 20. A imprensa brasileira vendeu a idéia como se fosse uma derrota, porque iria ser um desastre. Mas, de repente, em Genebra, aconteceu o que ninguém imaginava que fosse acontecer: tanto europeus quanto americanos estão dispostos a rediscutir os subsídios agrícolas para os seus produtos.

Isso significa, num médio prazo, 220 bilhões de dólares em política comercial para os países em desenvolvimento. E por que eu estou dizendo isso para vocês? Porque eu penso que a América do Sul, os nossos empresários, não têm que ter medo de serem empresários multinacionais, não têm que ter medo de crescer, não têm que ter medo de fazer parcerias, não têm que ter medo de produzir. Eu até tomei uma cerveja que a Ambev está produzindo aqui, agora, e espero que caia no gosto do povo do Equador. Mas também tem



outras empresas de cerveja aqui, que certamente já estão no gosto dos equatorianos há mais tempo. Vocês vão ter que ser muito competitivos. Nós temos aqui a Camargo Correa, nós temos aqui a Odebrecht, nós temos aqui outras empresas brasileiras. Daqui a alguns anos estarão mostrando que é possível contribuir para fazer coisas que dêem ao Equador maior capacidade de desenvolvimento com a infra-estrutura de que este país necessita.

E o Brasil pode contribuir. Está aqui o BNDES, está aqui a Petrobrás, ou seja, o BNDES já veio aqui, em toda a carretera Quito-Guaiaquil. A Petrobrás somente faz a parceria mais profunda com a Petroequador. O que nós precisamos, é saber de uma coisa: que nós não queremos brigar com os europeus, nem com os americanos, nem com os chineses, nem com os índios, nós queremos estabelecer uma política comercial mais justa no mundo. Até quando nós vamos nos contentar em ser a parte pobre do mundo? Até quando nós vamos permitir que pelo fato de o Equador não ter fronteira com o Brasil, que seja diminuído o potencial de relação comercial entre o Equador e o Brasil? Quando não há fronteira geográfica, nós precisamos nos irmanar pela nossa vontade política, pelo nosso coração e por acreditar que este continente pode dar um salto de qualidade como deu a China; pode dar um salto de qualidade como deu a União Européia há 50 anos.

O que nós precisamos é acreditar em nós. E, da nossa parte, nós não mediremos sacrifício para tentar criar uma consciência de um bloco. Veja que eu falei pouco “latino-américa”, eu falava mais da América do Sul, porque eu queria falar mais de quem estava mais próximo.

Mas um acordo entre Mercosul e Comunidade Andina é um passo importante para o acordo que nós queremos fazer, até o final do ano, com a União Européia. Se fizermos um acordo com a União Européia, nós teremos dado um passo muito importante para que a gente consiga avançar no comércio internacional. Mas vai depender muito de nós.



E eu tenho dito aos empresários brasileiros, muitas vezes até meio grosseiro, de que eles precisam crescer, e crescer significa ter coragem de investir em outros países. Porque o BNDES está aí para financiar, muitas vezes, o investimento. Mas também não é só para investir e ganhar dinheiro, é fazer parcerias com indústrias menores dos países, para que eles também possam criar as suas indústrias e gerar empregos para a sua gente, no seu país.

É com essa vocação, meu querido presidente Gutiérrez, que eu vim ao Equador. E é com essa vocação que eu saio do Equador, dizendo para vocês: nós precisamos enfrentar os desafios. É possível fazer um encontro de empresários brasileiros e empresários equatorianos, no Brasil. É possível os empresários do Equador irem na Feira da Suframa, no dia 15 de setembro, em Manaus. É possível vocês fazerem uma feira aqui e trazerem os empresários brasileiros. Nós poderemos ajudar em muitas coisas. Estamos dispostos a ajudar. Os meus ministros estarão à disposição para contribuir. Nós temos tecnologia e nós precisamos saber onde é que nós poderemos nos ajudar, para que a gente cresça junto, se desenvolva junto e gere a riqueza de que os nossos países precisam.

Porque senão, sabe o que eu fico pensando, presidente Lucio? Nós temos um mandato de quatro anos. Aqui eu não sei se é quatro. No Brasil é de quatro anos. Se nós não fizermos uma política combinada, que permita... primeiro, uma política de ajuste fiscal dura, porque nenhum de nós pode gastar mais do que arrecada. Mas, ao mesmo tempo, nós temos que combinar essa política fiscal dura com a política de estabilização correta, com o controle da inflação. Mas o resultado de tudo isso tem que ser a política social.

Porque, se terminar o seu mandato e o meu mandato e a gente perceber que estava como quando nós entramos, para que valeu a pena ser presidente do Brasil e do Equador?



Então, esse desafio não é um desafio meu, é um desafio nosso, dos empresários. Esses dias eu fui para a televisão elogiar um empresário brasileiro chamado Abílio Diniz, dono de uma grande cadeia de supermercados. Por quê? Porque nós reduzimos os impostos para três produtos básicos: feijão, arroz e farinha de mandioca. E ele, imediatamente, foi para a televisão, chamou todos os fornecedores dele e pediu que os fornecedores dele reduzissem o preço para o consumidor. Empresários assim não só contribuem para ganhar dinheiro e desenvolver o país, mas contribuem para que o governo possa, num mandato de quatro anos, fazer um mínimo de justiça social.

Eu vou dizer para vocês uma experiência de vida que eu tenho. Muitas vezes os países não vão para a frente porque os governantes só pensam no seu mandato. O desenvolvimento do Equador passa pelo fato de você pensar no Equador daqui a 20 anos, no que vocês desejam que o Equador seja daqui a 20 anos. E isso vale para o Brasil.

Nós temos que pensar no Brasil para 20 ou 30 anos e começar a colocar cada tijolo agora, senão não dá certo. Senão, vai entrar presidente e sair presidente, cada um faz uma promessa melhor do que a outra, e você vai vendo, no frigar dos ovos, que se passam 10, 15, 20, 30 anos e as coisas continuam do mesmo tamanho: quem era pobre continua pobre, quem era rico continua rico. Alguns quebram, mas ainda continuam.

Então, nós precisamos mudar, por quê? Porque quando a América do Sul tiver desenvolvimento com justiça social, nós não vamos ter mendigos andando nas ruas de Quito ou nas ruas de São Paulo; nós vamos ter consumidores de primeira classe podendo comprar a roupa que nós fazemos, os sapatos que produzimos, a casa que fabricamos, o carro que fabricamos. Aí, sim, essas pessoas conquistaram a sua cidadania.

É por isso que eu queria dizer a vocês, empresários do Equador e aos meus amigos empresários do Brasil: o tempo não dá muita chance às mesmas



pessoas, se a gente não souber aproveitar.

O Brasil, vocês sabem, já teve muitas chances. O Brasil já teve momentos excepcionais na sua economia, de repente, o Brasil retrocedia. Eu digo sempre: a mim não será dada uma segunda chance. Porque qualquer presidente da República do meu país, ao deixar o cargo, ele vai para uma universidade ou vai morar no exterior e não tem problema. Eu não. Eu vou ter que voltar para minha casa, a 600 metros da Volkswagen, a 300 metros do Sindicato onde eu fui presidente. E o maior legado que eu quero deixar para o meu povo não é um viaduto, não é uma ponte, é a conquista do direito de andar de cabeça erguida na frente deles depois do mandato e dizer: “Não fiz tudo, mas fiz aquilo que era preciso fazer”.

Por isso, meus queridos companheiros, eu quero que vocês saibam que vocês têm um amigo no Brasil. Um amigo que sabe das dificuldades, mas um amigo que acredita que a América Latina tem uma chance, uma chance ímpar. Nós temos riquezas que não foram exploradas ainda por nós, nós temos que aproveitar as similaridades entre nós. Nós temos muita coisa, mas muita coisa para trocar de informações, para trocar de experiência na área de saúde, na área de educação, na área do transporte, na área da administração pública, nas universidades e muitas coisas. Entretanto, muitas vezes, nós preferimos ficar lamentando o que não temos do que valorizar aquilo que temos.

Com essas palavras eu quero dizer, meu caro presidente Gutiérrez, que foi uma alegria enorme poder estar em Quito outra vez. Foi uma alegria enorme, eu não conhecia a beleza de Quito. Eu não consigo entender como é que uma cidade como Palude, a parte histórica dessa cidade, não tem milhares de turistas toda semana, aqui. O Celso Amorim me dizia: “Já vim, aqui, várias vezes, e não sabia que Quito era tão bonita”. Essa é uma coisa que vale para o Brasil, vale para a Argentina, vale para o Uruguai, para o Paraguai. Nós, muitas vezes, não falamos as coisas que nós temos de bom. Muitas vezes se fala lá fora que o Brasil é o país do carnaval, o país do futebol ou o país de crianças



de rua. É verdade, nós temos carnaval, nós temos criança de rua, mas nós temos empresas competitivas como qualquer país do mundo; nós temos mão-de-obra qualificada como qualquer país do mundo; nós temos tecnologia para competir em muitas coisas.

É verdade que nós importamos da China conhecimento para lançar satélite, mas é verdade que nós exportamos para eles tecnologia para produzir avião. Então, nós precisamos, primeiro, acreditar em nós. Quando nós acreditarmos em nós, certamente daremos um passo excepcional no crescimento do Equador, do Brasil e de tantos países.

Com essas palavras, eu quero fazer um brinde ao meu querido amigo presidente Lucio Gutiérrez, e ao povo do Equador, aos empresários do Equador.

Viva o Equador!



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão solene extraordinária do Congresso Nacional do Equador

Quito-Ecuador, 25 de agosto de 2004

É uma honra poder me dirigir ao Congresso Nacional, onde os cidadãos do Equador - através de seus legítimos representantes - exercem as prerrogativas e os direitos que conquistaram em lutas memoráveis.

Aqui se afirmam cotidianamente valores fundamentais como os Direitos Humanos, a liberdade, a defesa do Estado Democrático de Direito, a busca da igualdade econômica e social e o exercício da vontade popular soberana.

Como ex-deputado, que participou na elaboração da Constituição de meu país, tenho claro o papel determinante dos parlamentos na construção de uma nação.

É no Parlamento que as forças vivas de um povo se encontram e convergem em direção a uma visão comum.

Nele se exercitam a tolerância e o respeito mútuo.

Assim, sinto-me profundamente honrado pela deferência do Congresso Nacional do Equador, ao interromper o recesso parlamentar para realizar esta Sessão Solene.

Quero agradecer a esta Casa, pela honra de me haver concedido a medalha “General Eloy Alfaro”.

Alfaro foi o grande construtor da Nação equatoriana.

Suas ambiciosas reformas, nos mais variados campos, lançaram as bases do Equador de hoje.

Homens como o General Alfaro, nos inspiram a moldar países capazes de realizar suas potencialidades, onde todos sejam cidadãos de primeira classe.

Senhor Presidente,



Senhores parlamentares,

Estou feliz de poder regressar ao Equador.

Esta é minha segunda visita a este país em pouco mais de um ano e meio de governo.

Quito foi destino de minha primeira viagem oficial ao exterior, em janeiro de 2003, quando aqui estive para participar das cerimônias de posse do presidente Lucio Gutiérrez.

No ano passado recebi também a visita do presidente Gutiérrez em Brasília. Nossos países souberam intensificar relações bilaterais, com base em iniciativas concretas.

Brasil e Equador partilham o entendimento de que a cooperação bilateral, inclusive no campo social, é instrumento importantíssimo de integração regional.

Essa cooperação na área social contempla hoje, prioritariamente, questões como a rede de proteção social, a saúde, a alimentação e a nutrição, a avaliação de políticas sociais e administração pública.

Logramos avançar também em iniciativas vinculadas a obras de infraestrutura neste país, como a Hidrelétrica São Francisco, projeto que conta com financiamento brasileiro da ordem de US\$ 243 milhões.

É motivo de satisfação para o Brasil poder participar de esforços concretos, que visam a dotar os equatorianos de melhores condições para seu desenvolvimento.

Nesta visita, estamos iniciando também ampla cooperação em matéria de energia e de telecomunicações.

Senhor Presidente,

Senhores parlamentares,

Quando assumi a Presidência do Brasil, fixei como meta de meu governo a busca de um modelo de desenvolvimento capaz de conciliar crescimento econômico sustentável e inclusão social.



Mais que isso: queremos que a inclusão social e a distribuição de renda sejam fatores decisivos do crescimento econômico e não apenas sua consequência.

A estabilidade democrática e o desenvolvimento econômico e social no Brasil e na região são fatores que se reforçam mutuamente.

Buscamos a participação de toda a sociedade e dos Poderes da República no projeto de um país próspero e mais justo.

Sabemos que, para levar a bom termo as reformas, é fundamental uma relação de confiança e respeito entre o Executivo e o Legislativo.

Num mundo crescentemente interdependente, é preciso valorizar os Legislativos, inclusive quanto ao fortalecimento da ação internacional do Estado.

Somos favoráveis a um permanente diálogo acerca das posições negociadoras conduzidas pelo Executivo. Isso não enfraquece o Presidente. Ao contrário, dá-lhe a legitimidade do apoio popular.

Queremos fortalecer o Mercosul e promover a integração plena da América do Sul. Queremos construir um Espaço Econômico Sul-americano da Amazônia à Patagônia que não se restrinja ao plano comercial e que integre políticas industriais, sociais, tecnológicas e culturais.

No último dia 13, tive a satisfação de comparecer à instalação, em Assunção, no Paraguai, do Tribunal Permanente de Revisão do Mercosul, destinado à solução de controvérsias no âmbito do bloco.

Trata-se de instrumento da mais alta importância no processo de integração, pois revela o amadurecimento institucional do Mercosul.

Consolida-se a decisão de nossos países de manter e ampliar o grande projeto de integração do Cone Sul.

Para nós, o Mercosul não é somente uma escolha. É nosso destino.

Vemos a integração sul-americana como imperativo histórico. Ela é necessária à promoção do desenvolvimento em toda a região.



Ainda no plano político, a criação do Parlamento do Mercosul tem sido discutida no mais alto nível. O exemplo do Parlamento Andino pode ser uma fonte de inspiração para esse objetivo.

Buscamos alcançar, na América do Sul, uma união sólida e equilibrada.

Ela deve trazer vantagens para todos, tornando viável o sonho de um continente unido e solidário.

Vivemos hoje um novo ambiente político, mais propício à retomada dos esforços de integração regional.

Meus colegas Presidentes do Mercosul e de outros países da América do Sul, entre eles o do Equador, têm-me transmitido uma profunda coincidência de visões sobre a importância de nossa aliança.

Ela é projeto estratégico para o desenvolvimento econômico e social de nossos países, no quadro mais amplo de nossas relações com toda a América Latina e o Caribe.

Nesse contexto, vejo com extrema satisfação a conclusão das exitosas negociações do acordo CAN-Mercosul.

Com a associação dos dois principais blocos do continente, forma-se uma aliança econômica estratégica que congrega uma população de cerca de 350 milhões de habitantes e um PIB de mais de 1 trilhão de dólares.

Damos, assim, passos concretos em favor da constituição de uma Comunidade Sul-Americana de Nações. Nela, cada um de nossos povos se beneficiará, como nunca, das enormes potencialidades e capacidades existentes na nossa região.

Queremos uma América do Sul com identidade própria, que emergirá nas relações internacionais como um pólo irradiador de paz, prosperidade, justiça social e democracia.

Meus caros parlamentares,

O Brasil tem se empenhado a fundo, em todas as negociações comerciais de que participa, para que os benefícios do livre comércio sejam



abrangentes.

Não podemos conviver com práticas comerciais injustas, contraditórias e, muitas vezes, hipócritas.

Defendemos um sistema internacional de comércio mais aberto, justo e eqüitativo.

Não queremos depender de arranjos privilegiados com países desenvolvidos, que distorcem o sistema internacional e nos condenam à eterna dependência de concessões desiguais e incertas.

Tenho repetido que a fome é, hoje, a principal arma de destruição em massa que ameaça a humanidade.

Por esta razão convoquei reunião de líderes mundiais comprometidos com a erradicação da pobreza e da fome no mundo.

Cinqüenta Chefes de Estado e de Governo já confirmaram presença em Nova York, no dia 20 de setembro próximo, para debatermos o tema.

Quero uma vez mais agradecer o apoio do presidente Gutiérrez a essa reunião à qual comprometeu-se a participar. Nossa parceria deve voltar-se para a construção de um mundo mais pacífico e seguro.

Foi esse o sentido que orientou a decisão brasileira de chefiar a Missão da ONU no Haiti, com a participação de tropas de vários países em desenvolvimento.

Na semana passada, tive a profunda emoção de presenciar em Porto Príncipe a partida de futebol entre as seleções do Brasil e do Haiti. Naquele espetáculo o medo foi substituído pela alegria, a violência pela salutar disputa esportiva.

Apoiamos nas Nações Unidas o “novo pacto” defendido pelo secretário-geral Koffi Anan, que almeja recolocar a ONU no centro dos debates sobre a paz e a segurança internacionais.

Defendemos uma ordem internacional justa e eqüitativa, amparada no multilateralismo.



Renovo meu agradecimento ao apoio do Equador à aspiração brasileira de ocupar um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU.

Senhor Presidente,

Senhores parlamentares,

Não é exagero afirmar que buscamos fortemente imprimir nova qualidade ao relacionamento do Brasil com seus vizinhos continentais. Estamos unidos por laços tradicionais de história, cultura e geografia.

Tenho me empenhado, desde o primeiro dia do meu governo, para que esses vínculos não se limitem a gestos retóricos de boa vizinhança.

Estou certo de que esse sentimento é compartilhado pelo Equador.

Retornar a este belo país é uma celebração do orgulho e da confiança no que já realizamos juntos.

Minha presença neste Parlamento é a oportunidade para renovar o convite para continuarmos a alargar e fortalecer a amizade que sempre nos uniu, pois é nesta Casa que estão reunidas as forças políticas vivas, capazes de entender o momento que atravessamos e as expectativas de nossas sociedades.

Meus parabéns, muito obrigado, e viva o povo do Equador.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de comemoração dos 50 anos da empresa Caterpillar Brasil**

Piracicaba-SP, 30 de agosto de 2004

Meu caro Geraldo Alckmin, governador do estado de São Paulo,
Meu caro José Machado, prefeito da cidade de Piracicaba,
Meu caro William Rohner, presidente da Caterpillar do Brasil,
Senhor Steve Wunning, presidente do Grupo Caterpillar,
Embaixador Danilovich, embaixador americano no Brasil,
Senhor José Amaury, nosso querido ministro interino da Agricultura e
Pecuária,

Meu querido companheiro João Herrmann, deputado Federal,
Meu querido amigo Mendes Thame, deputado Federal,
Senhores secretários estaduais,
Senhores deputados estaduais,
Deputados federais,
Vereadores,
Prefeitos que eu vi aqui, de muitas cidades,
Meu caro José Luiz, presidente do Sindicatos dos Metalúrgicos de
Piracicaba,
Meus amigos,
Minhas amigas,
Funcionários e funcionárias da Caterpillar,

Que bom se nós pudéssemos viver em festa como estamos vivendo
hoje. Mas, quando um presidente da República, ministros, deputados,
governadores, saem da sua atividade normal, nos seus gabinetes, e vêm
participar de uma festa como esta é porque nós queremos dar sentido a uma



coisa boa que está acontecendo no nosso país.

O Brasil está, mais do que nunca, aprendendo a gostar de si. Nós vimos ontem, na final do vôlei, quando o Brasil foi consagrado campeão olímpico, aqueles jovens todos, não apenas cantando o Hino Nacional, mas quando, muitas vezes, ficavam de boca fechada, e quando todos estavam abraçados à Bandeira Nacional. Isso significa auto-estima à flor da pele. Isso significa que se um povo não acredita nos seus valores, se um povo não acredita no seu país, tudo o mais será complicado e mais difícil.

Eu queria dizer para vocês que estou em Piracicaba revendo um amigo. Tive a alegria de encontrar, aqui, o meu companheiro Vilar, que foi presidente do Sindicato dos Bancários, que foi a primeira pessoa que me trouxe a Piracicaba, lá pelos anos de 78,79, quando o nosso querido João Herrmann era prefeito da cidade de Piracicaba. E, se não fosse esse ilustre visitante – que, na época não era ilustre – estar aqui, possivelmente a divergência entre o Vilar e o João Herrmann não terminasse naquela noite.

Quero dizer para vocês da alegria de passar dentro de uma fábrica e ver o sorriso, a alegria estampada na cara de cada funcionário. Eu digo sempre que não tem nada que possa dignificar mais um ser humano do que o trabalho. Nada! Nada dá mais sentido de cidadania a um ser humano do que trabalhar e, no final do mês, com o resultado do seu trabalho, sustentar a sua família.

E a gente vê, na cara das pessoas, a alegria, primeiro, de estar trabalhando, num país onde durante muito tempo o emprego esteve como um produto rareado. Minha alegria, Governador e dirigentes da Caterpillar, é que o melhor sintoma de que a economia brasileira está em franca recuperação é que, entre 1º de janeiro e 1º de julho deste ano, nós criamos 1 milhão 236 mil, 174 novos postos de trabalho. Postos de trabalho com carteira profissional assinada, com a dignidade que nós vimos estampada na cara desses funcionários e dessas funcionárias, sem contar a empregada doméstica, sem contar o serviço público, numa demonstração de que as coisas estão



acontecendo como todos nós desejamos que aconteçam. Por isso eu estou feliz. Estou feliz participando dessa comemoração de 50 anos da Caterpillar, uma empresa que contribui de forma exemplar para o crescimento do nosso país.

Vocês, trabalhadores, trabalhadoras e dirigentes da Caterpillar, certamente estão orgulhosos do trabalho que fazem e das poderosas e bonitas máquinas que constroem. Tenho falado, em várias oportunidades, que já ouvi de diversos empresários, nacionais e estrangeiros, inúmeros testemunhos, altamente elogiosos, sobre a qualidade e a dedicação do trabalhador brasileiro. Tenho mais uma vez diante dos meus olhos, aqui na Caterpillar, o exemplo concreto que motiva esses elogios. A crescente capacitação profissional do trabalhador brasileiro, aliada à competência e ao arrojo de nossos empresários, tudo isso é a expressão mais viva e forte da capacidade de vocês.

Fico feliz de estar numa empresa que é líder no seu ramo de atuação – um setor que está crescendo como um todo –, e que agrega, de forma constante e criativa, modernas tecnologias e competitividade à indústria brasileira, além de contribuir significativamente para o aumento e a diversificação de nossas exportações.

Sei que a Caterpillar tem lançado constantemente novos produtos no mercado brasileiro, obtendo certificações de excelência e recordes históricos de geração de emprego. E faz isso investindo no aprimoramento de sua força de trabalho, nos projetos sociais e no respeito ao meio ambiente, o que justifica a pujança, o espírito empreendedor e a elevada responsabilidade social desta empresa.

Meus amigos, minhas amigas,
Companheiros e companheiras,

Tenho certeza de que os recentes investimentos realizados pela Caterpillar são mais uma prova do grau de confiança que ela tem demonstrado nos novos rumos da economia brasileira. Estamos, felizmente, superando os



enormes obstáculos criados pela política recessiva. A economia voltou a crescer e a agenda do Brasil, hoje, já é a do desenvolvimento com inclusão social.

E, para isso, foi fundamental a recuperação da credibilidade internacional e a redução da vulnerabilidade externa do nosso país.

As fábricas e o comércio em geral estão vendendo mais. O emprego formal está aumentando. E, certamente, iremos criar muito mais empregos até o final do ano. Penso que os bons prognósticos de crescimento para 2004 – assim como para os anos seguintes –, são realistas e podem melhorar ainda mais. O desempenho de nosso setor exportador está fazendo história, marcando o início de uma nova era de desenvolvimento e prosperidade.

Da nossa parte, estamos fazendo o que é preciso fazer, com autonomia e maturidade, para que o nosso país avance neste novo ciclo de desenvolvimento sustentado: estamos fortalecendo o Mercosul e os laços com nossos parceiros latino-americanos; estamos construindo alianças estratégicas com vistas à criação de uma nova geografia comercial; estamos lutando nos foros internacionais para abolir os diversos tipos de protecionismo impostos pelos países mais desenvolvidos, e abrindo novos mercados por meio de uma política externa ativa e soberana.

E estamos, igualmente, fazendo da inclusão social um fator fundamental do nosso desenvolvimento, beneficiando o conjunto da população brasileira, em especial o povo mais pobre do nosso país.

Quero destacar que a renda dos trabalhadores já começou a se recuperar. E isso não somente é justo socialmente, como significa um poderoso estímulo para a nossa economia crescer mais ainda.

Meus amigos e minhas amigas,

Sempre que visito uma fábrica, relembro com emoção minha trajetória de vida. Foi numa fábrica que aprendi a dar o devido valor ao trabalho e aos resultados do esforço coletivo. Foi numa fábrica que me filiei a um sindicato e



me tornei líder sindical. Foi numa fábrica que adquiri consciência de que era necessário mudar o Brasil, objetivo maior do nosso governo.

Eu gostaria, portanto, nesse espírito de conagração, de renovar os meus parabéns aos trabalhadores, trabalhadoras e dirigentes da Caterpillar, desejando-lhes sucesso profissional e, em breve, muitas outras comemorações.

Queria dizer aos diretores da Caterpillar que vieram dos Estados Unidos para participar dessa festa de 50 anos de vida da Caterpillar no Brasil; dizer aos fornecedores, aos consumidores, aos clientes, aos trabalhadores e trabalhadoras dessa empresa e ao maestro Ernesto (inaudível) e a toda a sua orquestra, que nós estamos vivendo um momento que eu diria auspicioso para o nosso país.

O que nós estamos vendo, aqui, o que estamos assistindo, aqui, é uma coisa que poderemos assistir em algumas empresas que não tiveram a mesma sorte da Caterpillar, há algum tempo atrás, e que fecharam as suas portas por falta de mercado.

Foi assim que aconteceu com a nossa indústria naval, que agora estamos recuperando. Foi assim que aconteceu com várias indústrias brasileiras que produziam peças e materiais para locomotivas, vagões e ferrovias e que, agora, estamos recuperando.

Dizia ao governador que sábado que vem vou à Cobrasma, em Osasco, sexta-feira à tarde. E vou à Cobrasma por uma razão muito simbólica. Quando eu era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, em 78, o primeiro presidente da FIESP a visitar um sindicato foi Luiz Eulálio Bueno Vidigal que era, então, o presidente da Cobrasma.

Essa empresa fechou, faliu, nunca mais produziu nada. Agora, do ano passado para cá, voltou a funcionar na medida em que as ferrovias brasileiras começaram a se recuperar, e essa empresa já está com mais de 1.200 trabalhadores. E nós vamos lá.



A indústria onde eu trabalhei durante 21 anos, a Villares, que estava para produzir locomotivas na cidade de Araraquara, construiu uma fábrica, chegou a ter 3 mil trabalhadores, e essa empresa simplesmente fechou, porque o Brasil abandonou, praticamente, as suas ferrovias. Agora essa empresa voltou a funcionar, com outro nome, e já tem mais de mil trabalhadores.

Eu estou falando isso para dizer à Direção da Caterpillar que fiquem certos de uma coisa: não haverá falta de dinheiro para investimento na infraestrutura brasileira.

Possivelmente, há alguns anos, não se esperava que a economia brasileira voltasse a crescer tão rapidamente. E, mais do que a economia crescer rapidamente, possivelmente não se tivesse esperança de que as nossas exportações fossem dar o salto de qualidade que elas deram nesses últimos 20 meses.

E deram um salto de qualidade porque nós resolvemos não ficar esperando que os nossos clientes, que os nossos compradores viessem ao Brasil. Nós resolvemos sair no mundo para dizer que o Brasil não é apenas o país do carnaval; que o Brasil não é apenas o país do futebol; que o Brasil não é o país onde morrem mendigos no centro da cidade mais importante do Brasil; que no Brasil não há apenas criança de rua. O Brasil é tudo isso, mas o Brasil também é um país de indústria de ponta, de alta tecnologia, de trabalhadores preparados como vocês, aqui, na Caterpillar.

Com muito orgulho, não por ser o Presidente da República, mas por ser metalúrgico, este ano é o terceiro elogio que eu ouço empresários fazerem aos trabalhadores brasileiros. O primeiro foi em Genebra, quando o presidente de uma empresa alemã disse, num debate com 274 empresários, que na pesquisa feita pela Mercedes-Benz, os trabalhadores mais qualificados eram os trabalhadores da Mercedes-Benz do Brasil.

Depois, tive a oportunidade de a vice-presidente internacional da Ford, num encontro com mais de 600 empresários, em Nova Iorque, dizer



textualmente que ela tinha consciência de que todas as fábricas da Ford do mundo onde os trabalhadores produziam com mais qualidade e onde os trabalhadores tinham mais criatividade, eram exatamente os trabalhadores das empresas da Ford no Brasil.

E tive o prazer, pela terceira vez em poucos meses, de ouvir da Direção da Caterpillar, que os funcionários da Caterpillar do Brasil são, possivelmente, os que melhor produzem, os que têm mais criatividade e, possivelmente, fazem parte dos melhores funcionários de toda a Caterpillar, no mundo inteiro.

Isso é motivo de orgulho. Motivo de orgulho porque esses dias começou a sair uma propaganda na televisão falando da auto-estima do povo brasileiro, onde aparece o Ronaldinho e aparece o Herbert Viana, em outra, mostrando de um lado o pessimismo, os incrédulos, aqueles que não acreditam em nada ou acreditam que tudo será pior; aquele que já levanta achando que o dia vai ser péssimo, sem antes abrir a janela para ver como é que está o dia.

Pois bem, aquela campanha feita pela iniciativa privada, pelos publicitários do Brasil, era uma coisa que faltava para nós e que nós precisamos recuperar. Este país já foi a 8ª economia mundial. Quando nós éramos a 8ª economia mundial não tinha o Grupo dos Oito, era só o G-7. Quando nós caímos para 10º lugar, aí criaram o G-8, porque já não era mais o Brasil, possivelmente não coubesse um país latino-americano no grupo dos países mais ricos. Mas como nós somos brasileiros e não desistimos nunca; este país ainda vai voltar a ser a 7ª, a 6ª ou a 8ª economia do mundo para ver se os mais ricos vão diminuir o grupo dos privilegiados.

Em um debate que fiz em Nova Iorque, Governador, eu, junto com uns duzentos investidores, eu dizia para eles que o risco-Brasil aparece todo dia lá, a 500, 600, 700 pontos; já estive a 2 mil e 400, e baixou muito. Mas qual é o risco que um país como este oferece? Qual é o risco, com um povo extraordinário como este? Eu não diria um povo dócil, mas um povo civilizado, um povo que tenta resolver os seus problemas dialogando, conversando com



as pessoas. Nós não temos maremoto, não temos furacão, não temos vulcão, não temos guerra, não temos guerrilha. Temos uma democracia sólida, com instituições sólidas. Qual é o problema do risco-Brasil? Possivelmente, muita gente que avalia o risco do Brasil, não conhece o Brasil.

Eu queria pedir à Direção da Caterpillar que passasse a fazer uma avaliação do “risco-Brasil”, quem sabe, a partir daí, o nosso risco começasse a ser zero, porque todo mundo sabe que este país tem um governo que já deu demonstração de que honra os contratos e os compromissos assumidos. Mas, sobretudo, este país está convencido de que nós precisamos deixar de ser um país eternamente em desenvolvimento, para nos transformamos num país desenvolvido, num país capaz de gerar, do Oiapoque ao Chuí, trabalhadores com a formação profissional de vocês; trabalhadores que possam receber de outros empresários os elogios que a Direção desta empresa fez a vocês, de público, e a mim na conversa que tive com eles.

Por isso, eu quero parabenizar a Caterpillar. Dizer que, se depender de hidrelétricas, se depender de estradas, se depender de investimentos em infraestrutura para a Caterpillar crescer um pouco mais e contratar mais funcionários, podem começar a fazer a contratação, porque ela vai ter razão de sobra para isso.

Muito obrigado e meus parabéns pelos 50 anos da Caterpillar.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de premiação das “Empresas mais Admiradas no Brasil”, em comemoração do aniversário da revista Carta Capital

São Paulo-SP 30 de agosto de 2004

Meu caro Geraldo Alckmin, governador do estado de São Paulo,
Meu companheiro José Dirceu, ministro-chefe da Casa Civil, em nome de quem eu quero cumprimentar a todos os ministros que estão aqui,

Meu companheiro Mino Carta,

Meu caro Abram Szajman,

Meu caro Paulo Secches, presidente da InterScience,

Meus amigos, minhas amigas,

Meu caro Piva, presidente da Fiesp,

Meus amigos prefeitos,

Deputados,

Empresários premiados,

Como eu tenho um problema de horário no aeroporto de Congonhas, eu volto para Brasília hoje. Eu não vou ler o discurso, porque eu não posso perder o avião por minha própria culpa. Se fosse pela sua... Mas, eu queria dizer para vocês da alegria de poder participar de um evento em que a revista Carta Capital e a InterScience, que num critério muito próprio do século em que estamos vivendo, escolhem as empresas mais admiradas do Brasil.

E eu penso que para vocês, que receberam o prêmio, isso deve ter um significado muito importante. Eu fico imaginando o orgulho que cada um vai ter em colocar esse prêmio na prateleira, no escritório da sua empresa ou na sala de troféus, porque toda empresa tem uma sala de troféus. Esse prêmio, que é simbólico, num momento em que o Brasil está carecendo de bons exemplos,



num momento em que o país coloca a auto-estima do seu povo como um instrumento para que as coisas dêem cada vez mais certo no Brasil.

Eu penso que esse prêmio retrata um pouco do avanço que nós estamos tendo na sociedade brasileira. Eu digo isso, porque eu comecei a minha vida muito jovem, tendo reuniões com empresários. E eu fico imaginando, lá pelos idos de 1970, 74, 75, que era quase impossível acontecer um ato de conagração em que uma revista, com forte conteúdo de oposição a quem quer que estivesse no governo, premiasse um grupo de empresários pelas suas boas políticas de desenvolvimento dentro da empresa mas, sobretudo, levando em conta a relação dessas empresas com as políticas sociais que praticassem ou individualmente ou em parcerias com prefeituras, com governos do estado, com o governo federal. Então, é uma coisa muito nova.

E mais novo ainda, para a gente notar a evolução dos tempos, é numa reunião como esta, estar o nosso companheiro Marinho, presidente da CUT, sem nenhum constrangimento, mas como companheiro sabedor de que os trabalhadores têm um papel importante na qualidade das coisas que nós produzimos hoje e, sobretudo, na qualidade dos produtos fabricados no Brasil.

Hoje, Marinho – o Alckmin estava junto comigo em Piracicaba – foi a terceira vez que eu ouvi, este ano, uma coisa que me deixa orgulhoso. Primeiro, foi o presidente da Mercedes Benz, em Genebra, quando disse, de público, a 240 empresários de 39 países, que de todas as empresas da Mercedes Benz do mundo, a empresa de melhor qualidade de produto, dos trabalhadores mais qualificados, era a Mercedes Benz do Brasil.

Depois, eu tive a oportunidade de em Nova Iorque ouvir da vice-presidente mundial da Ford, num discurso para mais de 600 empresários, a afirmação de que era inigualável a qualidade e a criatividade dos trabalhadores brasileiros da Ford. E ela estava entusiasmada com a criatividade do povo baiano, por conta da empresa Ford, em Camaçari. E, hoje, o Alckmin estava



presente, quando o presidente da Caterpillar fez questão de afirmar que, numa pesquisa feita em todas as empresas do grupo mundial, os trabalhadores mais qualificados, mais produtivos, são os trabalhadores da Caterpillar no Brasil. Se fosse só um que dissesse, ficaria em dúvida; se fossem dois, eu ainda ficaria em dúvida; mas três, já dá para começar a acreditar que parte do sucesso dos prêmios que todos esses empresários ganharam, tem um pouco a ver com os trabalhadores que ajudam as empresas deles a serem as boas empresas que são.

Portanto, meus parabéns aos premiados. Eu pensei que a Petrobras ia ganhar, porque, pelo lucro que ela teve, eu falei: ela vai ter que ganhar alguma coisa. Eu sei que muitas empresas que ganharam o prêmio participam do programa Fome Zero, participam do programa de alfabetização no país, portanto, eu quero, de público, reconhecer o que eu tenho dito em quase todas as vezes que me pronuncio. O Estado, sozinho, não será capaz de resgatar a dívida social acumulada neste país. Ou nós encontramos um jeito de envolver o conjunto da sociedade brasileira, como cúmplice de uma boa política para que encontremos as saídas, ou o Estado, sozinho, não dará conta. E eu, de pronto, sei que todos vocês e, outros tantos que não estão aqui, são cúmplices no sentido de encontramos um jeito de melhorar a vida do nosso país.

Eu até dizia, hoje, na Caterpillar: o Brasil já foi a oitava economia mundial. Vocês estão lembrados que a gente não dava muita importância quando se falava: “o Brasil já foi a oitava economia mundial. É a oitava economia mundial.” Depende da política cambial, a gente cresce ou não. O dado concreto é que quando nós éramos a oitava economia mundial, não tinha Grupo dos 8, era G-7, ou seja, quase que como um impeditivo para um país do terceiro mundo chegar lá. Nós, agora, caímos um pouco, mas eu sou otimista que a gente pode recuperar. Hoje, eu dizia que a gente sonha em ser a oitava, a sétima, a sexta, e eu espero que quando a gente for ganhando posições, que eles não diminuam, G-8, G-7, G-6, G-5, G-3, G-2, porque aí nós já vamos



imaginar que é (inaudível) e aí não dá para aceitar. Fazer igual àquele cidadão que pegou o nosso corredor ontem pelo pescoço, para evitar que ele ganhasse a medalha.

Então, meus parabéns a vocês, de coração, o meu reconhecimento pelo tanto que vocês trabalham e ajudam esse país a ser um motivo de orgulho para todos nós.

E eu queria, meu querido Mino, terminar o meu curto e breve discurso, falando um pouco contigo. E eu sempre achei que, no Brasil, toda vez que uma pessoa se destaca em alguma atividade, muitas vezes se forma verdadeiro pacto de mediocridade, para não deixar o mais inteligente crescer ou evoluir. Na política existe muito isso. E o Mino Carta é um daqueles jornalistas que as pessoas podem concordar, as pessoas podem achar que ele é um italianinho presunçoso, podem achar o que quiser, mas os jornalistas que estão aqui, os empresários que estão aqui e mesmo os políticos que já foram citados de forma crítica, na Carta Capital, têm que reconhecer que em poucos momentos da história do Brasil, o país teve um jornalista da qualidade do Mino Carta. Com certeza.

O Mino, que criou a revista Quatro Rodas, o Jornal da Tarde, a revista Veja, a revista IstoÉ, o Jornal da República, e nesse eu já estava mais por dentro da situação, e o Mino que criou a Carta Capital. Possivelmente, em muitos dos lugares em que o Mino passou, ele tenha perdido o emprego por ser mais competente que o seu chefe. E chefe tem um defeito de não querer ninguém mais competente que ele. Agora, o que é importante, Mino, é que mesmo nos momentos de maior adversidade, nos momentos em que a gente não tem tanta certeza de que a nossa revista vai vender o tanto que a gente gostaria de vender.

Eu lembro quando o comandante Rolim era vivo. O Rolim era daqueles que, de vez em quando, acordava de bom humor e ficava na porta do avião para receber a gente. E um dia eu perguntei para ele: Por que vocês distribuem



a Carta Capital dentro do avião da TAM? Ele falou: “não só para ajudar o meu amigo Mino Carta, mas também porque é uma revista que fala diretamente às pessoas que viajam no avião da TAM.”

Eu digo isso porque o Mino Carta tem no seu caráter, na sua teimosia da sangüinidade italiana, aquilo que para muitos parece defeito, eu acho que é uma virtude do Mino, ou seja, eu posso perder uma revista, um cargo, o emprego, e eu lembro quando você foi mandado embora da IstoÉ. A gente pode perder qualquer coisa, Mino, mas continue como você é, não perca a sua dignidade e o seu caráter, porque isso conta profundamente na nossa passagem pelo planeta Terra. Todo o resto é secundário. Quando eu fui cassado, em 1979, com 50 e poucos dias, a gente não tinha mais o Sindicato, esse homem, que eu até então não tinha nenhuma relação de amizade muito íntima com ele, me aparece no Sindicato dos Metalúrgicos, na verdade, na Igreja Matriz de São Bernardo do Campo e me oferece – para que os metalúrgicos pudessem continuar produzindo os seus boletins com a marca do João Ferrador, história em quadrinhos – uma offset, uma máquina que, para o tempo, era moderníssima. E graças àquela máquina, nós não só recuperamos o Sindicato, como continuamos no Sindicato por mais dois anos e depois fomos cassados definitivamente.

Mas eu acho Mino, que a Carta Capital, faz a diferença. E eu acho que é uma boa política não ter a preocupação ou a disputa eminentemente de mercado. Eu acho que é preciso pensar na qualidade da informação que o povo brasileiro recebe, principalmente, num momento em que, muitas vezes, o denunciamento tem prevalência sobre a notícia e sobre a informação. Continue com essa seriedade, porque o Brasil só tem a ganhar com isso.

Meus parabéns a você Mino Carta,

Meus parabéns a vocês e que Deus permita que a Carta Capital continue sendo a revista séria e necessária que é.

Obrigado!



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o almoço em homenagem ao presidente da República de Moçambique, Joaquim Chissano

Palácio do Itamaraty, 31 de agosto de 2004

Excelentíssimo senhor Joaquim Chissano, presidente da República de Moçambique,

Senador José Sarney, presidente do Senado Federal,

Ministro José Paulo Sepúlveda Pertence, presidente do Tribunal Superior Eleitoral,

Senhor Leonardo Santos Simão, ministro dos Negócios Estrangeiros e Cooperação de Moçambique,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,

Senhores ministros membros da delegação de Moçambique,

Senhores ministros e ministras do Brasil,

Senhores embaixadores,

Senhores parlamentares,

Meus amigos e minhas amigas,

Retribuo com viva satisfação a generosa hospitalidade com que fui acolhido em Moçambique, em novembro passado.

São os gestos de um povo com o qual construímos um sólido patrimônio de fraternidade e afeto, que só a nossa língua é capaz de traduzir. Um povo que conquistou nossa admiração ao forjar uma nação forte e soberana dos escombros da guerra e do ódio. Que se libertou da herança amarga do colonialismo para construir um país em paz com sua história e voltado para o futuro.

Ao lado de líderes como Samora Machel e Eduardo Mondlane, o



presidente Chissano soube, com clareza de propósitos, inspirar seu povo no caminho de reconciliação e de reconstrução.

O Brasil junta-se a Moçambique para comemorar esse feito.

Ao passar a presidência do país nas próximas eleições, Vossa Excelência deixa uma nação com instituições democráticas consolidadas. Vossa Excelência deixa uma nação confiante. Com determinação e trabalho, foi possível sonhar com um futuro melhor.

Os altos índices de crescimento econômico alcançados por Moçambique são prova de que o continente está reencontrando seu rumo.

Foi essa a mensagem que Vossa Excelência deixou ao encerrar seu mandato como presidente da União Africana. Sua defesa da ordem constitucional é um chamamento para que a região erradique os conflitos armados que têm ceifado tantas vidas. Sob sua inspiração e comando, o Conselho de Paz e Segurança assumiu a responsabilidade pela estabilidade na região.

Nas crises em São Tomé e Príncipe, em Guiné Bissau e na República Centro Africana, a África mostrou que está empenhada em prevenir e conter seus conflitos. O Brasil, no exercício da presidência da CPLP, se orgulha de apoiar esses esforços.

Senhoras e senhores,

A comunidade internacional começa a descobrir o que o Brasil sempre soube: o enorme potencial de Moçambique e de sua gente. O país entrou, definitivamente, na rota dos grandes investimentos.

A Companhia Vale do Rio Doce, com apoio financeiro do BNDES, deseja engajar-se na exploração do carvão de Moatize e no desenvolvimento social do Vale do Zambeze. Acreditamos no potencial desses projetos, sobretudo porque acreditamos em Moçambique.

Por essas razões, assinamos o acordo que consolida o compromisso brasileiro de reduzir a dívida de Moçambique com o Brasil. Com essa mesma



confiança, estamos revigorando programas de cooperação nas áreas de educação, agricultura, esportes, meio ambiente e administração pública.

Esses projetos ajudarão Moçambique a desenvolver a capacitação técnica para responder aos desafios do desenvolvimento sustentável. Reitero, por isso, o compromisso do Brasil em instalar, em Maputo, fábrica de anti-retrovirais.

Senhoras e senhores,

O grande comandante da resistência moçambicana, Samora Machel, costumava dizer: “a luta continua”. A colonização e o apartheid foram superados, mas persistem graves obstáculos à prosperidade de Moçambique e da África. Sua batalha por uma ordem econômica mundial mais justa e eqüitativa também é a do Brasil.

Estamos empenhados em combater o protecionismo. Essas vitórias nos foros multilaterais, sobretudo na área da agricultura, ajudam nossos pequenos produtores agrícolas a ganhar mercados e a reduzir a pobreza e a fome em nossos países.

A erradicação desses males é condição essencial para a promoção da paz. Não venceremos o terrorismo se não respondermos ao maior desafio de segurança internacional – a segurança alimentar.

Esta é minha mensagem a todos os foros internacional: precisamos desarmar a maior das armas de destruição em massa que é a fome. É essa a palavra que levarei ao Encontro de Líderes Mundiais, dia 20 de setembro quando, em Nova York, discutiremos esse assunto e, sobretudo, discutiremos estratégias internacionais de combate à pobreza.

Sua presença naquele evento, presidente Chissano, junto com mais de 50 líderes mundiais, é viva demonstração de que a comunidade internacional entendeu o desafio à frente.



Brasil e Moçambique compartilham o anseio por uma ordem internacional mais justa e eqüitativa. É essa a mensagem que levamos ao Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Renovo a gratidão de meu governo pelo apoio prestado por Moçambique ao nosso pleito de obter assento permanente naquele Conselho.

Senhor Presidente,

Alcançamos a maioria durante a Quinta Conferência da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, em São Tomé. Ficou claro que ela pode assumir seu papel na defesa dos temas que nos unem e aproximam.

Com esse objetivo, a CPLP definiu estratégias e linhas de ação comum com vistas à próxima Cúpula da Sociedade da Informação.

Com o mesmo sentimento, propus um diálogo entre o Mercosul e os países em desenvolvimento da CPLP para aumentar nossas trocas comerciais.

Por todos os motivos, o Brasil e Moçambique estão fadados a seguir cada vez mais unidos.

Esta é a mensagem que quero transmitir ao povo moçambicano.

Com esse espírito de confraternização, peço a todos os presentes que se unam a mim em um brinde pela prosperidade do povo moçambicano, pela intensificação das relações sempre fraternas entre o Brasil e Moçambique e pela saúde e felicidade pessoal do presidente Joaquim Chissano.

Muito obrigado.



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao Brasil do Presidente de Moçambique, Joaquim Chissano

Palácio do Planalto, 31 de agosto de 2004

Excelentíssimo senhor Joaquim Chissano, presidente da República de Moçambique,

Senhor Leonardo Santos Simão, ministro dos Negócios Estrangeiros e Cooperação de Moçambique,

Meu caro companheiro Celso Amorim, ministro de Relações Exteriores do Brasil,

Senhores ministros membros da delegação de Moçambique,

Senhores ministros brasileiros,

Embaixadores,

Embaixadora,

Meus amigos e minhas amigas,

Os acordos que acabamos de assinar são um passo a mais na relação que queremos manter, cada vez mais forte, com o governo de Moçambique.

Todos vocês acompanham a nossa política externa desde que tomamos posse no dia 1º de janeiro do ano passado. E todo mundo, no Brasil, sabe da nossa decisão de termos, cada vez mais, uma política mais ousada, uma política mais positiva com relação aos países da África e, sobretudo, com Moçambique. Pelas nossas raízes históricas, pelo fato de falarmos a mesma língua e pelo fato de sabermos que o Brasil e os outros países têm uma dívida histórica com os países africanos.

E eu digo sempre que por mais que tenhamos feito, nós ainda não conseguimos pagar o que significou o trabalho de homens e mulheres livres na



África e que se tornaram escravos dentro do nosso país.

Dentre os acordos que nós assinamos, eu reputo o de maior relevância a reestruturação da dívida de Moçambique para com o Brasil. E felicito o ministro Palocci por ter cumprido um compromisso que já não é novo, é um compromisso que vem desde 2000, e que o reiteramos quando visitamos o presidente Chissano, no ano passado. E estamos cumprindo agora. Eu penso que isso pode servir de exemplo para que outros países da mesma magnitude do Brasil tenham os mesmos gestos para com outros países pobres do mundo, que, muitas vezes, têm uma dívida que todo mundo sabe que é praticamente impagável, mas essa dívida sempre funciona como uma espécie de espada na cabeça do devedor.

Então, eu penso que estamos abrindo um novo padrão de confiabilidade entre o Brasil e Moçambique.

Quero dizer ao presidente Chissano que nesse pouco tempo de governo foi possível verificar com todos os contatos que eu tive com países africanos e fora da África, a sua importância política, o papel simbolizando a recuperação definitiva da democracia que, a partir de Moçambique, o senhor tem permitido se espriar por todo o continente africano.

Este ano teremos eleições em Moçambique, e eu sei que Vossa Excelência não concorrerá à reeleição. E isso é mais uma demonstração de que vocês conseguiram, depois de 16 anos de guerrilha, depois do aprendizado de uma guerra, depois de muito sofrimento, vocês aprenderam a valorizar, como poucos, o simbolismo e o valor real do exercício da democracia.

Eu tenho mais dois anos de mandato. Dois anos e alguns meses. Independentemente de Vossa Excelência não ser mais o Presidente de Moçambique, esteja certo que nós, do Brasil, não iremos medir esforços para que a gente cumpra, não apenas os acordos assinados, aqui, mas acordos que assinamos em Moçambique, no campo da educação, do combate à Sida, no



campo da agricultura. Sobretudo, o Brasil pode e deve ajudar muito Moçambique: a Embrapa tem tecnologia para Moçambique, os empresários do campo brasileiro têm muito para contribuir com o desenvolvimento de Moçambique. E eu acho que o Brasil fará a sua parte.

Quero dizer ao presidente Chissano que é sempre muito difícil quando nós começamos a fazer política, que vamos nos irmanando com as pessoas, conhecendo mais profundamente as pessoas e descobrindo a importância que cada pessoa tem, nesse jogo político mundial muito complicado em que, às vezes, entramos no governo, terminamos um mandato e não conhecemos nem o nosso vizinho. Às vezes não conhecemos praticamente ninguém.

E eu fico imaginando o que uma liderança do seu porte vai fazer. O presidente Chissano, quando sair daqui, vai ao Rio Grande do Sul fazer uma visita a uma feira, que é a Expointer, uma das feiras mais importantes da América do Sul. Ele está interessado em conhecer um pouco a questão do gado zebu brasileiro, onde nós temos um grande rebanho e tratamos isso com alta tecnologia.

Só para se ter uma idéia, em 1964 – eu estou falando de 40 anos atrás – o governo brasileiro daquela época fez uma lei proibindo que o Brasil importasse embriões de zebu da Índia, porque alguns amigos do Presidente da época tinham comprado, já, praticamente, todos os embriões e não estavam permitindo a renovação do nosso rebanho. Somente no ano passado foi que nós conseguimos, depois de quase 40 anos, fazer importação de novos embriões da Índia, para que a gente possa renovar o nosso rebanho de gado zebu. Isso, o Brasil tem tecnologia e pode ajudar muito um país como Moçambique a se desenvolver, como temos, na questão da soja.

Agora, me preocupa saber que um homem da sua envergadura, da sua dimensão – num continente complicado, onde nem tudo ainda está resolvido – eu fico imaginando se é direito, ou é justo uma pessoa que conquistou a liderança e a representatividade junto aos países africanos, como o presidente



Chissano conquistou, ao longo de muitos anos, voltar para casa e cuidar de boi zebu.

Eu acho, meu caro Celso, que nós vamos ter que trabalhar muito para encontrar uma atividade, eu diria, um pouco maior do que essa e eu acho que é com justeza que se faz isso, porque ele me dizia que a primeira vez que ele voou de avião foi em 1960. A primeira vez em que eu voei, foi em 1975. Ele já tinha 15 anos de luta a mais do que eu. Certamente, não estava voando para passear, estava voando para ver como iria conseguir apressar a independência de Moçambique.

Eu espero que a gente tenha oportunidade, Presidente, de em Nova York podermos conversar um pouco, já que eu sou grato pela nossa relação, sou grato pelo apoio que Moçambique tem dado às pretensões do Brasil no Conselho de Segurança Nacional. Sou grato pela sua participação, em Nova York, no dia 20, para discutir a questão da fome.

Mas eu acho que não tem muito retorno, não. Pode se preparar, porque o Brasil vai aumentar muito a sua relação com os países africanos. Eu, até agora, só fui a sete países africanos, se contar os árabes africanos, eu fui a 10. E eu pretendo, todo ano, visitar um conjunto de países africanos, até ver se nós terminamos o mandato cobrindo, pelo menos, a grande maioria dos países africanos. Porque eu acho que o Brasil, pelo que representa, precisa estar sempre dando o exemplo de estendimento de mão àqueles que mais precisam.

Portanto, eu quero lhe dizer que nesse conjunto de ações que assinamos, hoje, têm um significado maior a questão da dívida, que o nosso querido Palocci assinou. Espero que ele já não esteja arrependido de ter assinado.

Mas eu acho que para nós é muito significativo esse ato. É muito importante. Esses dias fizemos o mesmo com a Bolívia e temos mais alguns países que nunca conseguirão pagar a dívida e que eu acho que nós temos que ajudar esses países fazendo um gesto como esse.



Qualquer coisa que eu fizer pela delegação e pelo presidente Chissano, ainda assim nós não conseguiremos pagar o carinho com que fomos tratados em Moçambique.

Eu estou muito otimista, torcendo e fazendo o que é possível para que a nossa Vale do Rio Doce possa conseguir ter o seu projeto aprovado e ser a ganhadora da concorrência pública que vai ter em Moçambique. Acho que os moçambicanos não se arrependem se a Vale do Rio Doce conseguir ganhar essa concorrência, porque além de explorar carvão, ela pode ajudar em outros projetos, porque a Vale do Rio Doce, além de ser uma grande empresa, tem participação de fundo de pensões. É uma empresa que tem um sentido e uma visão social muito grande.

Eu estou sabendo que Moçambique já recebeu um grupo de técnicos do BNDES, e que o banco se colocou à disposição para financiar projetos neste país. De forma que isso é apenas um pouco do pagamento do carinho que nós recebemos em Moçambique. E pode ficar certo, Presidente, que nós haveremos de avançar a cada ano um pouco, até que a nossa relação não seja apenas uma relação diplomática ou uma relação virtual, mas que seja uma coisa muito forte, de sangue, de um país que se reencontrou com o povo africano que fez esse país ser a maravilha que é.

Não sei se o senhor percebeu que a mistura entre os negros africanos, os portugueses e os índios brasileiros, fez com que essa miscigenação criasse esse povo tão bonito, que é o povo brasileiro. E isso é impagável. E, portanto, nós vamos passar muitos séculos devendo aos países africanos.

Muito obrigado, Presidente. Que Moçambique consiga consolidar todas as aspirações que motivaram a sua independência, que motivaram a sua participação política e que motivam todo o seu governo e o povo de Moçambique.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação

Declaração do Presidente da República
